

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

IJACIARA BARROS DE ABREU

**PERTENÇA RELIGIOSA E ATIVIDADES DE
PROMOÇÃO HUMANA
EM MURIBECA DOS GUARARAPES**

RECIFE/2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

IJACIARA BARROS DE ABREU

**PERTENÇA RELIGIOSA E ATIVIDADES DE PROMOÇÃO HUMANA
EM MURIBECA DOS GUARARAPES**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Ciências da Religião, pela Universidade
Católica de Pernambuco.

Área de Conhecimento: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. Newton Darwin de
Andrade Cabral.

RECIFE/2009

A162p Abreu, Ijaciara Barros de
Pertença religiosa e atividades de promoção humana em Muribeca
dos Guararapes / Ijaciara Barros de Abreu ; orientador Newton Darwin
de Andrade Cabral, 2009.
111 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria Acadêmica. Mestrado em Ciências da Religião, 2009.

1. Religião e sociologia. 2. Ação social. 3. Poder. 4. Cidadania.
5. Jaboatão dos Guararapes - Condições sociais. I. Título.

CDU 2:301

IJACIARA BARROS DE ABREU

**PERTENÇA RELIGIOSA E ATIVIDADES DE PROMOÇÃO HUMANA EM
MURIBECA DOS GUARARAPES**

Dissertação **aprovada** como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Marion Teodósio de Quadros – UFPE

Prof. Dr. Degislando Nóbrega de Lima – UNICAP

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral – UNICAP

Orientador

RECIFE/ 2009

Esperar que a promoção humana do povo se processe de fora, graças à ajuda dos poderosos, é expor o povo a desilusões incessantemente renovadas. [...] É indispensável que nosso esforço de educadores procure formar homens em função do próximo, da justiça e da ação social.

D. Helder Camara

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Luiz Gonzaga (*in memoriam*) e Juracy Barros (*in memoriam*), cujas presenças foram sentidas principalmente nos momentos de maiores atribulações; pela possibilidade desta existência, para com eles aprender o que significam dignidade, perseverança, honestidade e dedicação ao próximo.

Aos meus filhos, Mateus e Cíntia Barros, e ao meu esposo Paulo Roberto Abreu, que, certamente, foram os maiores incentivadores, sem o apoio imensurável dos quais eu não teria conseguido até aqui chegar. Esta conquista é nossa.

Finalmente, a todos aqueles que, anonimamente, estão nas periferias e locais mais adversos através de ações firmes e solidárias, aquecendo do frio, matando a fome, ouvindo, aconselhando, buscando soluções, criando alternativas, enfim, fazendo a diferença e mostrando que a construção de uma realidade mais justa não é um sonho inatingível.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela possibilidade de vencer tantas limitações que em mim existiam, e poder, hoje, conquistar o que jamais pensei ser possível.

Aos meus pais (*in memoriam*), que, em meio a tantas privações materiais, sempre priorizaram minha permanência nas salas de aula, deixando-me como herança a possibilidade de perceber a necessidade de sempre aprender.

À minha filha Cíntia, pela “dedicação exclusiva”, sempre que precisei dos seus conhecimentos informatizados, mesmo nas madrugadas varadas pela constante falta de tempo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Newton Cabral, por não ter desistido de mim. Sou-lhe grata pela postura firme, porém paciente, com que sempre me tratou, sendo, em muitos momentos, mais que um orientador acadêmico, um conselheiro, um amigo. Se eu fui a emoção, ele foi a razão que possibilitaram o resultado desta conquista. Com ele divido os louros da vitória.

Aos integrantes da banca examinadora, Profa. Dra. Marion Quadros e Prof. Dr. Degislano Nóbrega de Lima, pela acessibilidade, observações e sugestões valiosas que, certamente, só enriqueceram este trabalho dissertativo.

A todos os professores do Mestrado em Ciências da Religião, por terem partilhado conosco seus saberes acadêmicos, abrindo-nos a possibilidade de novos horizontes, aqui representados pelo Prof. Dr. Drance Elias, que, apesar das divergências teóricas, sempre se mostrou disponível e prestativo nas inúmeras vezes que a ele recorri.

Ao Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa, pela colaboração fraterna, ao realizar, neste trabalho dissertativo, a revisão das normas exigidas pela ABNT.

Aos colegas e amigos do Mestrado, pelos debates instigadores, carregados de entusiasmo e generosidade, possibilitando nosso crescimento intelectual. A todos, sem distinção, agradeço pela oportunidade de firmar novos laços de amizade.

Ao amigo Jardson Lemos, que foi decisivo para minha permanência no curso, no momento em que cogitei desistir. Geralmente não percebemos o valor de algumas poucas palavras e a grandeza de pequenos gestos. A ele, minha gratidão e respeito eternos.

Ao amigo Luiz Justino, pelas inúmeras demonstrações de apoio, pelas mensagens de incentivo nos momentos mais críticos dessa jornada acadêmica, mas, principalmente, pelo afeto gratuito e imprescindível nas amizades eternas.

A todos os entrevistados, que foram a alma e fonte inspiradora deste trabalho, pela disponibilidade, generosidade e paciência com as quais participaram e permitiram que

aqui expuséssemos seus exemplos. Cada um deles, em particular, foi para nós uma lição de vida.

A Telma Gomes, por permitir ser nossa senha de acesso em cada canto em que chegamos. Sem jamais demonstrar cansaço, foi ela nosso elo de ligação, nossa colaboradora primaz, nosso apoio constante.

A Aldiclere, minha cunhada-irmã, por acreditar que tudo seria possível e pela energia revitalizadora que dela emana. É um privilégio privar da sua companhia.

Aos amigos da Escola Humberto Lins Barradas, com quem pude partilhar minhas angústias, alegrias e incertezas, dos quais sempre recebi carinho, entusiasmo e uma atenção imensurável. A leveza dos momentos de descontração que proporcionaram foi um alívio nos constantes momentos de sono, cansaço e ansiedade.

À estimadíssima amiga Marleide Souza, a quem recorri com frequência sempre que seus conhecimentos linguísticos foram necessários, recebendo dela não apenas apoio acadêmico, mas, sobretudo, carinho e incentivo. A ela também devo o “abstract” deste trabalho dissertativo.

Enfim, aos alunos e ex-alunos que colaboraram com a feitura desta pesquisa. A eles eu quis ser exemplo, provando que todos nós, indistintamente, podemos conquistar um mundo além do que nossa vista possa alcançar, e que tempo a gente encontra quando existem determinação e perseverança, mas certamente, nesta tentativa, muito mais com eles aprendi.

RESUMO

No passado, Muribeca dos Guararapes, bairro periférico do Município de Jaboatão dos Guararapes, possuía grande influência econômica no Estado, consequência da grande produção açucareira. Hoje, estigmatizado como local violento e com uma população limitada por inúmeras carências socioeconômicas, o bairro, dividido em áreas bem definidas e com dinâmicas próprias, abriga muitos trabalhadores do Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca. Em meio a todos os problemas a que estão submetidas pessoas que vivem em locais como aquele, detectamos através de uma observação possível graças aos vinte e cinco anos de magistério lá exercidos, que existem pessoas no bairro, tomando para si a responsabilidade de fazer algo que minimize aquele estado de carências e proporcione condições para uma melhor perspectiva de vida, através de ações muitas vezes motivadas por ensinamentos religiosos, adquiridos nas diversas denominações religiosas lá existentes. As pessoas observadas são possuidoras de um carisma muito evidente, expresso nas ações sociais que praticam, embora, nem sempre sejam reconhecidas pelos seus pares. Divulgar as atividades de promoção humana daquelas pessoas é uma forma de evidenciar os valores obscurecidos de uma gente teimosa que tenta, através de pequenas ações, construir outra realidade.

Palavras-chave: Religião, ação social, realidade social, carisma e poder.

ABSTRACT

In the past, the suburb from the Jaboatão dos Guararapes' city, Muribeca dos Guararapes had a great economic trade in the state due to its large sugar production. Now, it has pointed as a violent area and with a limited population by innumerable social and economic need. The quarter is divided onto defined and self-dynamical areas. It also shelters many workers from the Solid Residues Center of Muribeca. In despite of all its matters that this people have been living on situations like those workers live. We have observed through the twenty-five years of teaching there. It is noticed that there are persons taking to themselves the responsibility to do something that may minimize the necessity and to provide better conditions and life expectation by plans and contributions helped by religious thoughts shown from many religious denominations. The people watched are detained with charisma, expressed on their social care they do, besides it has not always been accredited by their neighbors. Releasing this work from those people is a way to identify the unrecognized values from people who wants, by they small part, to change their reality.

Key-word: Religion, social action, social reality, charisma and power.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 NOVAS MÃOS TECEM OS FIOS DE OUTRA REALIDADE EM MURIBECA DOS GUARARAPES.....	13
1.1 Passado de glórias, presente de lutas: história de uma gente teimosa	13
1.2 Cidadania, religião e promoção humana: entraves e possibilidades em Muribeca dos Guararapes.....	28
2 RESISTINDO EM MEIO AO DESCASO GENERALIZADO: VILA DOS PALMARES, QUE HISTÓRIA É ESSA?	53
3 A DIFÍCIL REALIDADE DOS CATADORES DO ATERRO DE RESÍDUOS SÓLIDOS DA MURIBECA.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	108
APÊNDICE.....	111

INTRODUÇÃO

Muribeca dos Guararapes é um bairro do Município de Jaboatão dos Guararapes, mais conhecido, atualmente, pela violência que lá se instalou, embora esse seja um fato constatado em praticamente todos os bairros periféricos da Região Metropolitana do Recife.

No passado, Muribeca era o local que abrigava a riqueza advinda dos engenhos de cana-de-açúcar, que impunham respeito e reconhecimento por sua importância econômica desde as primeiras décadas da colonização.

A população, composta quase em sua totalidade por pessoas simples, orgulha-se das personalidades ilustres que lá viveram, e que são exaltadas na história do Município de Jaboatão dos Guararapes.

Ao observarmos o comportamento dos habitantes locais, verificamos que a baixa autoestima se instalou entre eles, devido, particularmente, ao estado de regressão socioeconômica a que o bairro está submetido, não os deixando perceber os muitos cidadãos que, embora estejam em uma situação desconfortável, agem de maneira contundente, tentando reverter o quadro de desacertos, provocado, principalmente, pelo descaso empreendido pelos governos que se sucederam durante décadas.

Há vinte e cinco anos, lecionamos em Muribeca dos Guararapes, vinte e quatro dos quais na Escola Humberto Lins Barradas, fato que nos despertou o interesse, como professora de História, para estudar e registrar o cotidiano daquelas pessoas que, para nós, eram tão familiares, mas que não conhecíamos o bastante, o que fizemos a partir da pesquisa desenvolvida. Segundo Gilberto Velho, nem tudo aquilo que nos é familiar podemos afirmar que conhecemos, uma vez que o familiar são as pessoas, coisas, ambientes que vemos e encontramos com frequência o conhecido são aqueles sujeitos e objetos dos quais sabemos suas funções, anseios, desejos, necessidades, crenças, hábitos, valores etc.¹, portanto, durante a pesquisa, procuramos conhecer melhor os atores sociais por nós selecionados e registramos suas atuações no bairro.

Detectamos, entre os moradores, grande fervor religioso, levando-se em consideração as denominações religiosas lá existentes, expressas, inclusive, no número de templos religiosos que cresce a cada dia.

¹ VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 126-127.

Evidentemente, em um bairro populoso como Muribeca dos Guararapes, existem pessoas que desenvolvem, positivamente, ações de intervenção de caráter humanista, sem que haja, no entanto, influência de ensinamentos religiosos em suas práticas. Porém foram as ações de pessoas que desenvolvem alguma função dentro de seus grupos religiosos e levam, para além das paredes de seus templos, o compromisso de ajuda ao próximo, ou apresentam fervor religioso evidente e se enquadraram aos propósitos da pesquisa que realizamos. Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho dissertativo foi detectar e analisar as motivações religiosas, presentes em pessoas envolvidas em atividades de promoção humana, no Bairro de Muribeca dos Guararapes.

Utilizamos como estratégia metodológica, a observação participativa, aplicação de questionário com a finalidade de ter um diagnóstico mais preciso da condição socioeconômica dos moradores, entrevistas com pessoas que desenvolvem atividades de promoção humana no bairro e literatura específica que desse suporte teórico às nossas considerações.

No que se refere à observação participante, ressaltamos que:

como o nome indica, representa uma estratégia de obtenção de dados em que o pesquisador participa intensamente do cotidiano dos pesquisados. [...] Enquanto técnica de obtenção de dados, a observação participante, pode ser desenvolvida de uma forma natural (investigador é efetivamente membro do grupo pesquisado) ou artificial (investigador se integra ao grupo para pesquisá-lo)².

Reconhecemos ser delicada a situação de um pesquisador que está diretamente envolvido com os sujeitos da pesquisa, porém procuramos, a todo instante, distanciar-nos deles emocionalmente, para que o resultado pudesse ser o mais científico possível, uma vez que reconhecemos a importância da vivência para o tipo de observação realizada. Quanto ao fato de pesquisarmos sujeitos com os quais convivemos, concordamos com a seguinte afirmação:

Insiste-se na idéia de que para conhecer certas áreas e dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo, pois existem aspectos de uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia³.

Os depoimentos orais, coletados separadamente e em dias diversos, cuja relação dos entrevistados se encontra em apêndice neste trabalho dissertativo, foram fundamentais para o resultado da pesquisa, pois utilizamos as suas falas para articular nossa impressão

² NASCIMENTO, Dinalva de Melo do. **Metodologia do trabalho científico**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Forense, 2002. p. 94.

³ VELHO, 1981. p. 123.

acerca do objetivo inicial deste trabalho. Salientamos que as entrevistas com Edna Oliveira e Janaína Santana foram realizadas no mesmo dia, devido à dificuldade em contatá-las anteriormente, uma vez que o acesso ao local onde elas foram realizadas, requer mais cuidado, em função de atos violentos que ali haviam ocorrido recentemente, o que justificou a presença de outros dos nossos entrevistados naquele local, para nos conduzir até lá com um mínimo de segurança. Situação semelhante ocorreu durante nossa visita ao Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, ocasião em que foram entrevistados os senhores Flávio de Melo e Itamar Gomes e a senhora Fátima Cintra, porém um por vez e em particular, para evitar constrangimentos ou inibições.

Ressaltamos que temos por escrito a autorização de cada um para divulgarmos seus depoimentos e nomes verdadeiros e que eles receberam uma cópia dos trechos em que seus depoimentos apareceram. Embora saibamos que o emprego de nomes fictícios é a prática mais comum, não vislumbramos quaisquer comprometimentos às pessoas dos entrevistados pelo procedimento por nós utilizado, bem como pelo fato de as questões postas não serem invasivas. Queremos salientar que escrevemos a partir do que eles dizem fazer e da observação realizada ao longo dos anos de convivência com os habitantes de Muribeca dos Guararapes.

A importância da utilização de depoimentos orais no tipo de pesquisa desenvolvida encontra respaldo na afirmação de

ser imperioso o uso dos depoimentos orais quando o objeto de estudos permite fazê-lo devido aos contributos que pode trazer. O recurso aos depoimentos evidencia, na questão da relação entre sujeito e objeto, a sintonia com uma das atuais tendências das Ciências Humanas e Sociais – a de valorizar a experiência dos sujeitos⁴.

Como fundamentação teórica, utilizamos Peter Berger e dele trabalhamos os conceitos de exteriorização, objetivação, interiorização e legitimação. Compreendendo a relação dialética entre os três elementos fundamentais para a formação da sociedade e que, nesse diálogo, os homens produzem a religião que influencia em suas atitudes e questionamentos, acreditamos ter conseguido explicar o comportamento dos moradores de Muribeca dos Guararapes por nós observados.

⁴ CABRAL, Newton D. A.. Entre a história e as ciências da religião: questões teórico-metodológicas sobre o trabalho com depoimentos orais. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**. Recife, v. 4, 2005. p. 207.

Também fizemos uso de aportes teóricos elaborados por outros estudiosos de Ciências da Religião e de áreas afins, quando distintos aspectos dissertativos em nosso trabalho o requereram.

Salientamos que optamos por não dedicar um capítulo exclusivo à fundamentação teórica, embora reconheçamos que, no capítulo I, essas considerações tenham sido maiores. O processo de fundamentação ocorreu à medida que houve necessidade no transcorrer dissertativo.

Delimitamos a área pesquisada em três partes distintas: histórica, Vila dos Palmares e o Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, por entendermos que tais áreas, apesar de fazerem parte do mesmo bairro, possuem dinâmicas próprias. Embora o bairro comporte vários sítios, não detectamos neles quaisquer atividades que se adequassem ao propósito deste trabalho.

O resultado da pesquisa se apresenta dividido em três capítulos: o primeiro refere-se à parte histórica, o segundo faz alusão à Vila dos Palmares e o terceiro diz respeito ao Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca.

De que forma a religião está presente no cotidiano dos moradores de Muribeca dos Guararapes? Os habitantes da Vila dos Palmares perderam a fé diante dos desmandos governamentais? É possível perceber a presença de Deus no meio do lixo? Os questionamentos supramencionados nos instigaram à pesquisa que resultou no trabalho dissertativo que se segue.

1 NOVAS MÃOS TECEM OS FIOS DE OUTRA REALIDADE EM MURIBECA DOS GUARARAPES

1.1 *Passado de glórias, presente de lutas: história de uma gente teimosa*

Quem chega pela primeira vez à Muribeca dos Guararapes sente a impressão de ter viajado no tempo, de volta ao passado. A rua principal, a da Matriz, conserva o casario antigo, com as ruas em paralelepípedo e, em suas calçadas, ainda podem ser vistos moradores sentados olhando o movimento dos transeuntes, ou simplesmente “jogando conversa fora”, como eles próprios costumam dizer. No início da manhã e ao final da tarde, pode-se observar o movimento do gado, que, “tocado” a caminho do pasto ou de volta para casa, desfila com tranquilidade, obrigando pedestres e motoristas a dar-lhe passagem. As crianças brincam nas ruas, alheias ao movimento dos poucos carros que por lá transitam. Esse é o panorama da área central do bairro, que possui outra área composta por sítios e uma terceira que compreende a Vila dos Palmares, uma favela que abriga pessoas em condições adversas ao que se pode definir como um local propício para viver. As três áreas apresentam-se bem definidas geograficamente com características socioeconômicas bastante particulares.



Na área histórica o gado desfila cotidianamente pelas ruas do bairro, alheio aos veículos e transeuntes

O bairro de Muribeca dos Guararapes possui grande importância histórica para o Município de Jaboatão dos Guararapes, localizado na Região Metropolitana do Recife, uma

vez que o citado município lá teve origem. Composto por engenhos que, já no século XVI, representavam o latifúndio monocultor, fonte do ouro branco e doce extraído da cana-de-açúcar, à custa do suor e sangue salgados, que escorriam de corpos fortes e maltratados da gente de pele negra, que atravessara o Atlântico, para aqui enterrar seus sonhos, subjugados ao lucro dos senhores, que, em suas terras, desfilavam altivos e impiedosos

População estimada em 12 mil habitantes, sua fundação data do século XVI, época inicial da colonização portuguesa, quando aquela rica região produtora de cana-de-açúcar rendeu aos latifundiários ali instalados e à Coroa Portuguesa destaque econômico e muito lucro. O então donatário de Pernambuco, Duarte Coelho Pereira, em 14 de fevereiro de 1568, doou ao alemão Arnau de Holanda, através de uma Carta de Sesmaria, uma data de terra que equivale a uma légua quadrada, correspondente a 43,56 quilômetros quadrados, para que o mesmo construísse um engenho no local e pagasse ao governo português 3% do açúcar produzido. O êxito não tardou a ocorrer. O Engenho recebeu o nome de Santo André e, já à época de sua fundação, foi construída, no local, uma capela em homenagem ao santo que a ele dava nome.

Após a morte de Arnau de Holanda, o Engenho Santo André foi desmembrado, sendo uma das partes vendida a João Peres, em 24 de setembro de 1577, e a outra ficou como herança para Agostinho de Holanda, filho de Arnau, que ergueu, em suas terras, o Engenho Novo da Muribeca. A propósito, a data de 20 de setembro de 1577 é considerada a da fundação de Muribeca dos Guararapes.

Ao chegar 1630, a região já contava com oito engenhos, sendo cinco movidos à tração animal e três movidos à água advinda dos rios, riachos e cachoeiras lá existentes. Dentre eles, encontravam-se o Engenho Santo Antônio, Engenho Nossa Senhora da Boa Viagem dos Guararapes e Engenho Megahipe⁵. Como consequência da riqueza produzida, o tão cobiçado ouro branco, no século XVII, a capitania de Pernambuco foi invadida pelos holandeses, tendo sido Muribeca dos Guararapes cenário para a Primeira Batalha dos Guararapes, de importância histórica tantas vezes relatada por historiadores, como de relevância para o sucesso da Insurreição Pernambucana, movimento que visava à expulsão dos holandeses das terras brasileiras. O povo jaboatonense orgulha-se da participação naquele episódio, tanto que ostenta, na divisa do município, uma placa alusiva ao fato, denominando Jaboaão dos Guararapes como o “berço da nacionalidade”, uma vez que na Insurreição Pernambucana, em tese, foi a primeira vez em que, no Brasil, houve a união das três etnias:

⁵ Encontramos a palavra Megahipe grafada de duas formas: Megahipe e Megaipe, porém, optamos por utilizar a primeira grafia encontrada.

índios, brancos e negros, em defesa do mesmo ideal. À época da invasão holandesa, 1637, para sermos mais precisos, quatro dos oito engenhos existentes em Muribeca dos Guararapes foram confiscados pelos holandeses.

Na localidade, foi erguida, em 1598, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, nas imediações da entrada atual do bairro. Ao final da mesma rua, foi erguida também a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. É natural que uma região que abrigou tantos engenhos, conseqüentemente um grande número de escravos e, posteriormente, de mulatos, possuísse uma irmandade no local. Uma vez que brancos e pretos não se encontravam na mesma irmandade, por comportamentos e visões de mundo diferentes, pois, para o branco participar de uma irmandade, era questão de tradição; já, para o negro, significava ter uma centelha de esperança em meio a uma situação de opressão, em um mundo que não lhe apresentava alternativas de mudanças favoráveis.

Sabemos que o surgimento das irmandades, confrarias ou ordens terceiras representa um elemento bastante significativo para o catolicismo colonial brasileiro, e para as pessoas que delas faziam parte. A constatação da existência daquelas igrejas e de uma irmandade no local é um indício de que a população era grande e tinha, sim, importância econômica, pois o governo colonial não empreendia esforços para a criação de igrejas, devido ao custo que teria com elas.

É sabido, porém, que as irmandades intrigavam a instituição eclesial e que várias foram as maneiras empreendidas para combatê-las, visto que

estas irmandades exprimem o desejo, por parte do povo, de formar comunidades, de não se deixar reduzir a uma simples massa anônima e manipulada segundo os ditames da cultura dominante. Estas comunidades surgem para tentar salvar a dignidade humana diante do cataclismo que foi a introdução do sistema colonial para os pobres⁶.

Quando ocorreu a primeira Batalha dos Guararapes, em 1648, as igrejas foram saqueadas e incendiadas, porém a Matriz de Nossa Senhora do Rosário passou por duas restaurações e, atualmente, encontra-se preservada, devido, principalmente, à dedicação de pessoas que a ela direcionam grande parte de seu tempo como verdadeiros guardiões. Já a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos não teve a mesma sorte e, hoje, encontra-se em ruínas, mantendo-se em pé devido aos esforços dos supracitados guardiões, como Neilson Cândido que, em entrevista, nos relatou:

⁶ HOORNAERT, Eduardo (Org.). **História da igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Primeira época. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 383.

Estou acompanhando o projeto das ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. As ruínas receberam uma obra emergencial de sustentação, porque as pedras estavam caindo e eles fizeram um trabalho emergencial. Essas ruínas estão dentro da história de criação do bairro e da presença dos negros também da época, que tinham aqueles conflitos: negros, índios... Então, elas estão relacionadas a esse ponto de vista da história daquela igreja que é do século XVI. Nós agora, recentemente, estamos na luta de um projeto com o Ministério da Cultura, em Brasília e também o FUNCULTURA, o Fundo de Incentivo à Cultura, do Governo do Estado. Então, tem dois projetos para ela, a nível Estadual e Federal, mas, infelizmente, por causa de burocracia, de pendências de documentação, acho que não vai ser nesse ano que vai acontecer isso. Recentemente eu pedi, na Prefeitura de Jaboatão, também numa emergência, pra limpar, fazer a conservação e a capinação dela, mas também até agora não fui atendido com ofício⁷.



Ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, na área histórica de Muribeca dos Guararapes.

Foto de Diego Henrique e Ricardo Henrique.

Em 13 de junho de 1884, Muribeca foi desmembrada da Vila de Olinda, tornando-se vila e município. Seu crescimento foi tão grande que se desenvolveu mais que Jaboatão. Posteriormente, com a decadência econômica, perdeu a categoria de vila, de município e de comarca, passando a pertencer a Jaboatão e, no século XVIII, era uma freguesia.

No século 18 a Freguesia de Muribeca possuía 17 capelas filiais da Matriz de Nossa Senhora do Rosário, 812 casas, 3899 moradores, 9 engenhos funcionando, 2 engenhos quebrados e contava com 302 soldados para fazer a

⁷ Entrevista concedida por Neilson Cândido Gomes, em 28 de abril de 2008.

segurança dos moradores. [...] em 1888 Muribeca se chamava Freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Muribeca⁸.

A decadência da localidade é comumente atribuída ao declínio econômico da cana-de-açúcar, ocorrida após a expulsão holandesa, época em que apenas as chamadas “casas da vila” dos senhores de engenho e umas poucas moradias lá existiam, enquanto o crescimento do comércio, em Jaboatão, estava em plena ascensão. Atualmente, algumas pessoas associam a decadência ao fato de o Cemitério Municipal ter sido construído na entrada do bairro, antes da Igreja Matriz, que, por sua vez, fica de costas para as pessoas que chegam, segundo elas, abençoando apenas aqueles que de lá vão embora.

Estudos etimológicos atestam que Muribeca é uma palavra de origem tupi, porém não há consenso quanto a sua tradução fidedigna. A questão foi assim descrita por Ricardo e Diego Silva:

Segundo o Dr. Martius, significa “gente fina”; já o Dr. Batista Caetano afirma que a palavra vem da fusão do termo muri-becha, e significa carneiro pequeno. O Dr. Teodoro Sampaio prefere afirmar que vem de Murú-beca (mosquito persistente ou insistente)⁹.

Observamos uma grande divergência de significados, porém a possibilidade mais aceita entre os habitantes do local é a de mosquito persistente, que expressa o comportamento de muitos dos seus moradores, ao enfrentarem as dificuldades cotidianas. Gente fina, carneiro pequeno ou mosquito persistente, não importa. O que de fato é relevante, é demonstrar a importância econômica e histórica do local que, hoje, a contragosto dos seus moradores, é chamado de Muribeca Rua, para diferenciar do conjunto habitacional, construído há cerca de 25 anos, na estrada que dá acesso àquele local. O termo Guararapes, também de origem tupi, significa estrondo, ou seja, grande som produzido por pancadas. Alusivo aos montes onde foram travadas as batalhas decisivas da Insurreição Pernambucana. O termo deriva dos ruídos produzidos pelas águas precipitadas nas cavernas que lá existiam.

A população de Muribeca dos Guararapes orgulha-se de seus filhos ilustres: dentre eles, pode-se citar Humberto Lins Barradas, senhor do Engenho Megahipe de Baixo, que exerceu, por dois mandatos (1951-1955 e 1959-1963), o cargo de Prefeito de Jaboatão dos Guararapes e dá nome à Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada naquele bairro, desde 1985. Outro personagem que honra os habitantes de Muribeca dos Guararapes é o senhor de engenho Bernardo Vieira de Melo, que foi Governador e Capitão-

⁸ MARCENA, Adriano (Ed.). **Jaboatão histórias e lutas**. 3. ed. Jaboatão dos Guararapes: 2004. p. 15/71 e 72.

⁹ SILVA, Diego Henrique da; SILVA, Ricardo Henrique da. Muribeca onde tudo começou. *In*: BELO, Adiuza (Org.). **Antologia do Instituto Histórico de Jaboatão**. Jaboatão dos Guararapes: [s.n], 2006. p. 52.

Mor da Capitania do Rio Grande do Norte, Comandante do Terço de Linha do Recife, Capitão de Infantaria, Tenente-Coronel de Ordenanças, Capitão-Mor de Igarassu, Capitão de Cavalos e vereador do Senado da Câmara de Olinda, cargo que lhe rendeu grande destaque na História de Pernambuco.

Como vereador do Senado da Câmara de Olinda, precisamente no dia 10 de novembro de 1710, ele propôs a independência do Brasil para livrar o país do jugo dos portugueses com um governo republicano aristocrático semelhante ao de Veneza. Inclusive, admitira Bernardo Vieira de Melo que, num confronto, se necessário, seria mais honroso para os olindenses entregarem-se aos franceses do que servir aos mascates. Considera-se, desta forma, que esta proposta seja a primeira iniciativa republicana, o “primeiro grito de independência” no Brasil. Entretanto, a grande polêmica em torno deste fato é a inexistência de documentos que comprovem a proposta do vereador. A Ata da reunião do Senado em que teria ocorrido a proposta nunca foi localizada. Mesmo assim, diante de uma série de evidências e considerando a Guerra dos Mascates uma “verdadeira luta de classes entre a nobreza de Olinda e a burguesia do Recife” vários historiadores aceitam o caráter republicano do movimento¹⁰.

Outro fato que enaltece a História de Muribeca dos Guararapes, mesmo não sendo do conhecimento de muitos, é de ter sido lá, mais precisamente no Engenho Novo da Muribeca, que o fluminense, Dr. Antônio de Moraes Silva, dedicou-se à ampliação do Dicionário da Língua Portuguesa, por ele escrito em 1789. A referida obra é o primeiro dicionário da língua portuguesa escrito por um brasileiro. De acordo com matéria publicada por Cleide Alves:

O brasileiro Antonio de Moraes Silva, autor do primeiro dicionário da língua portuguesa, [...] viajou por vários países da Europa, mas encontrou pouso no Engenho Novo da Muribeca, em Jaboatão dos Guararapes, onde escreveu a Epítome da Gramática da Língua Portuguesa, que aparece anexada à segunda edição do dicionário. [...] ele casa com Narcisa Pereira da Silva, filha do tenente-coronel José Roberto Pereira da Silva [...] O dicionarista acompanha o sogro na viagem e vai morar no Engenho Novo da Muribeca. Em 1805 ele foi nomeado coronel das ordenanças da Muribeca e em 1813 assumiu o posto de capitão-mor da Vila de Santo Antônio do Recife. Na Muribeca, ele trabalhou na ampliação do dicionário¹¹.

¹⁰ BARBOSA, Virgínia. Bernardo Vieira de Melo. **Fundação Joaquim Nabuco**. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=299&textCode=7375>>. Acesso em: 20 de jul. 2008.

¹¹ ALVES, Cleide. Autor do primeiro dicionário português viveu na Muribeca. **Jornal do Commercio**. Recife. 27 de agosto de 2000. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/JC/_2000/2708/cd2708l.htm>. Acesso em 20 de julho 2008.

Percebemos, pelos relatos supracitados, que Muribeca dos Guararapes guarda em seu passado histórias que enaltecem seu povo, porém, atualmente, com a degradação do bairro, provocada pelo crescimento populacional desordenado e falta de compromisso dos poderes públicos, tão comuns em nosso país, seus habitantes incorporaram uma postura de impotência diante do caos que lá se instalou, noticiado, quase que diariamente, pela mídia, fazendo com que seus habitantes não percebam quantos personagens lá existem que, cotidianamente, tentam reverter aquela situação indesejada. Esses personagens não estão nos livros de História e não possuem notoriedade na mídia, que, geralmente, procura evidenciar apenas a face degradante, haja vista ser ela a geradora de maiores lucros. Foi justamente nesses personagens, na sua quase totalidade anônimos, que nos detivemos. Através de seus pequenos e significativos atos, buscamos mostrar a outra face da História, demonstrar que, mesmo nas situações mais adversas, existem pessoas dispostas a buscar alternativas e mudar o rumo de suas vidas, sem esperar benesses que nunca chegam. Para tanto, elegemos, como ponto de partida, as ações por eles praticadas que possuem motivações religiosas.

Nossa Senhora do Rosário, a padroeira do bairro, é festejada no mês de outubro, ocasião em que são realizadas as novenas, a saída da bandeira e o ponto alto das comemorações: a procissão no último domingo. As casas são pintadas, as ruas por onde passa a procissão recebem tratamento diferenciado por parte da Prefeitura, que, só nas datas comemorativas, lembra da existência do bairro. É a ocasião ideal para que políticos apareçam com mais promessas não realizáveis, principalmente quando as eleições municipais vão para o segundo turno. O dia seguinte à procissão é feriado local, as escolas que insistem em funcionar não conseguem atrair seus alunos, e registram uma ausência de quase 100%. Paralelos às atividades religiosas existem os *shows*, com artistas contratados, e o parque de diversão, instalado para alegria das crianças. Os bares improvisados varam as noites, sempre muito frequentados pela população que desfila seus trajes novos, muitas vezes comprados com muito sacrifício, em detrimento de outros bens de maior necessidade. Muitas jovens, nos meses que antecedem a festa, procuram trabalho em casas de família, só para vestir uma roupa nova na “festa de outubro”. Na data mais importante do calendário local, pode-se observar uma demonstração de plena harmonia entre o sagrado e o profano, que, juntos, são responsáveis pelo brilhantismo daquele evento tradicional tão aguardado. Compreendemos os espaços sagrado e profano com significados distintos e, para o ser religioso, esses são inconfundíveis e delimitados.

A fim de pôr em evidência a não-homogeneidade do espaço, tal qual ela é vivida pelo homem religioso, pode-se fazer apelo a qualquer religião.

Escolhamos um exemplo ao alcance de todos: uma igreja, numa cidade moderna. Para um crente, essa igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o sagrado¹².



Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário

Outro acontecimento religioso de importância no bairro é a comemoração a Nossa Senhora de Fátima, realizada no mês de maio. Existe, nas redondezas, uma gruta em sua homenagem, responsável pela atração de muitos romeiros que chegam para pagar promessas e celebrar, de maneira fervorosa, a santa de sua devoção.

As igrejas protestantes, Batista e Assembléia de Deus, realizam atividades diárias que congregam grande número de fiéis advindos das três áreas que formam o bairro. Muitos fiéis chegam a caminhar cerca de 4 km no trajeto de casa até a igreja.

As casas de Candomblé também oferecem assistência efetiva. Uma delas tem como babalorixá, Fábio Júnior, estudante de Direito que chegou ao Candomblé vitimado por uma enfermidade, não detectada pela medicina, que afetou suas atividades profissionais e

¹² ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 28-29.

sociais e lhe causou transtornos insuportáveis. Por isso, abre suas portas, sempre que possível, quase que diariamente, prestando socorro espiritual àqueles que a procuram.

O bairro possui uma tradição religiosa bastante evidente, expressa no comportamento de seus habitantes. O número de templos religiosos cresce a cada dia, acompanhando o crescimento populacional, principalmente após o surgimento da Vila dos Palmares, que, hoje, concentra a maior parte da população. Muitos templos evangélicos surgiram e, atualmente, está sendo construída uma capela católica na referida Vila, consagrada à Sagrada Família, uma vez que, no bairro, existe apenas a Matriz. As casas de Candomblé, embora ainda muito discriminadas, vão também multiplicando-se. A religiosidade é um componente muito presente no cotidiano daquelas pessoas. Entendemos aqui religiosidade como sendo a “experiência individualizada do transcendente”¹³.

Cada indivíduo, a seu modo, se relaciona com o ser supremo, que, de acordo com cada religião, assume denominação diferente. Nem sempre todas as pessoas se enquadram naquele padrão de comportamento comum dentro do seu segmento religioso, ou acreditam piamente em tudo o que sua religião prega, fazendo elas próprias suas leituras, sem com isso perderem a fé. É o que percebemos no depoimento de Cristiane Cruz, ialorixá, ex-espírita, residente na Vila dos Palmares:

Se a gente aqui na terra pode fazer o bem pra alguém, é bom fazer. A gente está aqui sempre pra cumprir uma missão e, se você está aqui cumprindo uma missão é porque você está pagando alguma coisa que você fez na sua vida passada e teve que vir pagar de novo. Muitas vezes a gente pergunta: - Por que é que eu sofro? Mas, eu não sei o que eu fiz na outra vida. Mesmo dentro do Candomblé eu acredito em reencarnação, eu nunca deixei de acreditar. No Candomblé, acabou, morreu. Eu acho interessante que isso entra em choque com o Candomblé, porque se os espíritos continuam a trabalhar, eles têm que pagar alguma coisa, ele não teve a reencarnação de vir em outro corpo, nascer de novo. No Candomblé ele acredita assim, que o espírito vai ficar vagando, vai ficar incorporando pra poder prestar a caridade, pra terminar seu tempo. No Candomblé se acredita assim: o espírito se morreu passado¹⁴, fez coisa ruim, então, vai ficar pagando na terra. O Espiritismo, Allan Kardec dizia como? A gente morre, acabou aquele tempo, vai começar novamente, então você vai reencarnar pra poder pagar o que fez¹⁵.

Observamos diversas pessoas, de denominações religiosas diferentes, atuando de forma bastante incisiva, buscando melhorias para o bairro, que se apresenta com problemas de toda ordem, provocando consequências negativas na vida daquela população. Assim nos

¹³ VALLE, João Edênio dos Reis. *Religião e espiritualidade: um olhar psicológico*. In: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 93.

¹⁴ Para os adeptos do Candomblé, a expressão “morrer passado” designa aquele que morre em decorrência de um trabalho realizado nesta intenção.

¹⁵ Entrevista concedida por Cristiane Tenório da Cruz, em 04 de maio de 2008.

afirmou Telma Gomes, Presidente da Associação dos Moradores de Muribeca dos Guararapes, filha de um diácono já falecido, agente de saúde do PSF (Programa de Saúde da Família), integrante da Igreja Batista, quando perguntada se estaria engajada em ações sociais sem a orientação religiosa que possui:

Não, não mesmo. Porque acho que a gente teria outra visão de amar ao próximo. Sabe, você deixa de ser egoísta, de pensar em si próprio, que a gente desde pequena vem trabalhando isso, entendeu? De passar na rua ver alguém caído ir lá e perguntar: - está precisando de ajuda? Eu sei que todo ser humano deveria fazer isso, se sensibilizar pelos outros, mas, infelizmente, hoje, até cursos pra isso tem, pra que isso aflore em você, que é um absurdo! Eu acho que todo mundo nasce com isso, alguns deixam que o ódio seja maior que o amor dentro de si, mas, eu acho que comigo, isso foi a influência maior, foi minha religião, minha criação, isso foi o essencial pra eu ser o que sou hoje¹⁶.

Apesar das particularidades existentes nas sociedades, Muribeca dos Guararapes, como todas as outras, é formada pela relação dialética de três elementos: interiorização, objetivação e exteriorização, assim descritas por Peter Berger:

A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade¹⁷.

Partindo do pressuposto de que a sociedade tanto é produto das ações dos homens, como pode interferir sobre sua vida e, uma vez que a religião é produto da relação dialética que cria os elementos culturais, compreendemos que, quando os indivíduos, naquele bairro, absorvem os ensinamentos religiosos e tentam modificar a situação da coletividade, assim o fazem dentro das etapas supracitadas. Aqueles que se acomodam e não conseguem reagir, incorporam uma realidade objetivada através de posturas assumidas como regras comuns de comportamento.

Uma vez que, através da ação, o homem constrói e mantém a sociedade, queremos destacar, dentro do Bairro de Muribeca dos Guararapes, as ações que elevam a dignidade

¹⁶ Entrevista concedida por Telma Ferreira Gomes, em 24 de abril de 2008.

¹⁷ BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 16.

humana, dentro do processo dialético de exteriorização, objetivação e interiorização, que acerca dele, afirma Silva:

compreendemos o movimento dos três processos da seguinte forma: o ser humano não pode ser considerado algo isolado em si mesmo; ele é, por essência, um ser exteriorizante; e mais, “inacabado” desde o seu nascimento. Tornar-se pessoa humana acontece no processo de desenvolvimento da personalidade, que, por sua vez, decorre da assimilação de uma cultura. Isso não se passa com os animais, porque só a pessoa humana é um ser aberto, o qual se modela pela força e sentido da própria atividade vai compondo para si um mundo cada vez mais diferente. O mundo não se preestabelece, pois é a pessoa quem o produz assim como a si mesmo. A cultura é, portanto, produto dessa atividade – atividade humana construída e mantida por quem vive e faz a ação, inter-relacionando-se. A sociedade, então, é construída e mantida por esse processo permanente, cauteloso e dinâmico¹⁸.

Detectamos pessoas preocupadas com a melhoria da qualidade de vida dos seus semelhantes, realizando atividades tais como aconselhamento sobre os problemas causados pelo consumo de drogas ilícitas; assembléias para resolver questões ligadas à deficiência nos transportes, no saneamento básico, no abastecimento de água e luz; lutas pela implantação de cursos que garantam uma renda a mais no orçamento familiar; organização de feirinhas com a finalidade de angariar fundos para a realização de festas com as crianças do bairro; orientações quanto aos cuidados que todos devem ter com a higiene e prevenção de doenças comuns em bairros populosos sem infraestrutura compatível e, até mesmo, campanhas para aquisição de cestas básicas destinadas às famílias nas quais o desemprego se instalou de forma incisiva.

Durante a realização da pesquisa, percebemos que os entrevistados se adequavam ao processo descrito por Berger anteriormente. A interferência deles no ambiente de desalento em que estão inseridos e no comportamento de muitos dos moradores de Muribeca dos Guararapes dá-se de forma dialética e contínua. À medida que fomos registrando as atividades por eles desenvolvidas, assinalaremos o momento em que os elementos supramencionados forem evidenciados.

Percebemos que, em Muribeca dos Guararapes, a religião, muitas vezes, age como bálsamo que alivia as dores provocadas pela situação de carência detectada e, em outras, induz alguns indivíduos a se posicionarem de maneira enérgica, partindo para tentar resolver problemas que, na maioria das vezes, são de responsabilidade das instituições públicas “competentes” e que, de efetivo, pouco fazem. O efeito bilateral da religião é observado por Bittencourt Filho:

¹⁸ SILVA, Drance Elias da. **Interpretações da religião na modernidade**. Recife: UNICAP, 2007. p. 03. Texto não publicado.

Ao mesmo tempo que a religião atenua e sublima a opressão real, também se constitui numa modalidade de protesto potencial e transcendente que, a qualquer momento, pode transformar-se no “combustível utópico” de ações sociais transformadoras¹⁹.

Compreendendo essa característica bilateral da religião, observamos que os ensinamentos religiosos despertam, em alguns moradores do bairro, um certo compromisso com o próximo, sobretudo o vitimado por limitações diversas. A religião age, naquele local, como um esteio para enfrentar a realidade, o que está explícito na seguinte afirmação: “Ao mesmo tempo que uma disciplina espiritual, toda religião é uma espécie de técnica que permite ao homem enfrentar o mundo com mais confiança”²⁰.

Segundo Berger, o homem precisa criar um mundo onde seja possível viver, ou seja, um mundo humano. Esse mundo, por não ser natural, carece de práticas e discursos legitimadores. Legitimação é definida por Berger como sendo

o “saber” socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social. Em outras palavras, as legitimações são as respostas a quaisquer perguntas sobre o “porquê” dos dispositivos institucionais. [...] As legitimações pertencem ao domínio das objetivações sociais, isto é, ao que passa por “saber” em determinada coletividade²¹.

A religião surge, então, como a maior expressão de legitimação da realidade social, em todo o processo histórico, pois, segundo Berger, “toda legitimação mantém a realidade socialmente definida. A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas”²².

Ainda dentro da perspectiva bergeriana, uma vez que as legitimações religiosas surgem a partir das atividades realizadas pelos homens, quando são instituídas e integram a tradição religiosa, poderão adquirir autonomia, a ponto de retroagir sobre as práticas cotidianas daqueles homens que as criaram, dentro de um processo dialético. Para Berger, a religião serve

para manter a realidade daquele mundo socialmente construído no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas. Seu poder de legitimidade tem, contudo, outra importante dimensão – a integração em um nomos

¹⁹ BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**: religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes; KOINONIA, 2003. p. 54.

²⁰ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 197.

²¹ BERGER, 2004. p. 42

²² *Ibid.*, p. 45.

compreensivo precisamente daquelas situações marginais em que a realidade da vida cotidiana é posta em dúvida²³.

Ao analisarmos a forma de reação das pessoas do bairro, como elas encaram seus problemas e aplicam os ensinamentos religiosos na prática de ações direcionadas ao melhoramento das condições da coletividade, percebemos diferenças de pessoa para pessoa, mesmo dentre aquelas que professam a mesma fé e participam da mesma religião, frequentam o mesmo templo religioso e recebem a mesma orientação. Nem todas partem para uma ação efetiva de atuação social que leve a modificações, aplicando os ensinamentos religiosos na prática das atividades cotidianas. Entendemos ação dentro da perspectiva weberiana:

A *ação* é definida por Weber como toda conduta humana (ato, omissão, permissão) dotada de um *significado subjetivo* dado por quem a executa e que *orienta* essa ação. [...] A explicação sociológica busca compreender e interpretar o sentido, o desenvolvimento e os efeitos da conduta de um ou mais indivíduos referida a outro ou outros – ou seja, da ação social. [...] Compreender uma ação é captar e interpretar sua *conexão de sentido*²⁴.

Diante da afirmação supramencionada, percebe-se o caráter subjetivo da ação, uma vez que não agir, ou seja, permanecer inerte, também configura uma ação, que só pode ser analisada a partir do sentido que a caracteriza. Portanto, classificamos as ações, por nós analisadas, como ação social, que é assim definida por Weber:

Por “ação” deve entender-se um comportamento humano, tanto faz que se trate de um comportar-se externo ou interno ou de um permitir ou omitir, sempre quando o sujeito ou os sujeitos da ação ligam a ela um sentido objetivo. A “ação social”, portanto, é uma ação na qual o sentido sugerido pelo sujeito ou sujeitos refere-se ao comportamento de outros e se orienta no que diz respeito ao seu desenvolvimento. [...] Nem toda espécie de contato entre os homens é de caráter social, mas somente uma ação com sentido dirigida para a ação dos outros²⁵.

Aqueles que acreditam em si e na possibilidade de uma ação que ajude de forma incisiva na implementação de soluções ou de alívio para as intempéries cotidianas, buscam contribuir, interferindo e incentivando outras pessoas a fazerem o mesmo. Porém os que se sentem incapazes, ou não acreditam em um resultado positivo, acomodam-se.

Acreditamos que nem todos reagem da mesma forma porque apenas alguns conseguem manter a autoconfiança e trazer as características de um líder, como sendo o poder de se fazer respeitar, de assumir posturas de convencimento, de persuasão e ser aceito pelos

²³ BERGER, 2004. p. 55.

²⁴QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria L. de O.; OLIVEIRA, Márcia G. M. **Um toque de clássicos:** Marx, Durkheim e Weber. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 114.

²⁵ WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais.** São Paulo: Cortez, 1973. Parte 2, p. 400 e 415.

demais como alguém capaz de ir além das práticas cotidianas convencionais. Os sujeitos da nossa pesquisa conseguem esse respeito uma vez que

o líder é pessoalmente reconhecido como o líder inerentemente “chamado” dos homens. Os homens não o obedecem em virtude da tradição ou lei, mas porque acreditam nele. Quando é mais do que um oportunista limitado e presunçoso, o líder vive para sua causa e “luta pela sua obra”. A dedicação de seus discípulos, seus seguidores, seus amigos pessoais do partido é orientada para a sua pessoa e para suas qualidades²⁶.

Diante da miséria, é comum que as pessoas se julguem impotentes, desanimem na tentativa de buscar soluções e não vejam nas reivindicações costumeiras feitas pelas entidades constituídas em seus bairros, alternativa satisfatória. Percebemos que, em Muribeca dos Guararapes, existem pessoas que intervêm, de maneira positiva, diante das situações que, à primeira vista, parecem sem solução, ou que estão fora do alcance do cidadão comum resolvê-las. Como todos, naquele bairro, sofrem as mesmas mazelas, passam pelas mesmas privações; porém, mesmo assim, conseguem driblar as adversidades, encontrar uma saída, agir contra todos os empecilhos e se fazerem respeitar, conquistando a admiração dos demais. Conclusão: os que agem dessa forma possuem o que Weber definiu como carisma autêntico, ao qual se referiu da seguinte forma:

Não apela para uma ordem imposta tradicional nem baseia suas pretensões nos direitos adquiridos. O carisma autêntico baseia-se na legitimação do heroísmo pessoal ou revelação pessoal. Não obstante, precisamente essa qualidade do carisma como poder extraordinário, sobrenatural, divino, o transforma, depois de sua rotinização, numa fonte adequada para a aquisição, legítima de poder soberano pelos sucessores do herói carismático²⁷.

Todos os nossos entrevistados demonstraram, em seus depoimentos, possuir força e determinação, características dos detentores do carisma, a ponto de conseguirem iniciar o processo de ação social voltada para o comportamento de outros de maneira convincente, de intervir na sociedade de maneira incisiva e, assim, arregimentam colaboradores que se dispõem a ajudar e engajar-se nas atividades de promoção humana, de forma determinada. Como os grandes comandantes, heróis, líderes políticos e grandes chefes, as pessoas dotadas de carisma exercem, sobre muitos, um poder de liderança e convencimento, observados em Muribeca dos Guararapes.

Queremos, aqui, enfatizar o caráter da ação carismática dos nossos sujeitos de pesquisa, destacando que os percebemos como líderes naturais da história atual do Bairro de Muribeca dos Guararapes, por se tratarem de pessoas simples que atuam sem estarem no

²⁶ WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963. p. 100.

²⁷ *Ibid.* p. 302 e 303.

exercício de algum cargo ou função remunerada. Elas surgiram e se firmaram, justamente, em decorrência das mais diversas dificuldades por eles vivenciadas. Quanto à origem carismática da liderança natural, afirma Weber:

O atendimento de todas as necessidades que vão além da rotina diária teve em princípio uma base totalmente heterogênea, ou seja, *carismática*; quanto mais recuamos na História, tanto mais verificamos ser esse o caso. Isto significa que os “líderes naturais” – em épocas de dificuldades psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas ou políticas – não foram os ocupantes de cargos nem os titulares de uma “ocupação” no sentido atual da palavra, isto é, homens que adquiriram um conhecimento especializado e que servem em troca de uma remuneração. Os líderes naturais nas dificuldades foram os portadores de dons específicos do corpo e do espírito, dons esses considerados como sobrenaturais, não acessíveis a todos²⁸.

Dos valores cultivados a partir da crença religiosa, da autoconfiança e da liderança nata, associados ao carisma, que permite ao indivíduo sentir-se responsável e predestinado à prática daquelas tarefas, resulta uma ação mais firme e determinada. Pois é comum, no bairro, encontrar pessoas que dizem ter vontade de ajudar de alguma forma, mas que não sabem o que fazer, não têm tempo ou se julgam incapazes para tal.

O nosso objetivo, até aqui, foi o de fazer um rápido diagnóstico do bairro, demonstrando peculiaridades que servem para compreendermos como é o local onde a pesquisa foi realizada. Como havíamos mencionado anteriormente, Muribeca dos Guararapes apresenta-se dividido geograficamente em três áreas, porém, acrescentamos mais uma, que não é de moradia, mas abriga o Aterro de Resíduos Sólidos, local de trabalho de muitos moradores do bairro. Por congregar habitantes das três áreas, constatamos que sua inclusão na pesquisa traria uma contribuição bastante significativa, haja vista as relações que ali são desenvolvidas.

Para desenvolvermos nossa pesquisa, utilizamos, como estratégia, a observação participativa, o que já desenvolvemos há exatos vinte e cinco anos, devido à convivência diária que mantemos no bairro, o que nos possibilitou uma análise prévia de comportamentos e ações ali vivenciadas. Acreditamos ter sido essa a etapa que nos proporcionou maior conhecimento dos problemas, contradições e enfrentamentos que aquela gente vivencia.

No que se refere à aquisição de dados, aplicamos questionário em quinze pessoas de cada área específica, incluindo o Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, perfazendo um total de 60 (sessenta) pessoas, para registrarmos, com maior precisão, a condição socioeconômica dos moradores. Entrevistamos pessoas dos segmentos religiosos mais

²⁸ WEBER, 1963, p. 283.

representativos do bairro, a saber: três católicos, quatro protestantes – sendo dois integrantes da Assembléia de Deus, porém de unidades diversas, um da Igreja Batista e um da Igreja Evangélica Belém – e dois candomblecistas. Uma vez que incluímos o Aterro da Muribeca no espaço delimitado, entrevistamos, ainda, a assistente social que lá atua e o motorista que facilitou nosso acesso ao local, uma vez que ele priva da amizade dos trabalhadores locais, arredios com os visitantes a quem não são apresentados. No total, foram entrevistadas 11 (onze) pessoas, dentre elas, nove desenvolvem atividades de alcance comunitário no bairro.

Salientamos que, dentre os sujeitos analisados, detectamos a prática de atividades como a distribuição de sopão e de cestas-básicas; promoção de cursos de artesanato; atendimento em creche, em horário integral; facilitação para aquisição de documentos; orientação quanto aos cuidados com a saúde e a higiene das crianças; colônia de férias, dentre outras.

Passaremos, a seguir, a analisar, separadamente, cada uma das áreas supramencionadas, buscando, nas ações dos nossos entrevistados, discorrer sobre a proposta inicial desta pesquisa que visa a analisar as motivações religiosas, presentes em pessoas que desenvolvem atividades de promoção humana, em Muribeca dos Guararapes. A princípio, nos deteremos na área que denominamos de histórica, por ter sido o local do nascedouro daquele núcleo populacional.

1.2 Cidadania, religião e promoção humana: entraves e possibilidades em Muribeca dos Guararapes

Nesta parte, trataremos da área mais tradicional do bairro. Desde a fundação do povoado, ainda no século XVI, era o local onde os senhores de engenho das redondezas ergueram as chamadas casas da vila, com as quais demonstravam sua imponência, poder político e riqueza, advinda do magnífico lucro obtido com a cana-de-açúcar, que, naquelas terras, encontrou solo e clima satisfatórios ao seu cultivo.

Erguido sobre uma colina, o local é tranquilo, registrando pouco movimento. Nos finais de semana, porém, tem sua rotina alterada, devido aos bares ali instalados, há cerca de cinco anos. Ainda possui algumas construções do século XIX, que, por causa do progresso e da não preocupação com a preservação da História, ao longo do tempo, vêm sendo demolidas. Dentre as construções mais atuais, de cerca de dez anos, o prédio mais alto tem apenas um andar. Durante muito tempo, a modernidade, em Muribeca dos Guararapes, foi chegando a passos muito lentos.



O casario antigo é um dos cartões postais da área histórica de Muribeca dos Guararapes.
Foto de Diego Henrique e Ricardo Henrique

Quase todos os habitantes daquela área do bairro possuem algum grau de parentesco. As famílias mais tradicionais ali habitam. São, em sua maioria, funcionários públicos municipais e pequenos comerciantes; aliás, o comércio tem crescido substancialmente nos últimos anos. O considerável crescimento populacional, ocorrido principalmente na última década, fez surgir o primeiro armazém de material de construção, aumentar o número de padarias, mercados e as tradicionais barracas, que vendem da pipoca à aguardente. O muro do Cemitério local é dividido com a “Barraca de Santo Antônio”, uma das construções pitorescas de Muribeca dos Guararapes que, até mesmo vendendo cachaça, não esquece a devoção ao santo protetor.



A Barraca de Santo Antônio, vizinha ao Cemitério de Muribeca dos Guararapes, é um exemplo de devoção e peculiaridade em Muribeca dos Guararapes.

O emprego regulamentado de muitos de seus moradores, ao garantir uma fonte de renda segura, propicia uma estabilidade financeira que não é condizente com a situação dos habitantes das demais áreas. Apesar disso, existem ali muitas pessoas que vivem em situação de grande dificuldade financeira, mas, mesmo assim, estão preocupadas em minorar o sofrimento e tentar assegurar melhores condições de vida aos seus iguais. É o caso de Neilson Gomes, uma espécie de militante da coletividade do bairro, engajado em vários projetos de caráter social.

Aos 37 anos, de família modesta, ex-seminarista, chamado por alguns de Padre, exerceu os cargos de Diretor de Ação Social, na Associação dos Moradores, e Vice-Presidente do Conselho de Moradores. Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Muribeca dos Guararapes, foi Coordenador da Crisma, Coordenador da Catequese de jovens e crianças e Ministro da Eucaristia. Atualmente, é catequista, preparando para a Primeira Comunhão e para o Batismo, e membro e incentivador do Terço dos Homens. Como atividade particular, realiza, uma vez por semana, com recursos próprios e de doações, o sopão comunitário.

Devido ao seu envolvimento constante em trabalhos sociais, demonstrando preocupação de se colocar à disposição do outro, quando perguntado sobre o porquê de, mesmo após ter deixado a Igreja, enquanto instituição, continuar com aquela dedicação integral, Neilson nos respondeu:

Eu comecei fazendo trabalhos sociais aqui, na Igreja, e sentia que tinha vocação para a vida religiosa. Resolvi então, ir para o Seminário Salesiano, em Fortaleza, mas, não me adaptei por causa dos horários muito rígidos, muito estudo. Lá, também comecei a questionar por que o padre não pode casar. Quando comecei a ler os textos sobre Jesus, trabalhando com os pobres, comecei a questionar, por que Jesus sempre chamava os pastores pequenos pra compor o reino, para serem apóstolos? Vi que Ele chamava pela vocação e não pelo estudo. Ele chamava pescadores, pessoas simples, não chamava gente grande, Ele não chamava gente que estava no alto, dentro de uma faculdade. Então, eu fui questionando isso tudo. Ele é que dava instrução. A Igreja me deu a oportunidade de conhecer a história de Jesus, do chamamento dos apóstolos e, eu trabalhava com as pessoas mais necessitadas e, Ele mesmo, o próprio Jesus, foi humilde, Ele não foi grande, Ele foi pequeno, mas, diante de Deus, Ele conseguiu, porque tudo era o Pai que orientava a assumir a missão na Terra. Quando Ele estava como o verdadeiro homem e o verdadeiro Deus na Terra, quem orientava Jesus? Deus. Então, eu acho que aí também tem a mão Dele nesse meu trabalho. Muitas vezes eu faço uma coisa e não acredito que fui eu que fiz. Tem a mão de alguém superior a mim nisso aí, me dando força, me orientando. Às vezes, a gente desanima, porque é muito difícil, é complicado lidar com a cabeça do povo. Brigas, conflitos... A questão da história de Jesus, como Ele trabalhava e essa experiência, esse exemplo Dele. Na pastoral de uma Igreja, tem que ter uma pessoa que cuide da parte social. Em Muribeca, infelizmente, não temos uma pastoral social. Eu pensava assim: Meu Deus, não tem ninguém por Muribeca! Então, eu disse: - Eu vou voltar, lutar no

trabalho junto com a Igreja, junto com minha mãe, com meu pai, com as minhas irmãs e vou ficar na comunidade perto da minha família. No trabalho com a comunidade, eu sou mais útil do que dentro da Igreja. Sigo o ensinamento de Jesus²⁹.

Destaca-se claramente, no depoimento de Neilson, a observação de Peter Berger quando se refere ao processo de formação da sociedade, pois se trata de uma atividade contínua, sujeita à efusão da ação do homem. “A sociedade é constituída e mantida por seres humanos em ação. Não possui ser algum, realidade alguma, independentemente de tal atividade”³⁰. Nosso entrevistado absorveu conhecimentos religiosos e propôs-se agir de maneira a interferir no estado em que se encontra o bairro em que vive, não aceitando a situação desencadeada, tentando criar uma nova realidade. As ações por ele praticadas têm os princípios religiosos como incentivadores.

A área histórica do bairro de Muribeca dos Guararapes sofre, há vários anos, com a falta de abastecimento d’água. Desde que a Vila dos Palmares foi criada, o crescimento repentino da população deixou aquela área à mercê do abastecimento com caminhões-pipa e com algumas cacimbas existentes. Há quatro anos, não sai uma única gota das torneiras, embora, todos os meses, os moradores tenham que pagar a conta à Companhia de Abastecimento. O fato tem gerado, durante todo esse tempo, numerosos protestos, promessas não cumpridas e muito descrédito dos habitantes, em relação aos poderes constituídos. Indagada sobre a situação deplorável em que estão vivendo, respondeu Telma Gomes, Presidente da Associação de Moradores de Muribeca dos Guararapes:

Outro dia aí, o povo estava animado dizendo: - A água chegou, o governador veio fazer a aposição da pedra fundamental das obras. As obras nunca começaram! Está parado. Ai meu Deus, do que é que depende! Da própria comunidade acordar, tocar fogo em pneus se for preciso, parar tudo aqui. Eu sei que as pessoas não gostam, mas, se só for esse o jeito, tem que fazer³¹.

Neilson Gomes, que está envolvido no projeto de regularização do abastecimento d’água, acredita que está próxima a solução do problema e nos explicou:

Antes tinha água certinha, mas, quando o Prefeito doou os terrenos e surgiram a Vila dos Palmares e, mais recentemente, a Gregório Bezerra, o crescimento da população foi muito grande e, à medida que cresceu, o déficit de água também aumentou e não deu pra suprir as necessidades das pessoas. Porque eles não tinham água (*referindo-se aos habitantes das vilas supracitadas*). Então, o que eles fizeram? A água que vem do Rio Muribequinha, passa por um cano, que atravessa a Vila dos Palmares, então, eles sangram o cano e tiram aquela água bruta, sem nenhum tratamento, o que tem causado muita verminose e doença de pele. Recentemente, a Secretaria de Saúde do Estado trouxe uma campanha, com exames laboratoriais, e constatou que era por causa da água. Lá eles não têm água

²⁹ Entrevista concedida por Neilson Cândido Gomes, em 28 de abril de 2008.

³⁰ BERGER, 2004, p. 20.

³¹ Entrevista concedida por Telma Ferreira Gomes, em 24 de abril de 2008.

tratada, eles têm água bruta. Por isso, ficou Muribeca sem a água, porque não chega no reservatório, para atender a população. Ficou inoperante. Agora, com esse novo investimento que é de um milhão e pouco, as coisas vão melhorar. A verba vem pelo Fundo Nacional de Saúde, é um convênio entre a FUNASA e o Governo do Estado, mas, recentemente, teve um problema com a documentação e não deu pra continuar, deu uma parada enquanto regulariza a documentação³².

Percebemos, nos depoimentos, que se trata de pessoas com comportamentos bastante diferentes, mas que estão, a seu modo, enfrentando, em pleno século XXI, um problema ainda existente em localidades que, por estarem na periferia, por não terem visibilidade, deixam seus moradores em situação jamais admitida nos bairros nobres da cidade, uma vez que aqueles são assistidos, em suas reivindicações, com presteza e imediatismo irreparáveis.

Por não se saber a procedência do líquido precioso, fica difícil reclamar sobre a qualidade da água que chega até eles através dos caminhões-pipa. Mulheres, jovens e crianças, em enormes filas, para terem acesso a um pouco de água, ou carregando pesados baldes, são cenas do século passado que insistem em fazer parte do dia a dia daqueles habitantes. A condição a que estão submetidos facilita o oportunismo dos maus políticos que se aproveitam da miséria alheia, na tentativa de serem eleitos. Houve o caso de um candidato a vereador que, durante a campanha, prometia continuar com a “doação” sistemática de água através da utilização de carros-pipa, se conseguisse ser eleito. Empenho, na resolução definitiva do problema, não seria interessante aos seus propósitos, pois acabaria com a fonte que, certamente, faz jorrar votos seguros.

Chegar à Muribeca é difícil, sair, então, é muito mais. O bairro possui apenas uma linha de ônibus regular, fazendo o itinerário Muribeca - Recife, que funciona de hora em hora, em uma frequência contínua que dura praticamente todo o horário de circulação, sendo alterada apenas nos dois horários de maior fluxo, quando o intervalo cai para 40 minutos. O último ônibus parte às 21:00 horas, e o último a chegar faz o horário das 22:30. Depois disso, ninguém entra nem sai do bairro, a não ser que tenha transporte particular, o que é muito difícil, ou faça uso do transporte alternativo, que, além de atender muito mal aos usuários (entrar naqueles micro ônibus, nos horários de pico, é missão quase impossível, uma vez que, com capacidade para 15 pessoas sentadas, transportam trinta aproximadamente), funcionam até o horário que os proprietários determinam, em um itinerário de Muribeca a Piedade, o que evidencia ser o bairro, realmente, de difícil acesso. Imaginar que 12 mil pessoas, aproximadamente, são vítimas de tanto descaso, é algo inacreditável nos dias atuais, em se

³² Entrevista concedida por Neilson Cândido Gomes, em 28 de abril de 2008.

tratando de um bairro inserido no segundo maior município da Região Metropolitana do Recife, tão próximo à capital.

A deficiente assistência do transporte coletivo dificulta a realização dos projetos de vida de muitas daquelas pessoas. Um número muito grande de moradores não consegue emprego, porque os horários não são compatíveis com os do transporte. Morar em Muribeca dos Guararapes é um desafio, também, para conseguir emprego. Muitas empresas, ao saberem que o candidato à vaga reside naquele bairro, são taxativas ao afirmarem que este é motivo da não aceitação, inclusive por causa do preço da passagem, que não é a de menor valor. Certamente, tal constatação tem contribuído, muito significativamente, para o alto índice de desemprego.

O serviço precário do transporte é um empecilho, também, para os estudantes que pretendem continuar os estudos além do Ensino Médio. Atualmente, existem, no bairro, duas Escolas de Ensino Fundamental I, três de Ensino Fundamental II, uma de Ensino Médio, além dos projetos Acelera, Se Liga e Travessia, para contemplar os alunos que apresentam distorções na relação idade-série. Mesmo assim, a oferta de vagas nas escolas é insatisfatória, pois não possuem estrutura física condizente com um ambiente propício ao aprendizado. Não há uma biblioteca sequer, em nenhuma das escolas. A utilização de mídia, como recurso didático, é muito deficiente, pois as salas de aula não possuem rede elétrica em estado satisfatório, quando não ocorre, o que é frequente, roubo dos materiais audiovisuais. Já houve casos nos quais, durante o roubo em uma das escolas, nem a antena parabólica foi poupada. Mais desapontador é saber que, muitas vezes, esses fatos são praticados com a participação de alunos da própria escola.

Verifica-se, entre muitos jovens que frequentam as escolas do bairro, um desinteresse preocupante em relação à aprendizagem: muitos ali estão para assegurar o acesso aos projetos implementados pelas instâncias governamentais, como o Bolsa Família, por exemplo.

O exercício do magistério por mais de trinta anos, vinte e quatro dos quais na Escola Humberto Lins Barradas, em Muribeca dos Guararapes, nos dá algum critério para uma análise, mesmo que superficial, das estratégias de aprovação e manutenção dos alunos na escola e todo o processo de mudanças comportamentais pelas quais os frequentadores daquela escola têm passado. Compreendemos, entretanto, pela complexidade dessa discussão, que ela não cabe neste trabalho dissertativo. O fato é que problemas familiares, socioeconômicos de forma geral, associados às regras do sistema educacional vigente acabam por gerar um problema maior no tocante aos relacionamentos, refletidos nas escolas, uma vez que vemos a

nossa sala de aula como o retrato do país. A escola acaba por acumular funções e responsabilidades que antes eram competências familiares. O respeito ao direito do outro de se expressar, ser ouvido e desenvolver seu trabalho torna-se cada vez mais difícil em salas pichadas do piso ao teto, corredores barulhentos e, principalmente, crianças e adolescentes que não aceitam que se lhes estabeleçam limites para que uma relação respeitosa possa existir. Aliás, respeito é um dos valores que se estão esvaindo nos relacionamentos de forma geral. As pessoas estão cada vez mais individualistas e cultivando o egoísmo com maior ênfase. Os trabalhadores em educação, mais especificamente professoras e professores, além da função de socializar conhecimentos intelectuais, acumulam as funções de psicóloga, conselheiro, enfermeira, advogado, agenciador de emprego, ou seja, orientam não apenas os alunos, mas, muitas vezes, acabam por se envolverem com os membros de toda a família. São atribuições demasiadas para profissionais que não foram preparados para o acúmulo de tantas responsabilidades, embora a sensação de poder ser útil de maneira mais integral, na maioria das vezes, seja uma sensação prazerosa.

Antes que as constatações e considerações supracitadas possam parecer mero desabafo de quem se sente no olho do furacão, vale ressaltar que, assim procedemos, para mostrar que conhecemos um pouco a realidade de muitos dos moradores de Muribeca dos Guararapes e sabemos que, grande parte dos problemas detectados nas escolas do bairro, não difere de outras escolas públicas periféricas. Nosso intuito nada mais é do que evidenciar a difícil convivência com muitos daqueles alunos e seus familiares, ressaltando, pois, que existem alguns outros que acreditam na possibilidade de uma carreira acadêmica além do bairro e que hoje estão, com extrema dificuldade, mas muita determinação, nas universidades públicas federais e estadual, não apenas como estudantes mas também como integrantes do corpo docente.

Observamos que a escola e a família esperam, uma da outra, apoio, ações efetivas e resolução de problemas comportamentais dos mais diversos. Aos jovens, geralmente, faltam exemplos edificantes a ser seguidos e esses, na maioria das vezes, quando são encontrados, não estão em seu grupo familiar.

Aos 83 anos, Heleno Félix de Lima, morador de Muribeca dos Guararapes desde 1954, membro da Assembléia de Deus desde 1942, há aproximadamente vinte anos, desenvolve trabalhos visando à melhoria do bairro que escolheu para morar. Foi Presidente da Associação dos Moradores de Muribeca dos Guararapes e Presidente do Conselho de Moradores. Atualmente, é Tesoureiro da Associação de Moradores, membro do Orçamento Participativo, ligado à Secretaria de Planejamento de Jaboatão dos Guararapes e Facilitador de

Conflitos, exercendo essa atividade específica no Núcleo de Mediação de Conflitos, ligado à Secretaria de Justiça, cuja finalidade é diminuir a quantidade de problemas que chegam todos os dias à Delegacia e à Defensoria Pública. Recentemente, o Senhor Heleno de Lima recebeu, na Câmara de Vereadores de Jaboatão dos Guararapes, o título de Cidadão Jaboatonense, em reconhecimento pelos serviços voluntários que, ao longo de muitos anos, tem prestado ao bairro de Muribeca dos Guararapes.

De acordo com o senhor Heleno Lima, a falta de uma religião e temor a Deus são fatores determinantes para o atual comportamento dos jovens e crianças:

é uma realidade muito triste, o comportamento da maioria dos filhos atualmente. O que hoje está estragando a nossa juventude é a falta de temor a Deus. Todo ser humano tem que ter uma religião pra se reger por ela. Quem vive sem religião, vive à vontade. Quem vive à vontade sempre, não faz tudo certo, o que ele faz é o que ele quer, mas, quem tem uma religião pensa antes e, se a religião não permite que faça, ele evita. Quem não tem religião faz o que quer, vai pra onde quer e, se faz o que quer e vai pra onde quer, nem toda vez acerta. Se o filho ama o pai, ele procura não fazer coisas que o pai não goste, não procura desobedecer ao pai, ele procura obedecer³³.

Compreendemos os comportamentos supramencionados como resultado do que Berger chamou de realidade objetivada. O homem, ao externar desejos, anseios e necessidades, e ao criar normas de conduta, produz a sociedade, mas essa produção distingue-se dele. Ao produzir leis, regras e priorizar outros valores, às vezes, em consequência, torna-se refém da sua própria produção.

Essa transformação dos produtos do homem em um mundo que não só deriva do homem como ainda passa a confrontar-se com ele como uma facticidade que lhe é exterior, está presente no conceito de objetivação. O mundo humanamente produzido se torna uma coisa “lá fora”. Consiste em objetos, tanto materiais como não-materiais, capazes de resistir aos desejos de seu produtor. Uma vez produzido, esse mundo permanece, quer se queira quer não. Embora toda cultura se origine e radique na consciência subjetiva dos seres humanos, uma vez criada não pode ser reabsorvida à vontade de sua consciência. Em outras palavras, o mundo humanamente produzido atinge o caráter de realidade objetivada. [...] O homem forja instituições, que o enfrentam como estruturas controladoras e intimidatórias³⁴.

Ainda no que se refere à educação em Muribeca dos Guararapes, constatamos que os índices de evasão escolar são alarmantes. Observamos que muitos alunos se evadem, por total desinteresse; outros, por optarem pelo trabalho, em detrimento do estudo. Considerando as dificuldades com o transporte para cumprir com os horários escolares (as escolas do bairro têm o turno noturno funcionando das 17:50h às 21:00h), e o trabalho exaustivo na agricultura ou no Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, é compreensível que os estudos fiquem

³³ Entrevista concedida por Heleno Félix de Lima, em 15 de maio de 2008.

³⁴ BREGER, 2004, p. 22 e 23.

relegados ao segundo plano e, forçosamente, os alunos abandonam a escola. Encontramos, entre os entrevistados daquela área, preocupação similar quanto ao referido problema:

Os jovens aqui não têm visão de uma faculdade, de uma coisa além. E eu tô tentando trabalhar isso com os jovens, por que se os pais deles pensavam assim, tudo bem. Eu falo pra eles que eles têm que pensar diferente. Esse mês eu tenho uma palestra sobre isso aqui. Se eles não despertarem, vai continuar do mesmo jeito. Lá na Associação, a gente começou a fazer uma escolinha, pra atender aqueles que queriam estudar e não podiam. Tinha uma turma que funcionava pela manhã, uma à tarde e outra à noite. À noite quem dava aula era eu. Peguei com Williams Souza (aluno do curso de História, da UFRPE e morador de Muribeca dos Guararapes) o material do Projeto do Governo Federal, Alfabetizar com Sucesso, que é muito bom, as aulas vinham todas preparadas e eu dava aula ao povo do lixão, que não tinha tempo de estudar, por ter ido trabalhar. Fiz um acordo com a diretora da Escola do Município que, quando os meninos estivessem preparados, a gente mandaria para a professora, que ia fazer uma avaliação e, decidia, então, se eles iam pra primeira ou segunda série. Eu me sentia super bem em dar aulas e eles eram muito interessados, mas, a gente teve que fechar a escola, por causa de ameaças³⁵.



Sidlei da Silva, estudante da Escola Humberto Lins Barradas desde 1985, ainda não conseguiu concluir o Ensino Médio. Trabalhador cadastrado no Aterro da Muribeca, quase todos os anos integra a estatística dos alunos desistentes.

³⁵ Entrevista concedida por Telma Ferreira Gomes, em 24 de abril de 2008.

Apesar do desinteresse da maioria dos jovens, existem pessoas, no bairro, que estão empenhadas em reverter a situação, preocupadas, inclusive, com as condições físicas das instituições existentes, o que constatamos no seguinte relato:

Outro trabalho, em que eu estou envolvido no momento, é sobre a Escola Barão de Muribeca. Ela é uma escola muito importante para o bairro, e está tendo um projeto na Secretaria de Educação do Município, para construir um prédio novo para aquela unidade, para que as pessoas ali tenham mais conforto, porque a que está é muito pequena, não suporta mais a quantidade de alunos por conta do espaço que é muito pequeno. Então, eu fico acompanhando o projeto, procurando saber como ele está lá na Secretaria de Educação, para saber quando vai se realizar. A educação é muito importante e eu me preocupo com isso, pergunto sempre à diretora e aos pais como está a situação para poder fazer alguma coisa para ajudar³⁶.

Para o senhor Heleno, atualmente, as oportunidades são muitas, mas nem todos querem aproveitá-los e desperdiçam a oportunidade que têm:

Eu não estudei muito. Na minha época, não tinha essa facilidade toda que tem hoje e, não era muito fácil estudar. Hoje os alunos ganham material, fardamento, têm merenda, mas, não estão muito interessados em aprender. Eu fiz até a quarta série. O melhor professor que eu encontrei na época foi o comércio e a força de vontade. Hoje, eu admiro a pessoa que diz que fez o Primeiro Grau, o Segundo Grau, mas somente em conversar, (*ao ouvir*) a pronúncia deles... Não sei o que eles fazem na escola³⁷.

Em seu depoimento, o senhor Heleno refere-se às facilidades dos atuais alunos de escolas públicas, quanto à aquisição de materiais escolares, fardamento, acesso à informação, com a introdução da internet nas escolas e, em alguns casos, o direito ao transporte. Ratificamos mais uma vez, que os problemas da educação no país, tais como a reprovação, a evasão, o comportamento violento, o desinteresse em aprender, a falta de perspectivas, a difícil relação entre professor e aluno são questões estruturais, ligadas não apenas às diretrizes que as conduzem mas também, às questões socioeconômicas. Não se pode dissociar a educação do tipo de política em que ela está inserida. Segundo Paulo Freire, para agir com eficiência no espaço da escola, o professor deve tomar ciência do quadro geral da educação, dentro do sistema capitalista. Assim afirma:

Sabemos que não é a educação que modela a sociedade mas, ao contrário, a sociedade é que modela a educação segundo os interesses dos que detêm o poder. Se é assim, não podemos esperar que a educação seja a alavanca da transformação destes últimos. Seria ingênuo demais pedir à classe dirigente no poder que pusesse em prática um tipo de educação que pode atuar contra ela. Se se permitisse à educação desenvolver-se sem fiscalização política, isso traria infindáveis problemas para os que estão no poder. Mas as

³⁶ Entrevista concedida por Neilson Cândido Gomes, em 28 de abril de 2008.

³⁷ Entrevista concedida por Heleno Félix de Lima, em 15 de maio de 2008.

autoridades dominantes não permitem que isso aconteça e fiscalizam a educação³⁸.

Os três entrevistados, da área histórica do bairro, que desenvolvem atividades voluntárias, possuem preocupação com a educação, não só das crianças e adolescentes, mas, também, dos adultos, que, embora tenham perdido muitos anos, estão dispostos a recuperar o tempo perdido.

Apesar de os moradores da área histórica, aparentemente, possuírem condição socioeconômica mais favorável, a alimentação deficiente e as doenças pulmonares são companheiras de muitos que lá residem. No mês de agosto de 2008, duas pessoas daquela área morreram, em decorrência de infecções pulmonares graves.

Constatamos que o número de alunos presentes nas escolas, antes do intervalo, momento em que a merenda escolar é servida, é maior do que no período posterior. Muitos vão à escola apenas para matar a fome e repetem a merenda de quatro a cinco vezes, com uma rapidez tão grande que impressiona. É inacreditável uma criança conseguir ingerir uma quantidade de alimento como a que habitualmente consome. Alguns deles, ao chegarem a suas casas, pouco ou quase nada têm para se alimentar. A merenda escolar é a refeição mais importante do dia, a oportunidade para comer algo que os sustente. Certa feita, uma aluna do turno noturno, quando a merenda não é servida, desmaiou no pátio da escola e, ao ser perguntada sobre o que provocara tal incidente, respondeu que, durante o dia, não havia ingerido alimento algum. São fatos como esses aqui relatados que fazem parte do cotidiano nas escolas de Muribeca dos Guararapes.

É evidente que o problema da fome aparece como um dos entraves para o aprendizado daqueles alunos. A estrutura econômica do país, que distancia as classes sociais, estipula limites e estabelece aqueles que têm o “direito” de aprender. Citando-se como exemplo de aluno que apresentou dificuldades decorrentes da fome, assim afirmou Paulo Freire:

Queria muito estudar, mas não podia porque nossa condição econômica não o permitia. Tentava ler ou prestar atenção na sala de aula, mas não entendia nada, porque a fome era grande. Não é que eu fosse burro. Não era falta de interesse. Minha condição social não permitia que eu tivesse uma educação. A experiência me ensinou, mais uma vez, a relação entre classe social e conhecimento. Então, devido aos meus problemas, meu irmão mais velho começou a trabalhar e nos ajudar, e eu comecei a comer mais. [...] À medida que comia melhor, comecei a compreender melhor o que lia³⁹.

³⁸ FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 49.

³⁹ FREIRE; SHOR, 1986. p. 40-41.

Ao falar acerca da fome nas escolas públicas e do seu poder para dificultar a aprendizagem e as relações que se firmam no ambiente escolar, pode parecer banal e muitos podem até julgar que tal fato não seja tão relevante; porém, ao conviver com ela, quase que diariamente, observando o comportamento de quem não tem como saciar tal necessidade primária, percebe-se a real dimensão dos danos que ela causa. A mídia noticia frequentes críticas endereçadas às políticas implementadas pelo Governo Federal, no que se refere aos programas voltados para aumentar a renda dos mais necessitados, como o Bolsa Família, por exemplo. Nós que convivemos com muitas famílias assistidas por esse programa, observamos que, enquanto não houver uma política que gere emprego e renda para os mais carentes, as medidas tomadas surtem resultados positivos visíveis. Para quem tem fome, não importa se as estratégias postas em prática são assistencialistas, manobras políticas de interesses escusos, ou qualquer outro motivo, o que interessa é minimizar o problema. Temos conhecimento, entretanto, de que alguns fazem uso indevido do benefício recebido, desviando-o para outras finalidades.

A fome, que aflige pessoas tão próximas, despertou o interesse em alguns moradores, levando-os a desenvolverem projetos que visam a minimizar aquele mal, tão agressivo quanto absurdo.

Sabendo que quem tem fome não pode esperar, o corpo gestor da Associação dos Moradores de Muribeca dos Guararapes demonstra preocupação desvelada em relação à questão, porém não tem condições financeiras para empreender uma ajuda sistemática aos moradores atingidos por aquele problema. Não se trata da pretensão de implementar uma política assistencialista. O motivo é que quem conhece a fome de perto tem a consciência de que, remediá-la, é uma ação que requer brevidade. A entidade possui arrecadação irrisória, devido ao número ínfimo de colaboradores. Devido a esse déficit orçamentário, a Presidente da entidade, procura integrá-la à obra de assistência exercida pela Igreja em que congrega, para minimizar, mesmo que de forma muito discreta, aquela situação, como nos declarou a própria líder comunitária:

Eu faço parte da Igreja Batista e tem a ver um pouquinho com a liderança da comunidade, por que aqui, hoje, não tem nem cinco pessoas que contribuem mensalmente pra Associação, mas, quando eu preciso de uma cesta básica a Igreja, dependendo da situação, eu falo com o pastor, e ele doa. A gente ajuda muito assim também, ou então, sai pelas casas pedindo. A gente tenta fazer o máximo que puder, pedindo ajuda a quem tem um pouquinho a mais, dentro da própria comunidade e a algumas empresas. Tem um rapaz, lá no

Conjunto Muribeca, que trabalha com ferro, ele sempre traz cestas básicas e, assim, a gente vai driblando⁴⁰.

Para Neilson Gomes, que, duas vezes na semana, distribui o sopão a sessenta pessoas, sendo quarenta delas cadastradas, com nome, foto e endereço. Ajudar as pessoas que precisam, conforme afirmou, é uma maneira de agradar a Deus.

Eu estou fazendo a minha parte, que é uma coisa que Deus manda fazer: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. A recompensa eu sei que não vou ter da Terra, mas de Deus. Todos os frutos, toda recompensa e bênçãos vêm de Deus. Quero atingir a meta que aquele alimento nutra, complemente sua alimentação, que possa ser algo que ele junte com o que tem em casa, para ter mais sustento⁴¹.

Em sua atividade, Neilson não só distribui a sopa, mas desenvolve um trabalho de conscientização junto às mães frequentadoras, para que elas dediquem mais atenção à higiene e saúde dos seus filhos. Vale considerar, aqui, que Neilson remete a questão da higiene às mães, porque são elas que frequentam os sopões e que, geralmente, são responsáveis pelos cuidados com as crianças, embora saibamos que a questão deve ser abrangente e atingir a todos os adultos do bairro. Não queremos dizer que a falta de higiene seja uma questão generalizada, mas, com a falta d’água e saneamento básico, por exemplo, (problemas já discutidos anteriormente), dobrar os cuidados e o lembrete quanto à importância da prevenção de doenças deve ser uma prática constante.

Em todos os encontros que realiza, antes da distribuição da sopa, ou de alguma palestra, Neilson reza, junto com os presentes, independentemente da religião que possuam, uma Ave Maria e um Pai Nosso, pedindo a Deus proteção para que aquele evento seja bem sucedido. Os ingredientes da sopa vão além do material – arroz, macarrão e legumes. Ele tenta oferecer o que considera alimento espiritual, além de orientação para uma vida mais saudável, na medida do possível. Profere palestras acerca da necessidade de manter as crianças sempre calçadas para evitar verminose – que é um problema generalizado; sobre a importância da higiene pessoal; o cuidado com os alimentos e tantos outros temas imprescindíveis para evitar problemas com a saúde. Tem consciência de ser o alimento é apenas um complemento e que não vai solucionar o problema, mas sente-se motivado a fazer algo, mesmo que diminuto, para minorar a dificuldade que detecta ao seu redor. Embora receba ajuda de alguns moradores para realizar aquela atividade, muitas pessoas fazem

⁴⁰ Entrevista concedida por Telma Ferreira Gomes, em 24 de abril de 2008.

⁴¹ Entrevista concedida por Neilson Cândido Gomes, em 28 de abril de 2008.

críticas, julgando ser uma maneira de se autopromover, visando a algum lucro posteriormente. Quanto a esta constatação, afirmou-nos Neilson em seu depoimento:

Tem gente que critica o trabalho que eu faço, mas eu penso que, se a pessoa estiver com fome, ela não pode sentar aqui e estudar, não! Uma pessoa com fome está agoniada, não vai raciocinar, não pode assimilar nada. Agora, dê a comida! A comida vai sustentá-la e ela vai parar pra escutar alguém. As pessoas não têm muita educação religiosa, mas, eu tenho muita fé e esperança, porque se não tiver fé e lutar nada vem e, é isso que eu tenho, muita vontade, mas, ainda faltam pessoas pra ajudar a acontecer. A gente se sente ainda muito sozinho, fica triste, pensa em desistir, mas, ao mesmo tempo diz: - Não, tenho que continuar. Já pensei também em não ligar mais pra essas coisas, a família também questiona muito, dizendo que estou fazendo sopa pra encher a barriga dos outros e eles não reconhecem, sem saber que isso é uma missão e que a recompensa vem do céu⁴².

As dificuldades podem despertar nas pessoas o espírito de solidariedade, o que, algumas vezes, é uma prática vivenciada desde muito cedo, dentro da própria casa. O exemplo dos pais é muito significativo para a formação do caráter de filhos, podendo influenciar, negativa ou positivamente, em suas atitudes e comportamentos futuros. Dificilmente, em uma família que estabelece e cumpre regras de convivência e mantém uma relação harmoniosa, pautada pelo respeito e companheirismo, algum de seus membros terá comportamento adverso, ao que, desde cedo, fora experienciado no ambiente familiar. Esse comportamento se reflete nas relações que se firmam, fora daquele ambiente, haja vista o caráter dialético das etapas de exteriorização e interiorização, supramencionadas, definidas por Berger⁴³.

Em seu depoimento, Telma Gomes assegurou a importância do exemplo dado por seu pai, homem muito religioso, como um dos principais contributos para o desempenho de suas atividades em benefício do bairro em que mora.

Eu sempre vi meu pai ajudando os outros, se ele chegasse com um quilo de macaxeira, dividia com o vizinho. Ajudar é sempre muito bom. Acho que todos os meus irmãos têm esse lado do meu pai. Todo mundo o conhecia. Se ele passasse três meses cultivando a macaxeira e, chegasse ao local, tivesse alguém roubando, ele nunca ia ter outra atitude, a não ser dizer assim: - Tá com fome? Leve quanto você puder. Ele era assim, repartia muito com os outros. O problema dos outros, já era dele. O máximo, que ele pudesse ajudar, ajudava, era um homem maravilhoso. O exemplo dos meus pais e a minha religião ajudaram, e muito, na formação do meu caráter⁴⁴.

Segundo ela, seu trabalho, à frente da Associação dos Moradores de Muribeca dos Guararapes, tem muito a ver com o que realizava desde a adolescência, quando se reunia com um grupo de amigos, da Igreja Batista, à qual pertence, e saíam para dar assistência, das mais

⁴² Entrevista concedida por Neilson Cândido Gomes, em 28 de abril de 2008.

⁴³ BERGER, 2004, p. 20- 24.

⁴⁴ Entrevista concedida por Telma Ferreira Gomes, em 24 de abril de 2008.

variadas formas, às pessoas que necessitassem, sendo elas do seu grupo religioso ou não. Para Telma, que sempre morou no bairro, o comportamento dos jovens de hoje, a disponibilidade em ajudar o próximo, já não é mais a mesma. Valores como solidariedade e companheirismo foram substituídos por egoísmo e insensibilidade, sentimentos hoje cultivados com mais constância.

Antes de ser líder comunitária, eu participava de trabalhos com um grupo de jovens, muitos deles da minha Igreja. Como a maioria das casas aqui era de taipa, quando alguma estava caindo, a gente ia lá, cavava barro pra levantar as paredes. As meninas iam, mas, só pra pisar o barro e levar suco (*para aplacar o calor*). Às vezes, era só pra conversar mesmo, pra dar apoio. E também, quando tinha pessoas idosas ou cegas, que moravam sozinhas, a gente ia uma vez por semana lavar as roupas. Hoje, eu sinto que, na minha época, a gente tinha uma garra maior do que a juventude de hoje. Eu digo isso, pelo meu próprio bairro. Quando eu chamo alguns meninos mais jovens, pra participarem de uma campanha, como a que a gente fez contra o desmatamento e a poluição do rio que, aqui, estão muito grandes, eles respondem: - Eu, não. Eu não vou fazer nada, não, eu vou entrar no rio e me sujar! E a gente entrava. A turma, da minha época, entrava. Quando a gente entrava na casa de um idoso, limpando a casa, indo pro rio lavar a roupa dele, a gente não pensava nisso, se ia pegar uma doença quando entrasse na água, o que ia acontecer, por que a gente fazia com tanta vontade, achando que realmente aquilo ia mudar o mundo. E olha que mudou, querendo ou não. Pelo menos, eu sei que hoje, eu tenho encontrado alguns, que já estão bem velhinhos e que talvez se a gente não tivesse ajudado, teriam morrido. Quando eu chego lá, eles dizem: - Ah, olha aquela menina que ajudava a gente! Na época, o Prefeito Barradas, que tinha uma casa aqui, cedeu o espaço, e a gente fazia as reuniões lá. Quando a gente se reunia, cada semana escolhia um tema pra falar, e era sobre drogas e coisas assim. O tema era aquele que a maioria quisesse, ou, então, contar o que tinha acontecido no mutirão que a gente fez, e isso era muito gostoso, era ótimo. Hoje, os meninos não têm isso. Na Associação, nós estamos tentando resgatar algumas dessas coisas⁴⁵.

Compreendemos, pois, que o comportamento dos jovens e crianças mudou em decorrência da mudança de paradigmas que direcionam e estruturam a família e a sociedade de forma geral. A forma como os valores estão sendo interiorizados, refletem na maneira de exteriorização do comportamento que adotam.

A invisibilidade do bairro, diante dos olhos de quem administra os órgãos públicos, é um fato entristecedor. Também constatamos, durante a pesquisa, o grande número de moradores invisíveis perante a sociedade, que não são considerados cidadãos por não possuírem documentação, sequer comprovando sua existência. Em todos os relatos dos entrevistados da área histórica, a falta de documentação foi uma deficiência que eles tentaram resolver, dedicando atenção especial à questão. Em nenhum momento foi formulada alguma

⁴⁵ Entrevista concedida por Telma Ferreira Gomes, em 24 de abril de 2008.

pergunta acerca do problema, no entanto, ele surgiu espontaneamente, sendo apontado como um fato preocupante. A esse respeito, relatou-nos o senhor Heleno:

Com oitenta e dois anos, eu continuo trabalhando, principalmente, pelo amor que tenho pela minha comunidade e, fazer o que eu sinto, que é ajudar as pessoas necessitadas, por que tem pessoas que necessitam de uma ajuda, de ser encaminhadas a tirar um documento, por que ela não sabe. Já pensou, uma pessoa, com mais de cinqüenta anos, nunca ter tirado um documento?⁴⁶

Segundo Neilson Gomes, a falta de documentação ainda é um problema existente no bairro, devido, também, ao grande número de pessoas que vêm de cidades do interior do Estado, para lá residirem.

Quando eu era Diretor de Ação Social, da Associação de Moradores de Muribeca dos Guararapes, desenvolvi muitos trabalhos, um deles, era quando aparecia uma criança que estivesse faltando documentação, mães que estavam faltando documentação, o leite que a mãe não poderia comprar. Teve uma pessoa no Conselho Tutelar, Eduardo, que me ajudou nesse sentido, de levar essa família. Eu acompanhei tanto as crianças com a alimentação, quanto a mãe para tirar os documentos de todos⁴⁷.

Em seu depoimento, Telma Gomes também faz menção ao problema da falta de documentação de muitas pessoas no bairro. Assim relatou:

Muita gente, aqui, não tinha documentos. A gente conseguiu fazer a campanha dos documentos. Trouxemos uma equipe da Faculdade Guararapes, alunos de Direito, eles deixaram 50 fichas, pessoas que nem sabiam direito da aposentadoria que tinham e eles vieram, organizaram a papelada de todo mundo. As pessoas já saíam daqui com tudo pronto, iam pra o INSS, já sabendo o que procurar, o que tinha que levar. Hoje, já tem gente aposentada, já tem gente com benefício. Pessoas que estavam em casa, doentes, que nem tinham documentos, nem sabiam que tinham esses direitos⁴⁸.

Os senhores Heleno Lima, Neilson Gomes e a senhora Telma Gomes queixaram-se do comportamento adotado por falsos políticos como o entrave maior para a realização de benfeitorias para a população de Muribeca dos Guararapes. Quanto maiores forem as necessidades do bairro, maiores serão as condições para que os oportunistas eleitores derramem, sobre aqueles habitantes, seus discursos fantasiosos, carregados de promessas que já não surtem tanto efeito. As escolhas individuais entram em confronto com os interesses da coletividade. A preocupação maior não parece recair sobre o bem-estar da população, mas está debruçada sobre interesses individuais. A competição entre candidatos e políticos eleitos

⁴⁶ Entrevista concedida por Heleno Félix de Lima, em 15 de maio de 2008.

⁴⁷ Entrevista concedida por Neilson Cândido Gomes, em 28 de abril de 2008.

⁴⁸ Entrevista concedida por Telma Ferreira Gomes, em 24 de abril de 2008.

retarda o crescimento da localidade, não permitindo que suas necessidades elementares sejam satisfeitas. Como em quase todo o território nacional, a barganha da miséria transformou-se em meio de vida para os desonestos, irresponsáveis e descomprometidos politicamente. De acordo com alguns relatos, os próprios membros das entidades instituídas no bairro, por não entrarem em acordo quanto ao apoio político, ou não, a um candidato comum, dificultam o processo de realização de obras que possam trazer benefícios à população.

A opinião dos nossos entrevistados acerca da política no bairro é a de que ela é mais um problema a ser resolvido, como observamos no seguinte depoimento:

Quando eu me candidatei a presidente da Associação, achava que isso aqui não mudava, por conta dos outros que tinham passado, por que ninguém fazia nada. Só que eu fiquei traumatizada, por que a gente esbarra em muita burocracia, pra tudo é ofício, a impressão que dá é que, quando a gente sai, alguém rasga e joga na lixeira da Prefeitura. Às vezes, as pessoas dentro do bairro, que têm condições de ajudar, não fazem e cortam por trás, por que a gente sabe que os vereadores têm muita influência nisso e, aqui, normalmente, cada pessoa tem um vereador, não há preocupação em unir forças e fazer um vereador dentro da comunidade. Se eu estiver apoiando um vereador e alguém estiver apoiando outro, se meu vereador tiver conseguido alguma coisa pra aqui, o do outro vai tentar fazer de tudo, dentro da Prefeitura, pra que o benefício não chegue, pra que o nome do outro apareça. É um nojo! Essas coisas que eu fui descobrindo aos poucos, foram me deixando muito triste, a ponto de passar uns dois meses afastada da Associação. Até por que, assim que eu cheguei, a gente tinha um trabalho tão forte, que a gente chegou a receber ameaça. A escolinha que, funcionava dentro da Associação, passou dois dias parada, com ameaça de morte. Eu tenho papel que prestei queixa na delegacia. Tudo isso, por causa de um cabo eleitoral, de outro candidato a vereador, não satisfeito com o bom trabalho que a gente estava fazendo⁴⁹.

Percebemos, no que se refere à difícil relação entre os políticos e os sujeitos da nossa pesquisa, que um dos entraves principais está na diferença das ações por eles praticadas que é, como definimos anteriormente, carismática, e as dos políticos que têm, na maioria das vezes, por finalidade principal, a obtenção de visibilidade, uma vez que isso pode dar-lhes prestígio e poder. Quanto ao poder e aos posicionamentos, geralmente assumidos pelos políticos, assim afirma Weber:

Quem participa ativamente da política luta pelo poder, quer como meio de servir a outros objetivos, ideais egoístas, quer como “poder pelo poder”, ou seja, a fim de desfrutar a sensação de prestígio atribuída pelo poder. [...] Portanto, a todo dia e a toda hora, o político tem de superar, interiormente, um inimigo bastante comum e demasiado humano: a vaidade vulgar, o inimigo mortal da dedicação objetiva a uma causa e de qualquer distância – no caso, da distância para com o seu próprio eu. [...] não há deformação mais prejudicial da força política do que a ostentação do poder. O resultado final

⁴⁹ Entrevista concedida por Telma Ferreira Gomes, em 24 de abril de 2008.

da ação política mantém com frequência, e às vezes regularmente, uma relação totalmente inadequada e por vezes até mesmo paradoxal com o seu sentido original⁵⁰.

Observamos, com frequência, nas atitudes e estratégias utilizadas pela classe política, a necessidade de manter a reputação de “servidor público” atuante e preocupado com o bem-estar da população embora, para tanto, lance mão de procedimentos não muito ortodoxos.

Para Henrieta Moore, a manutenção da boa reputação, ao mesmo tempo que se apresenta como um dos meios para a aquisição de poder, a partir do reconhecimento dos outros, também configura a manutenção da sua autopercepção, que, às vezes, é fantasiosa.

Conceitos como reputação se conectam não só a auto-representações e auto-avaliações do eu, mas ao potencial de poder e agência que uma boa reputação confere. A perda da reputação poderia significar uma perda de condições de sobrevivência, e falta de uma boa posição social podem tornar os indivíduos incapazes de seguir várias estratégias ou cursos de ação⁵¹.

Devido à função que ocupa, o senhor Heleno Lima sabe muito bem como funciona a política em Muribeca dos Guararapes, o que ficou muito claro ao nos relatar uma situação por ele vivenciada. Assim nos disse:

O que mais atrapalha, aqui em Muribeca, são os próprios políticos. Agora, vai chegar o tempo de eles chegarem, dizendo que é filho da terra, que são os irmãos, mas isso aí é só até outubro, depois de outubro, acabou tudo. No meu caso, o que mais atrapalha também, é o lugar lá na Secretaria, onde eu vivo, somente solicitando, reivindicando qualquer coisa pra Muribeca. Como Delegado do Orçamento Participativo, nós agendamos o que é prioridade, então, escolhemos calçar essa rua aqui, aquela da frente, da Rua da União. Teve um pré-candidato, que pagou pra limpar a praça, só pra dizer que estava fazendo alguma coisa. Isso não existe! A gente tem tanto trabalho e chega um cara desses... Até a moça, da Secretaria de Planejamento, disse que vai botar uma placa: “Trabalho do Orçamento Participativo”. Aquele asfalto, onde tinha um buraco, eu tomei muito chá de cadeira, lá na Secretaria, pra fazer aquilo ali. No dia que a doutora disse que o carro ia fazer o trabalho lá, parece que tinha pessoas desse vereador que escutaram e, quando o carro veio, pra fazer o trabalho, o pai desse vereador veio com um carro de som e começou a dizer que era a campanha tapa buraco e não sei que. Assim, fica difícil de se trabalhar. Então, isso é o que mais interrompe pra se fazer as coisas. Perde-se até o prazer de fazer as coisas. Eu faço por que não ligo pra isso, eu quero que o pessoal goze sempre daquilo que está sendo feito e, se alguém diz que foi ele que fez, o pessoal está sabendo que não foi⁵².

⁵⁰ WEBER, 1963, p. 98, 139 e 140.

⁵¹ MOORE, Henrieta. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos Pagu** v. 14, 2000. p. 38. Disponível em: < <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad14/n14a02pdf>>. Acesso em 30 de janeiro de 2009.

⁵² Entrevista concedida por Heleno Félix de Lima, em 15 de maio de 2008.

Quando perguntado acerca da existência de envolvimento político em sua atividade com os moradores do bairro, respondeu-nos Neilson Gomes:

O ser humano é um bicho muito complicado e difícil, mentalmente e de coração. Quando envolve político, é apenas por interesse particular. Cada um quer um político diferente, e esquece a outra questão, a comunidade. Mistura muito e fica muita coisa sem ser feita, por causa disso. Um apóia um, outro apóia outro e eu fico neutro, por que eu quero mais é trabalhar com o povo. Quero envolver, pegar a comunidade assim e, ela mesma, dar um quilinho de arroz, um macarrão, os amigos darem o osso, uma pessoa dar a roupa, amigos que venham com um armário, um birô, com uma cadeira. Eu quero mais visar o povo, a pessoa, pra ela se envolver, pra saber, acreditar que aquela pessoa que está ali, coordenando, quer que as coisas aconteçam. Quero que eles acreditem neles próprios⁵³.

Mesmo que as atitudes assumidas pelos sujeitos da nossa pesquisa, tais quais as dos políticos institucionais, configurem procedimentos políticos, observamos que existe, entre ambos, antagonismos que se expressam, de forma muito clara, nos resultados que são capazes de gerar. Evidentemente que, em alguns momentos, nossos entrevistados demonstraram propensão a se deixarem vencer pelos empecilhos, a ponto de comentarem que, uma vez que não há reconhecimento por parte da população, melhor que nada de fato seja realizado. Essa constatação se contrapõe a outros momentos das entrevistas, em que alguns deles afirmam não se preocuparem com o reconhecimento do seu trabalho. Salientamos, mediante observação que fizemos a partir da convivência com grande parte dos moradores do bairro, que eles desejam ser reconhecidos, sim, pelos serviços que prestam, desejo particularmente forte no senhor Heleno. Todavia, não se trata de uma expressão de soberba ou mesquinhez, mas, sim, de uma atitude de repúdio ao oportunismo tão bem praticado pelos políticos institucionais e como forma de mostrar aos demais moradores que as soluções podem surgir dentre eles próprios.

Para Charles Taylor, uma das características do ser humano é a sua formação dialógica e, a partir da comunicação com os outros, sua identidade é formada, o que lhe confere aspecto intersubjetivo, implicando a importância do reconhecimento dentro desse processo. Tal importância reside no fato de o homem possuir uma vida social. Segundo Taylor: “um indivíduo ou um grupo de pessoas podem sofrer um verdadeiro dano, uma autêntica deformação se a gente ou a sociedade que os rodeiam lhes mostram como reflexo, uma imagem limitada, degradante, depreciada sobre ele”⁵⁴.

⁵³ Entrevista concedida por Neilson Cândido Gomes, em 28 de abril de 2008.

⁵⁴ TAYLOR, Charles. A política de reconhecimento. In: TAYLOR, Charles; APPIAH, K. Anthony *et al.* **Multiculturalismo**. Lisboa: Piaget, 1998. p. 45-94.

Percebemos, com a citação supramencionada, a importância do reconhecimento também em relação ao Bairro de Muribeca dos Guararapes. Sobretudo porque a disseminação de um reconhecimento que o cataloga como local violento, permite que seus habitantes introjetem o julgamento que a ele é feito.

A luta por reconhecimento por parte dos diversos atores sociais acaba por criar, entre eles, uma indisposição que em nada beneficia o trabalho pela melhoria das condições de vida dos seus moradores, fazendo-se necessário o exercício da solidariedade, do qual iremos tratar em outro momento. Por hora afirmamos, com Patrícia Mattos, que

a dimensão que permite o desenvolvimento individual da auto-estima está baseada no reconhecimento intersubjetivo da valorização de uma pluralidade de valores, na qual distintos traços e habilidades são valorizados. É a relação de solidariedade que permite aos indivíduos ou grupos, compartilharem projetos comuns ou horizontes de valores. O aprendizado moral ocorrido na esfera da solidariedade está ligado às transformações históricas das relações sociais de estima⁵⁵.

Nas áreas do bairro que foram pesquisadas, constatamos que numerosas crianças, desde muito cedo, são obrigadas, pelas circunstâncias, a trabalhar para contribuir com a reduzida renda familiar; para tanto, submetem-se às atividades mais diversas, que vão desde o trabalho na roça, para aqueles que vivem nos sítios adjacentes, até o trabalho com os pais no Aterro da Muribeca, para os que moram na área histórica. Ainda que o trabalho infantil seja considerado atividade ilegal, é prática desenvolvida principalmente pelas crianças moradoras da Vila dos Palmares.

Segundo a Constituição Federal, em seu Artigo 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão⁵⁶.

O Estatuto da Criança e do Adolescente⁵⁷, em seu Artigo 71, institui que: “A criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento”.

⁵⁵ MATTOS, Patrícia. Formas do desrespeito social. **Mente, cérebro & filosofia** – o século XX.. São Paulo: [s.n.], [s.d.]. p. 65.

⁵⁶ Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

⁵⁷ Lei 8.069, de 13 de julho de 1990.

As duas leis supramencionadas asseguram que a família, a sociedade e o Estado, têm o dever de garantir o acesso, dentre outros, à cultura e ao lazer. Uma vez que, muitas vezes, falta às famílias do bairro, o essencial para satisfazer suas necessidades básicas, como, então, exigir delas que direcionem atenção especial a esses elementos, vivendo de forma precária e não conseguindo oferecer, no mínimo, as três refeições diárias aos seus? O Estado, em suas três esferas, mesmo com todos os projetos divulgados, prometidos e efetivados, não contempla todos aqueles que dele precisam para ter esses direitos satisfeitos.



Apesar da proibição, crianças podem ser vistas trabalhando no Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca.

Em Muribeca dos Guararapes, até uma atividade escolar que fuja dos padrões convencionais de ensino transforma-se em momento de descontração e lazer. Qualquer atividade diferente vira festa.

Além do jogo de futebol, disputado no campo existente na parte histórica do bairro, não há outra atividade que permita momentos de descontração sistemática aos moradores mais jovens do bairro. A Associação dos Moradores tenta, em algumas datas, promover atividades culturais, tais como encenação da Paixão de Cristo, na Semana Santa; comemoração do aniversário do bairro, no mês de setembro, com a realização de concurso para escolha do garoto e da garota do bairro, dublagem, peça teatral, dança e realização de gincana que mobilizam quase todos os moradores. É tradicional, durante os festejos juninos, a realização de quadrilhas de adultos e crianças, que, para conseguirem confeccionar suas vestes e adereços, precisam recorrer ao patrocínio, na maioria das vezes advindo de algum candidato a cargo eletivo que o faz tão somente em troca de votos.

Todas as atividades mencionadas contam com a dedicação integral do Diretor Cultural da Associação dos Moradores, Joselito Espíndola, possuidor de talentos artísticos muitas vezes comprovados, que nunca conseguiu uma oportunidade fora do bairro e, durante os eventos locais, se esmera em zelo e dedicação, produzindo sempre grandes espetáculos.

Outra iniciativa que tem dado certo é a publicação do jornal “Os Grude”, fruto da parceria entre a Associação e uma ONG da Suíça, atividade que mobiliza alguns jovens que atuam como diretores de imprensa, redação, esporte, cultura, política e conseguem fazê-lo circular a cada três meses. O nome do jornal faz alusão à sujeira, de toda espécie, existente no bairro. Tal meio de comunicação procura, também, noticiar os fatos positivos praticados pelos moradores que não possuem visibilidade na grande mídia.



Os Grude
Jornal Comunitário

Jan/Fev-2007

A TERCEIRA VITÓRIA DOS GUARARAPES



Diego Henrique

As ruínas da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do século XVI (1598), localizadas na antiga povoação de Muribeca dos Guararapes, estão passando por uma obra de contenção e recuperação estrutural, desde outubro do ano passado. A vice-presidente da Associação da Comunidade de Muribeca dos Guararapes, Telma Ferreira, afirma que o interesse pela recuperação estrutural das ruínas foi uma reivindicação de muitos anos: “A luta para que essa obra saísse do papel, iniciou com o antigo presidente da Associação, Sr. Helemo. Nós da atual gestão, fizemos uma forte pressão, usando todos os meios de comunicação, e obtivemos uma vitória para a comunidade.” Segundo Telma Ferreira, antes da reforma, a igreja era abandonada, olhada com descaso, servindo de ponto para usuários de drogas, banheiro público, um descuido com o Patrimônio Histórico. “Hoje ao ver tudo limpo, é comparável a um livro que estava esquecido na estante, e uma pessoa olhou, cuidou, leu e passou para outras pessoas.”

A vice-presidente da Associação procurou a Prefeitura e a Arquidiocese de Olinda e Recife para tomar as medidas cabíveis, mas não obteve resposta. Agora a obra está sendo financiada por um grupo de empresários.



Editorial

O Jornal Comunitário OS GRUDE é uma iniciativa de jovens que moram nas comunidades do Comporta e Muribeca dos Guararapes. Tem como finalidade mostrar a população destas áreas e redondezas que, existe mais um instrumento de luta. Assim, podemos divulgar nossos valores e nossas reivindicações, criando um novo espaço para discussões de nossos problemas e mostrando um outro lado de nossa localidade que a mídia não divulga por não servir aos seus propósitos sensacionalistas e demagógicos. O GRUDE, no seu primeiro número (Janeiro/ Fevereiro), tendo nesta edição, uma tiragem mínima de 500 exemplares e será editado bimensalmente. Nossa equipe é composta por Amanda Salazar, Aldio Pereira, Diego Henrique, Gleydson de Carvalho, Heleno Veríssimo, Ivanildo e Itamar.

OS GRUDE
Cx. Postal 539 Ap. Shopping Guararapes
54325-000 Piedade - Jaboatão dos Guararapes - PE - Brasil
E-mail : jornalgrude@terra.com.br

Muribeca Rua de lata d'água na cabeça
Ivanildo Filho

Desde junho de 2006, Muribeca não vê nenhuma gota de água nas torneiras. A causa disso é que a ETA - Estação de Tratamento de Água se encontra inoperante. Antes a água vinha bruta do rio Muribeca por tubulações. Era tratada na ETA. Moradores de comunidades próximas da Estação começaram a buscar essa água por um motivo simples: não tinham água para o uso doméstico nas suas residências. As tubulações e a estação de tratamento foram desativadas, mas no veio agravar mais o problema de fornecimento da água. Hoje a população é abastecida por carrozinhos que passam uma vez por semana em cada ponto da comunidade, tornando assim, a distribuição insuficiente. Outra solução encontrada pelos moradores da comunidade foi a perfuração de poços e cacimbas. Como nos brasileiros sempre inventamos o nosso “jeitinho”, alguns moradores comercializam essa água proveniente de poços e cacimbas particular. O preço mora em baixo.

Muribeca está localizada próxima a um grande depósito de lixo, o Aterro Sanitário, não temos estado precioso sobre a contaminação do lençol freático, ou seja, da água que está em baixo da terra. O que temos notícia é que muitas cacimbas e poços perfurados em Muribeca e em Vila Palmares são impróprios para o consumo. Apresentam coloração escura e um mau cheiro parecido com o que o vem do Aterro quando passamos pelas proximidades. Um outro problema são os poços de água clara e sem cheiro forte, perfurados perto das fossas e, esses possivelmente, a água está contaminada porque a distância da fossa para o poço ou cacimba deve ser de no mínimo 15 metros, segundo a vigilância sanitária.

Mesmo sem abastecer água, a COMPESA continua enviando contas para os moradores. Quem viver... verá.

O Sr. Nelson Cândido, diretor de Ação Social da ASCOM - Associação da Comunidade de Muribeca dos Guararapes e mais três participantes, formaram um grupo Movimento Popular Muribeca Com Mais Água (MPMA) e, discutiram durante meses tentando descobrir uma solução para esse grave problema, a falta de água. Segundo um participante do MPMA, diz já existir um projeto na COMPESA que está em fase de licitação para resolver a falta de água. Ele ainda afirma que o investimento do projeto está sendo arrecadado pelo Fundo Nacional de Saúde (FUNASA) estimado em quase um milhão de reais. A obra está prevista para começar em março deste ano e terá a duração de três meses. Quem viver verá.



Primeira edição do jornal Os Grude, janeiro de 2007, denunciando o descaso com o abastecimento d'água e a obra de recuperação das ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Observamos, então, que a tarefa de promover cultura e lazer ficou a cargo de alguns integrantes da sociedade que insistem em continuar acreditando na possibilidade de construir uma sociedade diferente e mais digna, mesmo enfrentando obstáculos, que não são

poucos, para a concretização de atividades que ajudem a oferecer, principalmente às crianças e jovens, momentos de descontração. Podemos constatar o fato, no seguinte depoimento:

Quando a gente fala em ajudar o próximo, tem que fazer mesmo. Uma coisa que eu já fazia há muito tempo, antes de ser líder, e continuei fazendo onde estou foi, algumas semanas antes do dia da criança, deixar umas caixas no supermercado e na farmácia, pra que as pessoas deixem brinquedos usados. Uma semana antes, algumas senhoras que distribuem as bonecas, fazem roupas, a gente conserta e leva pra entregar no engenho. Quem pode doa pipoca, pirulito e a gente passa o dia todinho brincando nos engenhos, por que aqui (*se referindo à parte histórica*), de vez em quando chega alguma doação, mas, lá nos sítios, é mais difícil. Vai muita gente daqui pra lá. A distância dos engenhos é de aproximadamente cinco quilômetros. Quando a gente vai, é pra passar o dia todo. Eu mando avisar, eles cozinham macaxeira e a gente leva a carne. A gente brinca com os meninos e, também, aproveita pra se divertir, tomar banho de rio, de cachoeira... É uma festa!⁵⁸

Para Neilson Gomes, alimentar as crianças, distribuir roupas e orientar os moradores quanto aos cuidados com a saúde e higiene não são suficientes, pois as pessoas precisam também de distração, de entretenimento para melhorar a autoestima, elas precisam de um pouco de diversão para amenizar as situações dolorosas do cotidiano, o que ficou evidenciado em seu depoimento:

Lá na distribuição do sopão, eu também faço as festas comemorativas, como no Dia Internacional da Mulher, que foi muito bom; Dia das Mães, em maio; o São João, por que é uma festa de animação e as pessoas precisam de animação pra enxergar a vida mais bonita, não ficar pensando apenas em coisas tristes. Eu estou procurando um espaço maior, pra poder fazer mais coisas⁵⁹.

Viver em um local que não oferece condições para uma vida com dignidade acaba por gerar comportamentos depressivos e de inferioridade, conduzindo a formas de pensar e de viver em que a autoestima praticamente inexiste. Constatamos, durante as entrevistas e na observação participativa, que os entrevistados faziam questão de frisar a importância do amor ao próximo e de dedicar parte do seu tempo à promoção do ser humano, como forma de diminuir a negatividade que se abate sobre as pessoas obrigadas a viver naquela situação, muitas vezes deixando clara a influência dos ensinamentos religiosos no direcionamento de suas ações.

Todo ser humano precisa sentir-se útil, capaz, interessante e interessado, tomar alguma atitude que revigore a crença na possibilidade de protagonizar a construção de uma realidade mais satisfatória. Pensando assim, afirmou-nos Telma:

⁵⁸ Entrevista concedida por Telma Ferreira Gomes, em 24 de abril de 2008.

⁵⁹ Entrevista concedida por Neilson Cândido Gomes, em 28 de abril de 2008.

A carência da comunidade é muito grande. Como aqui não tem nada, tem sempre muito o que fazer. Quando a gente começou na Associação, viu que era preciso fazer alguma coisa para melhorar a confiança das pessoas nelas mesmas, então, a gente decidiu começar pelas mulheres. Começou com corte de cabelo grátis. A gente queria levantar a auto-estima das mulheres, principalmente, aí houve a semana da beleza. Elas pintavam unha, cortavam cabelo, ajeitavam, traziam os filhos, também, os maridos, ou seja, em muitos casos, vinha a família toda. Isso foi muito bom. A gente queria que elas se sentissem bonitas⁶⁰.

Opinião parecida expressou Neilson, ao ser indagado sobre a avaliação que fazia acerca da inércia dos moradores de Muribeca dos Guararapes, ao que respondeu:

O envolvimento da comunidade, aqui, ainda deixa muito a desejar. Em Muribeca, o pessoal é muito parado, muitos não se interessam e outros não reivindicam as coisas, por que acham que não vão conseguir. A auto-estima por aqui é uma coisa muito séria. A gente tenta conversar com as pessoas, pra ver se elas acordam, mas, como eu já lhe disse antes, trabalhar com gente é muito difícil, o ser humano precisa de muita coisa pra acordar, precisa acreditar mais. Mas, não é por isso que a gente vai desistir, se ninguém fizer nada pra mudar vai ficar assim a vida toda, é por isso que eu insisto⁶¹.

O depoimento de Neilson nos remeteu ao desabafo do senhor Heleno, que, mesmo não sendo compreendido por todos, continua firme na realização daquilo em que acredita e que estabeleceu como seu objetivo de vida: ajudar ao próximo, ainda que enfrentando e transpondo muitos obstáculos. Mesmo não tendo a credibilidade de todos, até por que unanimidade na apreciação feita acerca de trabalhos como o dele não existe, observamos que todos os moradores demonstram sentir por ele grande respeito e admiração, devido à insistência que o caracteriza em tudo o que almeja alcançar. Assim nos relatou o referido senhor:

Acho que nem todos entendem o que eu faço. Muitos acham que não estou fazendo nada, mas eu não considero isso e continuo fazendo aquilo que tenho vontade de fazer, que gosto de fazer. É voluntário mesmo, quero ajudar as pessoas que precisam de mim. A minha família fala que eu devia estar em casa descansando, mas eu me sinto bem. O Presidente da Câmara Municipal de Jaboaão dos Guararapes, brincando comigo, disse que queria saber qual o chá que eu tomo, pra estar com essa idade e com toda essa coragem. Ontem mesmo, eu saí da Câmara eram nove horas da noite, pra voltar ainda pra Muribeca. Chegar aqui à noite, a senhora sabe como é difícil, não é? Esse mês foram oito reuniões lá, do Orçamento Participativo, tudo de noite, de cinco às nove. E ainda tem gente achando que isso não é nada. Mas, não tem problema, por que eu estou fazendo e agradando a Deus, sei que está dentro daquilo que Deus quer que a gente faça. Se a melhoria chegar eu fico satisfeito, não importa o que os outros vão ficar pensando. A minha reivindicação é pra que melhore um pouco mais a vida do lugar onde

⁶⁰ Entrevista concedida por Telma Ferreira Gomes, em 24 de abril de 2008.

⁶¹ Entrevista concedida por Neilson Cândido Gomes, em 28 de abril de 2008

eu moro, incentivando o povo e exigindo das autoridades competentes, pra que elas possam olhar pra Muribeca. Tenho boas promessas de melhoria pra Muribeca, é por isso que eu quero que o povo acredite mais⁶².

Embora tenhamos detectado mais uma vez a preocupação com o reconhecimento do seu trabalho, o senhor Heleno demonstra, com clareza, o desejo de agradecer a Deus, expresso em suas palavras e ações, como fator determinante na insistência em continuar trabalhando em prol dos moradores, não apenas na área em que reside, mas em todo o bairro de Muribeca dos Guararapes.

Até aqui foram detalhadas, as atividades de alcance social desenvolvidas na parte histórica do bairro. Passaremos a analisar, através da ação de seus agentes históricos, como é a atuação na Vila dos Palmares, local com ainda maiores dificuldades socioeconômicas.

⁶² Entrevista concedida por Heleno Félix de Lima, em 15 de maio de 2008.

2 RESISTINDO EM MEIO AO DESCASO GENERALIZADO: VILA DOS PALMARES, QUE HISTÓRIA É ESSA?

Zumbi dos Palmares e Gregório Bezerra simbolizam persistência, resistência, coragem, luta contra as injustiças, enfrentamento com o poder constituído que amordaça, subjuga e cerceia direitos que devem ser inalienáveis a qualquer indivíduo. São esses os nomes dos núcleos populacionais que se formaram nos arredores da área histórica de Muribeca dos Guararapes. Não por acaso, o local capta e expressa, através do cotidiano dos seus moradores, o espírito de desafio que emanava daqueles que deram nome ao local.

Gregório Bezerra é um loteamento, dentro da Vila dos Palmares, favela que se formou há aproximadamente 15 anos. Viver naquele local requer, acima de tudo, coragem, devido aos graves problemas a que estão submetidas as pessoas que, por falta de melhor opção, são obrigadas a conviver e sobreviver, driblando as intempéries, com o desconforto e o desrespeito político a que estão relegados.

A Vila dos Palmares possui, atualmente, o maior número de habitantes, dentre as três áreas analisadas. Sua população é composta por pessoas, a princípio, procedentes principalmente dos bairros do Coque, Brasília Teimosa e Monte Verde. Fruto do oportunismo eleitoral, os terrenos foram entregues, a título de posse, pelo então Deputado Estadual, Newton Carneiro, sem que nenhum deles possuía escritura do local em que construíram suas moradias.

Na localidade, podem ser observadas muitas casas de alvenaria, contrastando com inúmeros barracos de madeira ou papelão, cobertos por plástico, que em nada abrigam da chuva e do frio a que estão expostos. Formado por ruas sem calçamento e sem a menor demarcação, o cenário apresenta-se como verdadeiro labirinto que não deixa a desejar a qualquer história mitológica da Antiguidade. Nas pesquisas feitas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), uma das perguntas do questionário é o número de banheiros que cada casa possui, o que ajuda, dentre outros elementos, a determinar a condição econômica dos moradores pesquisados; na Vila dos Palmares, por exemplo, grande número de moradias não possui banheiro, fato que comprova a difícil situação por eles vivenciada. Percebemos, então, a dificuldade na manutenção da higiene em um local como o acima descrito, o que é um contributo para a proliferação de insetos, roedores e, conseqüentemente, um agravante na incidência de doenças dos mais diversos tipos. Como na área histórica, analisada no capítulo anterior. Ali as doenças pulmonares são muito freqüentes, apesar da

assistência sistemática do PSF (Programa de Saúde da Família) e da atuação eficiente que os agentes de saúde comunitários empreendem naquela região.

Devido às dificuldades detectadas durante a fase de observação, não é de causar admiração a um pesquisador a inexistência de saneamento básico, água e esgoto no local, deficiências associadas ao serviço precário de transporte, uma vez que não existe linha regular de ônibus que atenda à população. A única assistência é feita através de uma linha alternativa, até o Bairro de Piedade, dentro do próprio Município. Apesar do grande número de habitantes, a falta de infraestrutura é o fator determinante para a inexistência de uma linha regular de transporte coletivo no local. De nada têm adiantado as inúmeras reivindicações da população nesse sentido.

O recolhimento do lixo é realizado de forma deficiente. Não há circulação de caminhões de coleta, apesar de estarem tão próximos ao Aterro Sanitário de Resíduos Sólidos da Muribeca. Os dejetos são depositados em caçambas coletoras que não são esvaziadas a contento, portanto, lixo espalhado pelas ruas faz parte da paisagem local. As escolas têm trabalhado, com muito empenho, o tema do meio ambiente, tentando, através das crianças, educar os adultos que, comumente, adotam comportamentos inadequados quanto ao destino que dão ao lixo produzido. Aliás, lixo é uma palavra que lembra, para aqueles moradores, não apenas sujeira ou geração de doenças, como para a maioria das pessoas; para muitos, representa sinônimo de comida, trabalho e sobrevivência. Dos mil e duzentos trabalhadores cadastrados no Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, mil residem em Muribeca, sendo, a maioria deles, moradores da Vila dos Palmares. Pela observação que desenvolvemos, desde o surgimento do Aterro, no bairro, constatamos que muitos dos trabalhadores apenas possuem comida na geladeira, ou nas panelas, devido à “garimpagem” que fazem no lixo lá depositado.

Durante o inverno, grande número de ruas e casas são alagadas pelas enchentes provocadas pelo Rio Muribequinha, que, naquela parte do bairro, possui suas margens ocupadas por inúmeros barracos habitados por pessoas que vivem em constante ameaça. Em alguns locais os moradores ficam completamente ilhados. Crianças e jovens, forçados pelos pais a comparecerem à escola, em dias muito chuvosos, precisam fazer a travessia, enfrentando nível de água muito alto em algumas áreas. Para muitos, que mal têm o que comer, é natural não possuírem roupas e agasalhos apropriados para a estação. Expostos à chuva e ao frio, o índice de doenças respiratórias cresce consideravelmente durante o período. Pode parecer inacreditável para as pessoas que têm acesso à informação e à escolaridade, a falta de cuidado que percebemos no comportamento adotado por algumas pessoas com diagnóstico de lesões pulmonares graves. Elas transitam e mantêm convívio social normal,

sem que, para isso, adotem quaisquer reservas no contato com os demais. Alguns chegam a utilizar máscara, certos de que estão protegidos e protegendo. Utilizam e desfilam com aquele “acessório” como se fosse um troféu, demonstrando satisfação em detalhar o motivo para a utilização dele. Quando aconselhados a tomarem cuidado com as consequências que a atitude pode trazer, a eles e aos demais, rebatem, com a afirmação de que aquela medida é bastante para sua proteção e para evitar o contágio.

Transitando por aquelas ruas, o número de pessoas, de todas as idades, em situação de ociosidade, é muito grande e frequente. O índice de desemprego ali é notoriamente maior. Vez por outra, os moradores obedecem a um toque de recolher, estipulado por grupos escusos, que, para resolver pendências referentes às rivalidades entre eles, obrigam os moradores a modificar suas rotinas de vida, para cumprir as determinações dos que, em meio a tantas dificuldades, sobrevivem de práticas ilícitas, monopolizando e interferindo na vida dos habitantes locais. Escolas, pontos comerciais e até o transporte coletivo alternativo param, em cumprimento às regras estabelecidas.

O crescimento da violência no local tem, como um de seus fatores, a ociosidade. Além do desemprego, faltam opções de lazer para as crianças e adolescentes que facilmente são seduzidos e envolvidos por adultos que desistiram de lutar contra as intempéries a que estão expostos e renderam-se às atividades ilícitas. Por ser um local de difícil acesso e próximo à estrada que faz integração com a BR 101-SUL, as imediações servem, muitas vezes, como local de desova para crimes cometidos em outros bairros. Os ônibus têm sido frequentemente assaltados. No dia 19 de setembro de 2008, o latrocínio que matou o motorista Tadeu Silva comoveu a população, levando cerca de mil pessoas às ruas do bairro, em sinal de protesto pelo trágico acidente que fez mais de dez vítimas. Fatos como esse servem para reafirmar, ainda mais, os comentários feitos sobre o bairro, como sendo uma terra sem lei e conduzem Muribeca dos Guararapes, principalmente a Vila dos Palmares, aos noticiários, nas páginas policiais dos principais jornais. Isso não significa dizer que todos os atos ilícitos, praticados no bairro e em seu entorno, sejam de autoria de seus moradores.

A situação na Vila dos Palmares é peculiar aos grandes centros urbanos, que atraem pessoas de diversas partes, transformando-as em aglomerados de seres humanos entregues à própria sorte, vítimas de desmandos e descasos que produzem agressividade e uma forma de reação que prioriza outros códigos de ética e de valores, como o que está expresso na seguinte afirmação:

Em cada esquina, pode surgir um assalto. Em cada ônibus, pode-se ser surpreendido por algum marginal armado. Nas ruas escuras, em certos

bairros periféricos, em certos lugares suspeitos, ninguém ousa andar à noite. A tragédia da violência nas grandes cidades atinge índices assustadores. A cobertura da imprensa e uma mídia que está ‘Aqui e Agora’ vasculhando esse universo fazem crescer a impressão de uma violência incontrolada. [...] O crescimento da violência coincide com a ascensão do poder da droga, com a avassaladora onda de corrupção dos órgãos policiais e com a vergonhosa impunidade de criminosos. Três fatores explosivos. [...] Os seres humanos nas cidades superpopulosas se tornam mais agressivos. Mais grave ainda é a situação nas favelas. Aí somam-se outros fatores da degradação humana, tais como a violência policial, o crime organizado, a terrível situação da juventude situada entre a repressão policial e a sedução da marginalidade⁶³.

Frequentemente, em um panorama como o que foi descrito acima, a população assimila a condição de impotência e é incorporada aos mecanismos criados pelo sistema, ao ver seus anseios e quereres cooptados pela eficaz ineficiência dos órgãos públicos. Entretanto, preocupação com o destino das crianças que vivem ali tem despertado, em alguns moradores, a prática de atividades educativas que servem, no mínimo, para minimizar os riscos a que fatalmente estão expostos. Algumas pessoas dedicam todo o seu tempo em prol das crianças e pais que a ela chegam, para pedir ajuda. É o caso de D. Cristina Nascimento, moradora da Vila dos Palmares há 12 anos, que mantém com os poucos recursos, advindos da pensão deixada pelo marido e algumas doações, 100 crianças em idades que variam de seis meses a 14 anos. Em todo o depoimento que concedeu, a citada senhora deixa bastante evidente o desprendimento e dedicação com que atua no bairro. Católica e temente a Deus, como ela própria afirma, procura, enfrentando dificuldades inimagináveis até para quem abraça um trabalho como o dela, transpor as barreiras, com a convicção de que construir um mundo melhor é dever de todos, independentemente do local em que mora, do salário que tem ou da religião que abraça.

Ainda jovem, Dona Cristina havia tido um sonho no qual, segundo ela, uma menina convidou-a a realizar um trabalho com crianças, mas, no momento certo, ela saberia como agir. O sonho se concretizou na Vila dos Palmares, há exatos doze anos, onde mantém a Creche e Clube de Mães Lar Esperança.

Sua história, em particular, apresenta similaridades com o que ocorrera com São João Bosco. Filho de camponeses, aos nove anos, tivera um sonho determinante para o que seria a sua vida posteriormente.

Ele viu uma tumultuada reunião de crianças que blasfemavam e brigavam entre si. João tentou apartá-los com socos e palavras ásperas. Naquele momento apareceu um homem, com vestes luminosas, que lhe disse: *Não é*

⁶³ LIBANIO, João Batista. **As lógicas da cidade**: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 42-43 e 50.

*com pancadas, mas com mansidão, que você poderá guiá-los. Ao lado estava uma bela senhora, que acrescentou: Cresça humilde, forte e robusto*⁶⁴.

Após inúmeras dificuldades, João Bosco foi ordenado padre e desenvolveu um trabalho com crianças pobres submetidas a empregos miseráveis e que viviam pelas ruas, sujeitas a um destino degradante. Posteriormente, fundou o Oratório festivo, que, mais tarde, foi substituído pela Congregação Salesiana, direcionado à educação e à instrução religiosa de jovens. Em um bairro pobre de Turim, na Itália, instalou a casa-mãe da Pia Sociedade de São Francisco de Sales, cuidando de crianças abandonadas.

Ao ser perguntada sobre o trabalho que desenvolve, Dona Cristina nos respondeu:

Tenho um trabalho com as crianças carentes e com as mães do Aterro. É um trabalho que eu faço de coração, sem interesse nenhum, e é um trabalho a que me dedico, tentando ajudar essas crianças no que posso e no que não posso, com a ajuda de várias pessoas. Nele eu tento, cada vez mais, dar o melhor e ajudar pra que as crianças tenham um dia-a-dia melhor do que elas têm em casa. É um trabalho que, antes de eu começar, Deus tocou no meu coração: eu tive um sonho e, daí em diante, comecei. Um padre me ajudou muito, a trazer as mães pra cá, me ajudou em tudo, na casa, com as mães. Eu vivo lutando, cada dia mais pra dar uma vida melhor pra essas crianças, e eu faço sem interesse nenhum, porque quando a gente morrer daqui não leva nada, a gente só leva aquilo que a gente faz de coração, ajudando o próximo. É por isso que eu continuo fazendo o que eu posso por elas. Eu não me sinto a dona de uma creche, me sinto uma avó, uma mãe, porque tudo o que eu faço é de coração, pois quando a gente sair daqui não leva nada, deixa tudo, só o que a gente faz de bom é que vai ajudar depois⁶⁵.

A história de vida de D. Cristina é um exemplo de dedicação ao próximo, difícil de ser imaginado. Há aproximadamente 13 anos, quando morava no Bairro de Monte Verde, ficou desabrigada, em consequência de uma enchente, tendo sido recolhida, com tantas outras famílias, a um abrigo improvisado pela Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes. A liderança, que lhe é peculiar, não tardou a surgir. De imediato, reuniu as pessoas ali abrigadas, para que, juntas, estabelecessem regras de convivência que tornassem a situação suportável. Logo se transformou em líder e porta-voz dos companheiros de infortúnio.

Sendo amiga do Padre José, que assistia espiritualmente aquelas pessoas, recebeu dele a oportunidade de ter uma nova casa, ao que recusou por não julgar coerente com os demais que ali deveriam permanecer por não terem tido a mesma sorte. Reuniu todos os desabrigados que com ela se encontravam e acampou diante do prédio da Prefeitura, até que o Prefeito tomasse uma atitude para solucionar o problema, ali permanecendo, com ajuda de alguns comerciantes, durante quase um mês, período em que foram doados terrenos em

⁶⁴ MEGALE, Nilza Botelho. **O livro de ouro dos santos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 132.

⁶⁵ Entrevista concedida por Maria Cristina Nascimento, gravada em 25 de abril de 2008.

Muribeca dos Guararapes, os quais viriam a formar, posteriormente, a Vila dos Palmares e a Gregório Bezerra.

Segundo Dona Cristina, os ensinamentos do padre foram fundamentais para a prática da atividade que hoje desenvolve.

O padre José foi passar uma temporada lá em Jabotão e me mostrou que a gente tinha que ajudar o próximo, se visse uma coisa errada, não fechasse os olhos, tentasse ajudar. O ensinamento dele foi mais do que suficiente pra me alertar, me abrir os olhos para cada vez mais eu pensar naquilo que já vinha pensando há anos, há muitos anos atrás, que se eu fosse uma mulher de dinheiro, ia fazer esse serviço. Os ensinamentos de padre José, durante a temporada que ele passou do meu lado, me apoiando, me reforçaram mais ainda. Em seguida eu tive esse sonho, que muita gente disse: - Cristina, isso não foi um sonho, foi uma revelação! Daí em diante começou minha luta, sem olhar pra trás e sem pensar duas vezes⁶⁶.

No afã de suprir as necessidades das crianças, Maria Cristina endividou-se, a ponto de dar a casa em que morava ao proprietário de um mercadinho onde uma dívida fora contraída, por uma quantia irrisória. Muitos, até hoje, olham com desconfiança seu trabalho, por não compreenderem até onde podem ir pessoas que têm o socorro aos necessitados como proposta de vida. Humilhações, desconfianças e pré-julgamentos não foram bastantes para deter a caminhada em busca do seu propósito. Em seu relato afirmou:

Já vim pra cá, consciente do que eu ia fazer, só não sabia quando. Fui muito humilhada no começo, chorei muito, me endividei. A casa que eu tinha, vendi pro dono do mercadinho onde eu devia e não me arrependi, porque eu disse que, no dia certo, Deus ia me dar e Ele me deu realmente. Tinha época que eu saía assim pra arrumar as coisas para as crianças, pedir ajuda e me chamarem de muitos nomes que eu não vou chamar. Ai eu baixava a cabeça e saía no maior pranto. Diziam: - Mas que nada Dona Cristina, não foi eu nem a senhora que botamos isso e aquilo no mundo não, não se preocupe com isso não! – Eu não botei, nem o senhor botou, nem eles pediram pra vir ao mundo, então, cabe à gente ajudar essas crianças. E daí em diante eu faço o meu trabalho de coração mesmo. A semana passada mesmo, Zeza disse: - Cristina, tu pensa em ser o que? Eu disse: - Não penso em ser nada. O que eu penso é em ajudar essas crianças, e não faço nada com interesse, o que eu quero é só que Deus veja se eu tô certa ou errada, os outros...⁶⁷.

A fé em Deus, expressa nas palavras daquela senhora, explica a determinação presente na obra que realiza, uma vez que, para tal, não recebe ajuda de algum órgão público, contando apenas com a doação de pessoas que, ao conhecê-la, comovidas, decidem ajudar. Assim ocorreu com um professor universitário que não quer ser identificado: ao constatar a imensa dificuldade pela qual a Creche passava, doou um prédio, no valor de seis mil reais.

⁶⁶ Entrevista concedida por Maria Cristina Nascimento, em 25 de abril de 2008.

⁶⁷ *Ibid.*

A crença na providência divina sempre foi o sustentáculo para os cristãos, mais especificamente, para aqueles primeiros, quando se encontravam em situações adversas. Os que foram reconhecidos como santos, pela Igreja Católica, também tiveram muito presente, em suas atitudes, a certeza de que Deus não lhes faltaria, qualquer que fosse a condição na qual se encontrassem.

Acreditando que os anjos enviados por Deus não falham em suas missões, para Dona Cristina, aquele professor é um deles.

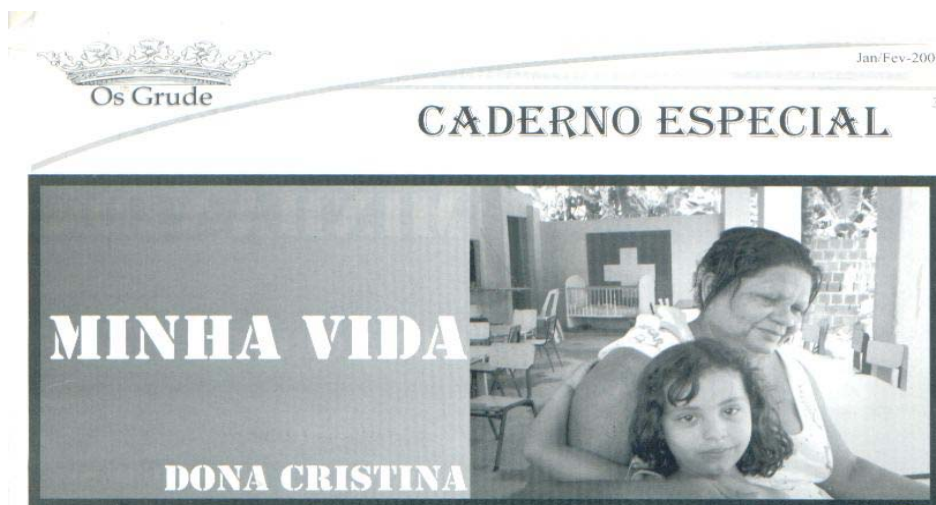
Ele é uma pessoa que tem me ajudado muito, foi um anjo que Deus botou no nosso caminho, meu e dessas crianças. Ele fez doação da casa e, até hoje, vive lutando comigo e com essas crianças. Quando ele chegou, minha filha disse: - Que nada mãe é mais um. Ele vai dar uma casa nada! Tantos chegam aqui prometem e não dão. Eu disse: - Esse daí não tá com interesse, não tá com nada. E realmente, com oito dias, ele chegou e perguntou: - Como é, já procurou a casa? Pode procurar que eu dou. Disse o valor que eu podia comprar a casa e afirmou: - Olhe mais não, mas, até oito mil, pode procurar que eu pago. Compre com terreno de um lado e de outro que, aos poucos, a gente vê se compra pra aumentar. Aí, realmente, com oito dias eu acertei, levei o rapaz, ele fez o pagamento, passou pra o nome da creche, me deu o documento e, desse dia em diante, cada vez mais Deus tá aumentando a Creche e ele, do nosso lado, ajudando⁶⁸.

Identificamos, ao conhecer sua história, o carisma expresso em atitudes e posicionamentos, capaz de sensibilizar moradores do bairro que, acometidos dos mesmos infortúnios, mesmo assim, de forma voluntária, colaboram diariamente para manter a Creche Esperança em funcionamento. Assim é o exemplo de Maria José de Freitas, braço direito de Dona Cristina, carinhosamente chamada pelas crianças como tia Zeza, responsável pelo preparo das três refeições servidas, cuja tarefa principal é a de, diariamente, realizar o milagre da multiplicação. Dona Cristina, que ainda conta com a ajuda de mais cinco pessoas, reconhece a importância dos que nela acreditam e dividem a responsabilidade de assistir, da melhor forma, as crianças. Em entrevista ao repórter Bruno Fontes, no dia 09 de setembro de 2008, para um programa de televisão que divulga trabalhos solidários realizados na Região Metropolitana do Recife, afirmou Maria José de Freitas:

Aqui, por dia, a gente gasta cinco quilos de arroz, cinco quilos de feijão, seis, sete, oito quilos de carne moída. São muitas crianças que passam necessidade. A gente sabe que muitas crianças que não têm nada pra comer, vêm pra Creche, justamente por causa da alimentação. Por que eles chegam aqui as seis, sete e até as oito é o café; aí vem o almoço, o almoço vem onze e meia, meio dia, aí é o almoço; as duas e quarenta três horas, aí vem o lanche. E a gente saber que a criança vai chegar em casa e não vai ter mais

⁶⁸ Entrevista concedida por Maria Cristina Nascimento, em 25 de abril de 2008.

alimentação, é duro viu, muito duro! Aí a gente nem imagina que isso possa estar acontecendo tão perto da gente⁶⁹.



Por HELENO VERÍSSIMO

Chovia muito. Minha casa de alvenaria parecia mais forte do que as outras por ser a maior e a mais bonita. A cheia veio igual para todos: destruindo barracos, casas e a nossa tranquilidade. Minha rua ficou completamente submersa. A água destruiu nossas casas e também a nossa história em Monte Verde. Restou-me a roupa do corpo, meus seis filhos e o triste consolo de não ser a única família vítima da mesma tragédia. Tinha possibilidade de morar em casa de parentes ou reivindicar sozinha uma casa para mim, mas não podia deixar para trás outras pessoas, que como eu, haviam perdido tudo. A contragosto dos filhos e de alguns familiares; resolvi juntar-me aos que sofriam a dor de perder todo o sacrifício de uma vida. Eu e os meus filhos, juntos com outras famílias de desabrigados, fomos morar no C.S.U. (Centro Social Urbano) das Malvinas, até que o nosso problema de moradia fosse solucionado. O espaço era pequeno para tanta gente. Improvisamos divisórias com plásticos e cobertores para os "quartos dos casais". Assim, manteríamos a privacidade das famílias. O lugar dava medo até de entrar. Havia moradores de toda a espécie: ex-detento, traficante, projetos de marginais e, principalmente, muita gente boa. Foi necessário criar normas de convivência para que os nossos objetivos não fossem desviados. Ficou proibido fazer coisas erradas (usar drogas, roubar, brigar, etc.) para que as autoridades - ditas competentes - não utilizassem esses deslizes como desculpas para não doar a nossa moradia. Comecei a orientar as mães para os cuidados com a higiene, alimentação e saúde dos seus filhos. Ficava com as crianças para elas irem trabalhar. Começamos uma campanha para arrecadar alimentos, pois éramos muitos e a comida pouca. Tivemos muita ajuda, mas a principal não chegava: a nossa casa. Não queríamos esmolas. Queríamos um teto e trabalho. Fui chamada para conversar com um padre amigo sobre uma boa proposta. Ele, na sua bondade infinita aconselhou-me dizendo: "Saia daquele lugar que eu lhe dou uma casa. A senhora não pode criar os seus filhos naquele ambiente". Pedi um tempo para pensar. Ele tinha razão - o abrigo era pequeno para tanta gente. Desde que perdi minha casa não tive mais conforto. Dormia com os meus seis filhos em dois colchões de casal. Por ser viúva não desfrutei dos privilégios dos casais. Sai da Casa Paróquia muito pensativa e, confesso: muito tentada a aceitar a proposta do padre. Ao retornar para Abrigo (C.S.U.) encontrei muitas confusões: briga de marido e mulher, encrenca por comida... Tudo e mais um pouco. Não podia deixar aquele lugar por muito tempo se não... a desordem começava. As palavras do padre não saiam de minha cabeça e finalmente tomei uma decisão. Fui à Casa Paróquia e disse: Padre, o senhor tem toda razão. Não posso criar meus filhos naquele lugar. Mas também não posso deixar aquela gente sem conseguir um lugar para ficar. Não conseguiria dormir em paz em uma casa minha, sabendo que aquelas famílias não têm um teto. Por isso, eu agradeço Sr. Padre, mas não posso deixar aquela gente agora. Um minuto de minha ausência eles começam a brigar... Imagine se eu for embora?! Se o senhor tivesse casa

Caderno Especial do Jornal Os Grude, janeiro de 2007, conta a história de Cristina Nascimento, fundadora e presidente do Clube de Mães e Creche Lar Esperança, na Vila dos Palmares

Como é costume, muitas pessoas se aproximam com a proposta de oferecer algum tipo de ajuda financeira, porém o objetivo principal é obter proveito próprio. Por não concordar com práticas duvidosas, Maria Cristina chegou a ser ameaçada de morte, conforme registrado em sua entrevista, a crença, porém, na proteção que acredita ter de Deus constantemente lhe faz resistir às ameaças e prosseguir com o trabalho.

⁶⁹ VIDA REAL, NE TV Primeira Edição. Recife: Rede Globo Nordeste, 09/09/2008. Noticiário de TV. Disponível em: <www.pe360graus.com>. Acesso em 15/09/2008.

Eu já fui humilhada, já fui injuriada, já fui taxada de tudo o quanto não prestava e fui ameaçada até de morte. Vieram me propor um acordo e eu não aceitei. O meu é um trabalho de que eu tenho que prestar contas só a Deus e a homem nenhum aqui na Terra, só Deus mesmo, então, por isso, eu fui ameaçada de morte. Eu não vou citar o nome da pessoa que ele tá aí, vivo, e se eu citar, eu me prejudico mais ainda, mas, fui ameaçada de morte mesmo. Me disseram: - Feche a boca, se cale. Porque eu vivia pedindo ajuda, falando em rádio. Ia num canto, ia noutro, falava sobre a situação das crianças que ninguém olhava, ninguém via que elas precisavam de ajuda... Por causa disso eu fui ameaçada de morte. Fui muito perseguida e humilhada. Meu Deus! Só Deus tem misericórdia da humilhação que eu já passei, de baixar a cabeça e dizer: -Jesus, o que é isso meu Deus! Chorava, chorava, em seguida lavava o rosto, levantava a cabeça e seguia em frente, com a cabeça erguida, porque tinha certeza que estava fazendo certo, não estava fazendo nada errado! Por mais que me humilhassem, eu não baixava a cabeça, sempre lutava e corria atrás, não me silenciava... Eu pensava: se eu morrer, morro digna e honestamente, lutando pelo meu trabalho, pra dar o melhor pra essas crianças, não quero nada de ninguém, só quero que ajudem eles e, por isso, fui ameaçada seriamente. Tinha gente que dizia: - Cristina, cuidado, tu tá mexendo com gente perigosa! Eu dizia: -Tô nada, olha um Deus vivo lá em cima! Não tenho medo, posso morrer até hoje, mas eu não tenho medo. E realmente, não baixei a cabeça, enfrentei⁷⁰.

Ratificamos, aqui, a escolha conceitual para a fundamentação da nossa pesquisa, ao detectar, na atitude dos perseguidores aos quais Maria Cristina faz alusão, a tentativa de manter a realidade objetivada que se faz presente. Ela e alguns outros, que, no anonimato, tentam criar outra realidade menos excludente e mais inclusiva, através da exteriorização dos seus desejos e da maneira como encaram as dificuldades, enquadram-se nas etapas conceituais definidas por Berger e já explicitadas anteriormente⁷¹.

A Creche Lar Esperança não existe apenas para assistir as crianças. A preocupação de Dona Cristina recai, também, sobre as mães pobres do bairro; para tanto, buscou ajuda junto à Secretaria de Ação Social, de Jabotão dos Guararapes, conseguindo, depois de muito tentar, alguns cursos profissionalizantes, tais como os de corte e costura, confeitaria, crochê, manicura e cabeleireiro. A Secretaria ficaria encarregada pela matéria-prima para as aulas e pelo salário dos professores e a Creche cederia o espaço. Porém, recentemente, devido ao descumprimento do que fora acordado, por parte da Secretaria, os cursos continuaram apenas devido à contribuição de outro colaborador, que, sensibilizado com o transtorno e tendo recursos para tanto, arcou com as despesas. Assim, os cursos estão tendo prosseguimento.

⁷⁰ Entrevista concedida por Maria Cristina Nascimento, em 25 de abril de 2008.

⁷¹ Cf. BERGER, 2004.



Comemoração do Natal no Clube de Mães e Creche Lar Esperança

Ao analisar a história de Dona Cristina, remetemo-nos a tantas outras, geralmente seculares, que chegam até nós como exemplos de doação ao próximo, envoltas pela crença na providência divina. Pessoas perseguidas devido à luta empreendida em favor dos mais necessitados, posteriormente, foram canonizadas pela Igreja Católica.

História semelhante teve São Vicente de Paulo, que, após ter-se transformado em conselheiro da rainha Margarida de Valois, recebia da nobreza vultosas quantias para sua obra missionária e assistencial, promovendo a criação de seminários, hospitais para os pobres e centros de amparo aos jovens abandonados. Recebeu do rei Luís XIII o cargo de ministro da caridade, ficando responsável pelo serviço social em todo o território francês. Criou, ainda, a Congregação da Missão (lazaristas), direcionada à evangelização dos camponeses e ao cuidado de crianças abandonadas, idosos e doentes. Fundou, posteriormente, com Santa Luísa de Marillac, a Congregação das Irmãs de Caridade, que tiveram notoriedade pelo apostolado realizado em hospitais, asilos, orfanatos e manicômios. Também foi responsável pela fundação da Confraria das Damas de Caridade e os Servos dos Pobres. Foi nomeado pelo papa Leão XIII, como patrono dos serviços sociais⁷².

Após os exemplos supramencionados – São João Bosco e São Vicente de Paulo – não é nossa intenção empreender bandeira de luta pela canonização de Dona Cristina nem de

⁷² MEGALE, 2004. p. 206 e 207.

quaisquer outros moradores do Bairro de Muribeca dos Guararapes. Nossa pretensão é mostrar que, a exemplo daqueles a quem a Igreja Católica denomina de santos, existem pessoas anônimas que estão nas periferias, em meio a situações de abandono, descaso e carências, crentes na providência divina, como eles próprios afirmam, realizando o milagre de conceder às crianças em situação de risco, no mínimo, uma alimentação diária decente. Quem sabe, daqui a alguns anos, a Igreja Católica encontre, não necessariamente em seus conventos, mosteiros e ordens religiosas, mas dentro das favelas periféricas ou em algum aterro sanitário, usando jeans, calçando sandálias de borracha ou até mesmo de pés descalços, alguém a quem possa chamar de santo?

Nem todos aqueles que experienciam viver em um ambiente de pobreza, descaso e dificuldades constantes são, necessariamente, tomados pelo desânimo e acomodação, mesmo sendo jovens ainda. Existem pessoas que acreditam na possibilidade de, através do próprio querer e determinação, construir uma realidade nova, saudável e ser, inclusive, exemplo para outros. Geralmente, os jovens, em suas rebeldias peculiares à idade, tendem a andar na contramão dos padrões “politicamente corretos”, pelo simples fato de ser aquele o caminho que julgam o único capaz de atrair para si atenção e visibilidade, enfim, serem protagonistas das preocupações de pais enlouquecidos e das pessoas que lhes têm apreço.

Encontramos, na Vila dos Palmares, um jovem de 23 anos, que, desde a adolescência, enquanto a maioria dos amigos estava sendo a causa da insônia de seus pais, estava ele envolvido em projetos visando a resolver problemas sérios e diversificados entre seus pares de mesma idade, inclusive o das drogas. Detectar, analisar e refletir, apenas, para ele não era suficiente. Jonas Guimarães de Santana queria e sabia que podia fazer mais; foi assim que, a partir dos encontros com a Juventude Salesiana, dedicou-se ao encaminhamento daqueles que, envolvidos com drogas ilícitas, queriam ser ajudados. Praticamente, garoto ainda, demonstrava muito interesse em aprender. Sempre questionando, buscando justificativas para a crueza do que lhe acontecia, enquanto menino pobre, morador de um bairro extremamente deficitário, comparando e, principalmente, consciente de que a vida que a maioria dos seus amigos estava escolhendo, ou para onde estavam sendo empurrados pelas circunstâncias daquele ambiente hostil, não era o que queria para si. Aluno dedicado e criativo, desde cedo demonstrou criticidade e coerência através da capacidade de, a partir do quase nada, produzir efeitos e impactos positivos, comprovando, através da prática, que todos possuem qualidades, capacidade, têm direito à cultura, informação e, principalmente, podem, mesmo com tanta probabilidade de fracasso, criar uma realidade mais digna para si e para os seus.

A quase totalidade dos adolescentes, moradores da Vila dos Palmares, possui perspectiva de futuro muito limitada e, seguramente, o ingresso na universidade não é sequer cogitado. O sonho de consumo, de grande parte deles, resume-se na aquisição de uma bicicleta, conforme destacou Gouveia:

Alegria e sinal de “status” são causados pelo simples fato de alguém possuir uma bicicleta. Nós sentimos que é, em especial para os mais jovens e garotos, como se seu meio de transporte fossem verdadeiros automóveis, com os quais eles se exibem, sentem orgulho e felicidade, até porque são poucos os que possuem tal objeto na comunidade⁷³.

O emprego a que os jovens têm acesso, na maioria das vezes, é de cobrador de passagens no transporte alternativo local, para, em seguida, adquirir habilitação para dirigir e chegar à função de motorista, o que rende prestígio, status e, principalmente, a certeza de que atrairá, seguramente, muitas mulheres.

Contrariando a probabilidade local, Jonas Santana é, atualmente, agente comunitário de saúde e aluno regularmente matriculado, no curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Filho de família de orientação religiosa protestante, mais especificamente, da Assembléia de Deus, Jonas é católico e, aos quinze anos, passou a integrar a AJS (Articulação da Juventude Salesiana). A partir daí, participou de palestras e congressos, o que lhe proporcionou condições para atuar, de forma mais sistemática, junto aos adolescentes e jovens do bairro, com estratégias mais eficazes.

Há alguns anos, Jonas Santana tem atuado em projetos sociais desenvolvidos por profissionais do Posto de Saúde local, visando à orientação aos adolescentes em questões relacionadas, não apenas à saúde e higiene mas também na abordagem de temas que são fundamentais durante aquele delicado período da vida de qualquer indivíduo, tais como envolvimento com drogas ilícitas, relacionamento entre pais e filhos e responsabilidades que todos devem ter na promoção do bem-estar nos ambientes que frequentam. Discuti-los com os jovens do seu bairro, sempre que há possibilidade, é para ele uma prática constante. Quando os projetos se encontravam em fase de finalização, seu envolvimento e a consciência da importância da continuidade deles foi tanta que decidiu, junto com alguns integrantes do grupo, dar prosseguimento, além do Posto de Saúde. Para que não perdessem o direcionamento e tivessem uma base de sustentação, aliaram-se à Igreja Católica e

⁷³ GOUVEIA, João Ricardo da Silva. **A espacialidade do cotidiano dos alunos de 1º grau da Muribeca Rua – Jaboatão dos Guararapes**. Recife, UFPE, 1999. p. 25. Monografia (Especialização em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

prossegiram o trabalho. São jovens que orientam jovens, uma fórmula bem mais eficiente e com resultados práticos evidentes, pois o poder de convencimento e credibilidade é maior, quando se fala a mesma linguagem, e aquele que transmite as mensagens é visto como um seu igual. Mais uma vez, aquele rapaz contrariou as expectativas, sendo exemplo de positividade e influenciando outros a se integrarem ao processo de mudança. É a dialética do ouvir e externar, criando uma nova configuração social em um ambiente hostil.

Preocupado com os riscos a que estão expostos as crianças e adolescentes da Vila dos Palmares, atualmente, Jonas Santana integra uma equipe cujo objetivo configura o que ele afirma ser o seu mais desafiador e instigante trabalho, o de manter, durante duas semanas do mês de janeiro, uma Colônia de Férias que atende cerca de 150 crianças e adolescentes, minimizando, dessa forma, a ociosidade presente. Projeto desenvolvido com a Igreja Católica, mais especificamente, com os salesianos, a Colônia de Férias proporciona a oportunidade de diversão, participação em oficinas, recreação e, também, alimentação para aqueles que, no período de férias, não contam com a merenda escolar, que, muitas vezes, é a refeição principal. O objetivo é atingir crianças, adolescentes e também as mães, que, geralmente, precisam de orientação tanto quanto seus filhos. Assim nos confirmou Jonas Santana:

Eu trabalho a mais ou menos três anos numa Colônia de Férias e essa Colônia de Férias tem um vínculo com a Igreja Católica, com os salesianos, e desempenha uma tarefa que, a cada ano, faz um projeto, sempre diferente do outro, pra desempenhar nas comunidades. Como na Vila dos Palmares, durante as férias, as crianças ficam sem ter muito que fazer, sem ter uma boa alimentação e uma orientação benéfica, desse modo, a gente pode atuar de forma mais voltada para o social. Fazemos dinâmicas, oficinas voltadas para o social, apoiados na nossa religião, que é a Católica. Procuramos favorecer as pessoas da comunidade em geral, não apenas aquelas que pertencem à Igreja Católica, as pessoas são convidadas a participar à vontade. Além da preparação que a gente faz, durante o ano, para realizar a Colônia de Férias, dentro da programação a gente tem as oficinas, recreação, apresentações dos trabalhos que eles desenvolvem nas oficinas, acompanhamento com as mães das crianças e adolescentes que participam e uma colega da gente que é pediatra, Marina, faz palestras com as mães pra saber como vai em casa, se freqüentam a escola, se têm algum problema e, no final da Colônia de Férias, a gente faz uma grande gincana, integrando não somente as pessoas que participam como beneficiárias, mas também as que ajudam⁷⁴.

Uma vez que, na Vila dos Palmares, não há um espaço que comporte o evento, o grupo buscou o apoio da Escola Municipal Valdemiro Vieira, que cede o pátio, e da Escola Estadual Humberto Lins Barradas, que empresta os utensílios a serem utilizados na preparação dos alimentos servidos.

⁷⁴ Entrevista concedida por Jonas Guimarães de Santana, em 06 de maio de 2008.

Apesar de pertencer a uma religião diversa daquela abraçada pelos demais integrantes da família, Jonas afirma, com satisfação, que recebe apoio incondicional de sua mãe, inclusive ela trabalha como voluntária no evento, fazendo questão de ser a responsável pela cozinha, juntamente com outras irmãs de sua igreja. Também participam como colaboradores os integrantes do grupo Paz Interior, coordenado por Jonas, pertencente à capela que está sendo construída na Vila dos Palmares, uma vez que a Matriz de Nossa Senhora do Rosário está localizada na parte histórica do bairro; os integrantes do projeto Agente Jovem, que está vinculado à escola acolhedora do evento, além de pessoas do bairro, que, sensibilizadas, acabam sendo incorporadas ao grupo. Segundo seu relato,

às vezes, quando está faltando carne, ou qualquer outro alimento, o grupo se reúne pra ver como vai conseguir, então, tinha uma senhora que disse: - Olha, Jonas, eu nunca pedi na minha vida, eu nunca pedi porque morro de vergonha, tenho a maior dificuldade pra pedir. Naquele dia, ela saiu à tarde e, quando eu cheguei, à noite, ela já tinha conseguido dois fardos de charque, tinha conseguido carne num supermercado onde ela morava. Ela disse: - Eu não sei onde encontrei forças pra pedir, mas, quando eu pedi, que vi que ele se sensibilizou pela causa, eu fiquei tão emocionada, tão emocionada, que eu disse: - Poxa, era pra eu ter começado a pedir há mais tempo! A causa é tão justa, é tão nobre, que realmente vale a pena trabalhar por essas crianças e esses jovens. Desde esse tempo, ela trabalha na Colônia de Férias, dando idéias e pedindo, também, pras empresas e pras pessoas que possam contribuir⁷⁵.

Como tudo na Vila dos Palmares, desenvolver uma atividade como a que está sendo aqui relatada, esbarra em dificuldades plenas.

Pra se fazer a Colônia de Férias na Vila Palmares a dificuldade é muito grande, porque buscar ajuda é muito complicado. Uma coisa é fazer missão em Boa Viagem, uma coisa é fazer missão em Caetés que tem uma estrutura completamente diferente, pois já tem uma quadra poliesportiva, tem salas onde podem ser trabalhadas oficinas voltadas para o técnico. Outra coisa é tentar buscar pessoas que quando chegam na comunidade... Até as crianças da nossa Colônia de Férias são diferentes das outras de outras colônias. Aqui, na Vila Palmares, a carência é muito grande. A gente avisa que tem Colônia de Férias e eles dizem que vão faltar no horário de trabalho no “lixão”, trocam de horário pra aproveitar a manhã na Colônia até a hora do almoço. Isso é complicado de trabalhar, por mais que se façam oficinas e tudo mais, como é que se pode mudar a realidade de uma criança dessas, se não tem uma estrutura feita antecipadamente pra se atuar nessa área? A situação é adversa, porque uma semana ou duas que você trabalha com essas crianças e adolescentes, tentando modificá-las, é muito pouco pra acabar com as dificuldades da realidade. Se mais instituições houvesse, a gente

⁷⁵ Entrevista concedida por Jonas Guimarães de Santana, em 06 de maio de 2008.

poderia continuar a praticar o trabalho, mesmo que fosse uma vez por mês, mas, teríamos um apoio pra tentar mudar essa vida, tentar mudar essa condição social⁷⁶.

De voz mansa e pausada, cauteloso em tudo o que diz, Jonas Santana parece estar sempre em reflexão. Não aparenta a ansiedade e pressa peculiares aos jovens de sua idade, apesar de levar, na medida do possível, uma vida social normal; porém, sabe muito bem o que pretende para o futuro e o compromisso que tem diante dos que o rodeiam, precisando de orientação. Perguntado sobre a significância do trabalho que vem realizando desde tão jovem e se a orientação religiosa, de alguma forma, colaborou para atuar da maneira como vem fazendo, deu-nos, comovido, o seguinte depoimento:

Eu sempre pensei numa forma de ajudar, não só minha comunidade, como amigos, como na escola, algum meio de poder ajudar as pessoas. O mundo religioso é um suporte que tenho pra manter o que eu acredito, na qualidade de ajuda que tento desempenhar pras pessoas. Independente de religião, meu foco é ajudar as pessoas, independente de cor, de raça, de religião, tentar fazer algo pra ajudar o cidadão, as pessoas que estão lá, precisando viver melhor. Essa preocupação eu posso dizer que surgiu a partir da minha condição social, dos empecilhos que ocorrem, das dificuldades que persistem em continuar. Eu sou alguém que tenta batalhar contra tudo que possa impedir as pessoas de crescerem profissionalmente, crescerem no sentido pessoal. Eu sou alguém que, vivendo a realidade não só da minha comunidade, vendo a realidade de outras pessoas, é como se eu pudesse, de certa forma, lutar contra tais empecilhos. Sempre pensei em vencer, não vencer economicamente, mas vencer como pessoa, como objetivo, vencer na maneira de pensar diferente, de agir diferente, de poder ajudar as pessoas da melhor forma que se possa fazer. É basicamente esse o pensamento que tenho dentro da condição em que eu vivia e na qual vivo, e que me faz lutar não só por essas pessoas, mas também por mim. Porque estamos todos no mesmo barco; talvez eu esteja numa parte em que posso enxergar melhor e preencher de alguma forma, pois com alguma ajuda posso determinar, de alguma maneira, a melhoria de vida. A religião é claro que ajuda muito a enxergar o que ocorre em volta. A religião permite, de certa forma, você olhar as pessoas com outro olhar. Eu acredito que a religião tem um papel fundamental no quesito sociedade, ou seja, ela ajuda, e muito, a sociedade. A Igreja, em si, me ofereceu não só um pensamento mais humanístico, um pensamento voltado a olhar as pessoas de uma forma mais amena, menos agressiva do que eu imaginava, mais piedosa do que de certa forma se prega nas circunstâncias da nossa sociedade, ou seja, sempre revidar, revidar, revidar. Eu acredito que não só a Igreja Católica, como as outras religiões,

⁷⁶ Entrevista concedida por Jonas Guimarães de Santana, em 06 de maio de 2008.

lhe permitem olhar o outro de maneira diferente, de maneira mais harmônica. Portanto, acho que a religião tem papel fundamental nisso aí⁷⁷.

Jonas Santana tinha tudo para “não dar certo”, ou seja, as condições precárias que o cercam poderiam, perfeitamente, tê-lo conduzido a ser mais um número na estatística dos jovens envolvidos com todas as mazelas, às quais muitos, no bairro, estão submetidos. Ao contrário dos de sua mesma idade, não sonha com futilidades nem corre atrás de bens materiais inatingíveis. Consciente, coerente e determinado, compõe um grupo pouco imaginável para sua idade e para o local em que está inserido, pois acredita que pode reverter as adversidades e construir uma realidade mais plausível e justa.

Pertencente ao Candomblé Nação Nagô, Cristiane Cruz, é auxiliar de enfermagem e, atualmente, trabalha como agente comunitária de saúde, atuando no Loteamento Gregório Bezerra, assistido pelo PSF (Programa de Saúde da Família) de Vila dos Palmares I, o mesmo em que Jonas Santana está lotado.

Devido a sua profissão e aos problemas que visualiza e acompanha, no seu exercício, Cristiane, que, desde muito jovem, habituou-se a ajudar os que dela necessitam, por diversas vezes é acordada, durante a madrugada, para fazer algum socorro, uma vez que, em Muribeca dos Guararapes, o Posto de Saúde apenas funciona nos dias úteis, entre sete e dezessete horas. Quando não pode solucionar de imediato, consegue a passagem para que o enfermo possa, no mínimo, pegar uma condução e buscar atendimento em outro local. Mulheres em vias de parir, dores inesperadas e acidentes domésticos, são algumas das ocorrências nas quais os moradores do local não contam sequer com o serviço de uma ambulância que os socorra com o transporte até o hospital mais próximo. Através do seu relato, percebemos relances da forma como atua no bairro.

Por ser uma comunidade carente, você se depara com situações que, muitas vezes, pergunta a Deus por que a gente sofre tanto aqui na terra. Por que seus filhos têm que passar por tantas dificuldades? Quando eu vim morar aqui, basicamente não existia nada, era só barraco, porque não se podia fazer de alvenaria; energia não tinha, era na base do candeeiro e, muitas vezes, eu me deparei com crianças e pessoas, mesmo de noite, doentes, morrendo sem ter um hospital pra socorrer, ou um carro. O que eu podia fazer na hora, eu fazia. Não tinha dinheiro aí eu dizia: - Olhe, eu só tenho tanto, eu tenho vale-transporte, consiga uma Kombi até chegar em Prazeres. Muitas vezes, aqui à noite, por que eu sou auxiliar de enfermagem, não estou trabalhando na área, mas tive que socorrer pessoas, aqui, de madrugada⁷⁸.

Cristiane sabe muito bem o que é adoecer, pois problemas asmáticos foram a causa de sua ida para Muribeca dos Guararapes que, há quinze anos, mais especificamente, a

⁷⁷ Entrevista concedida por Jonas Guimarães de Santana, em 06 de maio de 2008.

⁷⁸ Entrevista concedida por Cristiane Tenório da Cruz, em 28 de abril de 2008.

Vila dos Palmares, onde reside, era um local bastante arborizado, propício para ajudar na solução de problemas de saúde como o que ela havia desenvolvido.

Durante toda a entrevista concedida, deixou muito clara a fé que tem em Deus e, asseverou, por diversas vezes, a importância da crença no Seu poder, como a primeira etapa para a cura de qualquer mal. Nas consultas e tratamentos espirituais que realiza, orienta as pessoas a desenvolverem a crença no ser superior que ela própria, ialorixá que é, acredita existir, independente da crença no poder dos espíritos, como afirmou:

Quando é pra ajudar alguém, a gente não só pede ao espírito não, porque tudo que acontece aqui na terra, até uma folha que cai no chão, tem que ser com a permissão de Deus. A gente só vai conseguir ajudar aquela criatura, ela só vai conseguir se orientar no seu caminho, se Deus permitir, é tanto que a gente sempre pergunta à pessoa: - Você tem fé em Deus? Você acredita em Deus? Porque não adianta só acreditar no espírito, você tem que ter fé em Deus, porque Ele é que dá permissão pra que o espírito desça na terra, incorpore na gente, pra poder lhe ajudar⁷⁹.

Segundo ela, dar sem esperar recompensa deve ser o fundamento de toda e qualquer atividade realizada pelo ser humano. Acredita que a recompensa já está sendo dada por Deus, a partir do momento em que surge a oportunidade de ajudar.

As pessoas já vêm pra eu ajudar, agora ninguém pode dizer que vai ajudar alguém pra depois a pessoa vir agradecer, por que isso dificilmente acontece. Você ajuda sem querer ter nenhuma recompensa, tem que ter consciência que daquela pessoa você não vai ter pelo menos um obrigado⁸⁰.

O depoimento supracitado nos remete à perspectiva de Marcel Mauss acerca da dádiva. Para ele, a vida social é constituída pela prática sistemática de dar, receber e retribuir, que é, ao mesmo tempo, espontânea e obrigatória. É através da troca de dádivas que se estabelecem a sociabilidade e a comunicação. Segundo Mauss, mesmo que o ato de dar possa ser associado à generosidade, está revestido de uma expectativa de retribuição. Quanto a esse processo ele afirma:

A prestação total não implica só a obrigação de retribuir os presentes recebidos; ela supõe dois outros igualmente importantes: obrigação de os dar, por um lado, obrigação de os receber, por outro. [...] As trocas de prendas entre os homens [...], homónimos dos espíritos, incitam os espíritos dos mortos, os deuses, as coisas, os animais, a natureza, a serem generosos para com eles. [...]. As dádivas aos homens e aos deuses têm também por finalidade comprar a paz com uns e outros. [...] As sociedades progrediram na

⁷⁹ Entrevista concedida por Cristiane Tenório da Cruz, em 28 de abril de 2008.

⁸⁰ *Ibid.*

medida em que elas próprias, os seus subgrupos e, enfim, os seus indivíduos, souberam estabilizar as suas relações, dar, receber e, finalmente, retribuir⁸¹.

Para Cristiane, como ela própria afirma, agradar a Deus e aos orixás e deles ter o reconhecimento é a retribuição que ela espera, sem que isso desmereça a doação que por ela é empreendida em relação àqueles que a procuram.

Evidentemente que a questão da dádiva foi verificada em todos os sujeitos da nossa pesquisa que praticam atividades de promoção humana em Muribeca dos Guararapes, porém, em Cristiane Cruz, essa característica chamou-nos à atenção de forma mais incisiva.

Conhecedora dos efeitos curativos das plantas, devido ao aprendizado dentro do Candomblé, uma vez que, segundo ela, cada orixá possui a sua folha, a qual serve para banhos purificadores, obrigações e cura, sempre que alguém precisa de um chá curativo vai até ela pedir orientação. Preocupada com a demanda, Cristiane adquiriu, com dificuldade, o terreno vizinho a sua casa, para cultivar, sistematicamente, as ervas que são oferecidas gratuitamente. Embora seja procurada por pessoas de religiões as mais diversas, Cristiane não esconde a tristeza ao referir-se ao preconceito de que é vítima, observação que já foi feita no capítulo primeiro deste trabalho. Em seu depoimento, carregado de sentimentos, como indignação e coragem para persistir na missão que acredita possuir, registrou:

Eu estou passando, agora, por um problema muito sério, por causa de preconceito, estou até na justiça por causa disso, no caso, por causa de uma pessoa que se denomina evangélica, que eu não vou dizer quem é... No dia 02 de dezembro do ano passado, minha vizinha fez um Culto em Ação de Graças, mas eu não tenho preconceito, porque aqui na frente é uma igreja evangélica, na minha família tem vários evangélicos, como tem católicos, como tem muitos do Candomblé, tem outros espíritas, tem budistas, então, eu não tenho preconceito. Teve um culto aí, só que ao invés da pessoa pregar a palavra de Deus, exaltar o nome Dele, a pessoa usou pra me esculhambar, pra esculhambar minha religião. É tanto que quebraram minha calçada, quebraram as espadas de São Jorge e de Iansã, porque aqui na frente era cheia, chamaram planta de Satanás, filha do demônio. Eu não posso entrar ali no salão⁸², que eles ligam o som na maior altura, pra ver se atrapalha, mas não tiram a minha concentração. Eu tenho muitos casos de pessoas evangélicas que procuram aqui pra encontrar a cura. Normalmente eles pedem que não fiquem sabendo. A gente tem uma pessoa que veio de São Paulo pra cá, com leucemia, e os médicos diziam que só teria três meses de vida. Ela veio se despedir da mãe. Eu fiquei impressionada com a quantidade de remédio que ela tomava, a maioria importada, vinha dos Estados Unidos feitinho pra ela. Alguém, por não gostar dela, tinha feito um pedido muito ruim a um espírito inferior. Porque espírito é assim, se você pede pra fazer o bem ele faz, mas se você pede, também, pra fazer o mal, ele vai fazer do mesmo jeito. É mais fácil se pedir, numa casa de Candomblé, pra se fazer o mal, do que pra se fazer o bem. Então, desmancharam o trabalho dela e ela,

⁸¹ MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2001. p. 67, 71, 75 e 196.

⁸² Salão é a expressão, utilizada por Cristiane, para designar o local onde são feitos os cultos aos orixás.

com quatro, cinco dias começou a engordar, teve que comprar roupas novas pra poder voltar. Ela chegou aqui pesando uns 46 quilos e voltou com 60. O médico, em São Paulo, queria saber onde ela tinha sido curada, por que os exames não deram mais nada. Eu disse que ela agradecesse a Deus, porque sem a vontade Dele nada teria sido feito. Ela não disse onde foi curada porque tinha medo. Eu disse que a consciência era dela⁸³.

Infelizmente, ainda nos dias atuais, apesar de tantos avanços tecnológicos e descobertas científicas, os preconceitos persistem nos pensamentos e atitudes dos homens em relação aos seus iguais. Quanto ao Candomblé, é notória a intolerância com que a maioria de seus adeptos é tratada, fruto de uma cultura que, embora misturada na cor e no sangue, guarda em si fortes resquícios do colonizador europeu, branco e patriarcal, que, durante séculos, ditou regras, criou leis e determinou a superioridade e a inferioridade dos habitantes desta terra. Quanto à discriminação religiosa, afirmou Durkheim:

Evitemos, pois, distinguir entre as crenças religiosas, reter algumas, porque nos parecem justas e saudáveis, e rejeitar as outras como indignas de serem chamadas religiosas, porque nos ofendem e desconcertam. Todos os mitos, mesmo os que consideramos mais insensatos, foram objetos de fé. O homem acreditou neles, não menos do que em suas sensações; a partir deles estabeleceu sua conduta. Portanto, é impossível, a despeito das aparências, que sejam privados de fundamento objetivo⁸⁴.

Observamos, nas palavras de Cristiane, muita determinação, vontade de ajudar e de difundir alguns preceitos do Candomblé, religião de que se orgulha em participar, da qual fez questão de nos detalhar muitas particularidades, numa demonstração da necessidade de divulgação e respeito àquela prática religiosa. Para ela, morar na Vila dos Palmares, um local com tantas dificuldades, foi a experiência, anunciada pelas entidades nas quais acredita que serviu para o exercício da humildade e da doação ao próximo, de acordo com o seguinte relato:

Depois de ter conhecido ela, Simone⁸⁵, de ter visto a entidade dela trabalhar, eu cheguei pra ele e disse: - Velho, eu sempre chamei ele assim, me ajude, porque eu testou trabalhando e não agüento mais pagar aluguel, eu preciso de um lugar onde eu não pague aluguel. Ele virou pra mim e disse: - Eu vou lhe dar, agora eu vou lhe dar num lugar pra você perder seu orgulho. Eu, sair no meio da rua, com uma lata d'água na cabeça! Eu saía nada! Ele me trouxe pra cá, pra Muribeca. Foi onde eu aprendi a ser gente e a entender o que é o Candomblé. Quando eu vim morar aqui, não tinha água, não tinha energia, eu tive que fazer tudo aquilo que eu não gostava, tive que baixar, não só o orgulho e a soberba, mas também aprender a andar de pé no chão, pisar na lama e ver as pessoas passando necessidade e dizer, eu tenho que ajudar, por

⁸³ Entrevista concedida por Cristiane Tenório da Cruz, em 28 de abril de 2008.

⁸⁴ DURKHEIM, 2003, p. 74 e 75.

⁸⁵ Simone é a pessoa com quem Cristiane divide as responsabilidades na direção da casa de candomblé que mantém.

que daqui há uns dias, pode ser eu que eu esteja ali do mesmo jeito. Aprendi a ser mais humana, ter mais amor pelo ser humano. Então, o mestre dela passou muito tempo me ensinando, tentando me modificar. Eu era uma pessoa muito brigona, com tudo eu me metia em confusão, e ele foi me ensinando pra que eu tivesse uma visão de julgar certo, de ser justa naquilo que eu achasse que a pessoa merecia e não ser na hora da raiva, da explosão. Se não fosse a religião, eu não seria a pessoa que eu sou hoje de jeito nenhum e, pelo temperamento que eu tinha, eu acho que nem estaria mais viva, do jeito que está a violência hoje em dia! Então, dentro da religião a gente tem uma responsabilidade muito grande, eu aprendi a ter responsabilidade. O meu professor maior foi o mestre Tertuliano⁸⁶.

Na tentativa de ajudar, Cristiane procura, através de muita conversa, aconselhar os jovens do bairro a não se envolverem com drogas. Conta, satisfeita, o exemplo de um garoto que, após ter sido por ela aconselhado, acabou deixando o vício, o que é muito difícil ocorrer. Outros não tiveram a mesma sorte. Em seu depoimento, deixa transparecer preocupação com a violência, marginalidade e ociosidade, já explicitadas anteriormente, e diz que o seu sonho é criar um centro, visando ao ensino de capoeira, maracatu, afoxé e percussão. Notamos, enquanto expressava aquele desejo, o repúdio pelo descaso que a classe política tem em relação ao local em que reside e pela dificuldade em conseguir professores para ministrar as aulas.

Aqui é muito difícil botar um projeto. Pra você botar um projeto desse, teria que trazer pessoas de fora, pessoas que tivessem um conhecimento melhor, que pudessem orientá-los para não entrarem no mundo das drogas, por que se você pega um daqui de dentro mesmo, ele já é viciado, então você não pode pegar um viciado e botar pra trabalhar com os jovens, por que se não, ele vai no mesmo caminho. Muitas vezes, você tem o espaço, mas não tem como implantar, porque o Candomblé é discriminado de todas as formas, até politicamente ele é discriminado. Muitas outras religiões conseguem apoio de políticos, a gente não. Os políticos nem querem pensar que uma casa de Candomblé tem uma idéia boa pra tirar os jovens da rua e, muito menos, irem lá pra ajudar. Se a pessoa tem o espaço, e entra com a doação dos instrumentos, consegue um professor, a Prefeitura não quer se responsabilizar em mandar merenda. Eles vêm pedir voto, pra se ajudar. Em época de eleição, são vários que chegam e dizem: - Você tem como reunir 60 pessoas aí no seu terreiro, pra eu dar uma palavra, pedir um voto, uma coisa? Mas, não querem ter o compromisso de falar em botar um projeto pra tirar a molecada da rua⁸⁷.

Cristiane Cruz é mais uma personagem em meio à história de descaso vivida na Vila dos Palmares, mas cultivava, como alguns outros, a certeza de que o seu empenho e exemplo contribuem para minimizar as dificuldades presentes naquela realidade.

⁸⁶ Entrevista concedida por Cristiane Tenório da Cruz, em 28 de abril de 2008

⁸⁷ *Ibid.*

À medida que caminhamos pela Vila dos Palmares, a sensação que temos é de que seus habitantes estão em um mundo que não é o nosso. Como tantas pessoas conseguem sobreviver em condições tão adversas? Em uma única rua, constatamos o abandono de três casas que não conseguem ser vendidas ou alugadas, devido à ação violenta de alguns moradores envolvidos em atividades ilícitas. As mortes são frequentes, e suas causas estão, geralmente, associadas ao consumo ou tráfico de drogas. Os moradores vivem em constante sobressalto.



Casa abandonada na Vila dos Palmares devido à violência frequente no local

As crianças que perambulam pelas ruas, sem nada fazer, têm como assunto predileto a violência. Detalhar com perfeição os atos violentos parece-lhes algo absolutamente normal. Durante a caminhada que fazíamos ao encontro de uma das nossas entrevistadas, em conversa com algumas daquelas crianças, assegurou-nos uma delas que seu sonho, quando estivesse “maior”⁸⁸, seu intuito, seria adquirir uma pistola. A criança tem dez anos de idade, freqüenta a escola esporadicamente, pois, segundo ela, “não é legal ir todos os dias porque a

⁸⁸ O maior a que a criança faz menção, não é a maioridade civil, mas, sim, um tamanho maior, quando muitos adolescentes do bairro participam ativamente de atividades nada salutares.

escola é muito chata”⁸⁹. Deitada sobre um pneu ali jogado, descalça e sem camisa, aquela criança não parecia preocupada com a violência peculiar ao ambiente, pois, para ela, aquele estado é natural. Em frente ao prédio onde Edna Oliveira, nossa entrevistada, pretende, com a ajuda de alguns moradores, fundar um centro que atenda às crianças ociosas, oferecendo-lhes cursos de informática, dança, capoeira e o que mais for possível, aquele menino nos afirmou que não vê a hora de o centro funcionar, para aprender capoeira e poder lutar melhor com seus pares, aperfeiçoando os ataques nas brigas frequentes em que se envolve. Durante os breves dez minutos de conversa mantida, a violência foi o tema dominante. Não se sabia onde estava a mãe da criança, no momento e, pelo que pudemos observar, a rua é a escola, o referencial de valores e o principal contributo para uma personalidade e um caráter que estão sendo formados naquela criança. É lamentável a constatação de que tantas vidas estão relegadas a situações similares e que se perderão, caso nada de concreto seja feito, com brevidade, para evitar.

A informação acerca de um projeto de intervenção social foi o motivo que nos levou ao encontro de Edna Francisca de Oliveira, casada, trinta anos de idade, doméstica, mãe de cinco filhos, moradora da Vila dos Palmares há quatorze anos, pertencente a uma das famílias pioneiras do local, como faz questão de salientar. Pertencente ao Candomblé, religião da qual ficou afastada por algum período, o que, segundo ela, foi a causa de transtornos ocorridos em sua vida, motivo que a fez retornar à sua prática, sendo a tranquilidade, então, restabelecida.

Narrou que, ao chegar para morar no bairro, havia ali muitas áreas verdes, o que fazia daquele trecho lugar saudável e tranquilo. Com o passar dos anos e a chegada de muitos moradores, a paz parece ter-se esvaído em meio a tiroteios, mortes, rixas entre vizinhos e, principalmente, a consumo e tráfico de drogas. Dois dias antes do nosso encontro, à porta de sua casa, um assassinato havia sido cometido, cujas marcas de sangue foram retiradas pouco antes de chegarmos. O medo e a insegurança obrigam Edna e seus filhos a dormirem na casa de sua mãe, a senhora Judite, que, gentilmente, nos recebeu para a realização da entrevista. Segundo ela, a casa é mais protegida, se é que algum local ali oferece proteção, de fato.

Durante todo o período em que lá estivemos, detectamos a constante presença de um morador, não discretamente, que observava atentamente os nossos movimentos, dificultando o registro de algumas imagens que, temerosos, fizemos das casas ali abandonadas, apesar da nossa entrevistada assegurar que não havia empecilho para tal. Vez

⁸⁹ Devido à proibição de expor o menor de idade à situação de constrangimento, não identificamos a criança mencionada.

por outra, alguém se aproximava para verificar o que estava ocorrendo, uma vez que a presença de estranhos no local, não é fato costumeiro. Queremos frisar que, pelo fato de a Vila dos Palmares compreender uma área de grande dimensão geográfica, aquele local, especificamente, ainda não tínhamos visitado; as histórias de violência que ouvimos acerca dele são, de fato, preocupantes.

O acesso àquela área é feito através da travessia de uma ponte, onde registramos uma cena que nos chamou a atenção. No mesmo espaço, aproveitando a poluída água do Rio Muribequinha, encontravam-se uma senhora com idade avançada, tranquilamente pescando, alheia às brincadeiras de algumas crianças que se refrescavam, ao mesmo tempo em que banhavam o cavalo que conduziam. O banho de rio é um dos poucos divertimentos das crianças ali residentes.



**Um das poucas diversões existentes na Vila dos Palmares:
o banho e a pescaria no poluído Rio Muribequinha**

Amamentando a filha caçula, que se encontrava febril, Edna Oliveira nos expôs os planos para a implementação de um centro cultural que ajude a minimizar os perigos aos quais as crianças estão expostas. A sede para concretização do projeto é uma casa que, segundo ela, fora abandonada pelos antigos moradores, obrigados a saírem às pressas após terem sofrido agressões de outros moradores. Recentemente, o imóvel estava sendo utilizado como refúgio para que jovens e adolescentes pudessem consumir drogas e se prostituírem. Em

contato com os usuários, nossa entrevistada os fez repensar a utilização daquele imóvel que, segundo ela, pertence ao ex-prefeito Newton Carneiro, pois, quando o referido senhor adquiriu os terrenos que comportam a Vila dos Palmares, o imóvel já existia e foi deixado para usufruto de quem precisasse. Assim relatou Edna Oliveira:

O prédio é de Newton Carneiro. Aqui tem várias casas que ele deixava com algumas pessoas morando e abrangia muitas famílias, só que o pessoal foi embora e esse prédio que eu estou falando, estava virando ponto de droga e de prostituição. A gente está limpando, isolou, pra abrir o nosso projeto. Os usuários eram daqui da comunidade mesmo, e a gente tentou passar pra eles que vai ser melhor pra família deles, então eles concordaram. A gente não teve medo de falar com eles, por que são adolescentes nascidos e criados aqui. A gente tenta mostrar o projeto pros irmãos deles, pra mãe deles, dizendo que vai ser o melhor. Eles não estão mais aí, já foram embora porque fizeram coisas erradas e o pessoal botou pra correr. Sábado mesmo, mataram um em frente à minha casa, a sorte é que a gente não estava em casa. O rapaz que mataram era um dos que freqüentavam o prédio que a gente vai utilizar. Na verdade eles moravam aí porque as mães não queriam mais eles em casa e eles se recolhiam aí⁹⁰.



Prédio em que Edna Oliveira pretende instalar um centro cultural na Vila dos Palmares

Edna Oliveira é uma moradora preocupada em amenizar as limitações às quais seus vizinhos estão submetidos. Devido às múltiplas precariedades existentes, os próprios moradores tentam ajudar-se no que podem. Como exemplo, podemos citar a atuação de um

⁹⁰ Entrevista concedida por Edna Francisca de Oliveira, em 01 de outubro de 2008.

morador desempregado, que, por possuir um fusquinha, presta socorro, transportando os doentes até o hospital localizado no Bairro de Prazeres. De acordo com Edna, o piso do carro já foi trocado três vezes, em consequência dos danos causados pelos inúmeros buracos. Por ter vivido momentos mais difíceis, procura, na atualidade, ajudar os que têm menos. Em seu depoimento Edna nos relatou:

Minha profissão é estar junto com a comunidade fazendo algo. Quando não estou em casa, estou com o povo na rua. A Vila dos Palmares, no momento, precisa de tudo. Nós precisamos de um calçamento, saneamento básico, uma educação melhor para os alunos, que é o principal, porque nós aqui temos escola, mas não temos adequadamente, e a saúde, porque ainda custa muito e uma ambulância também, que aqui é muito necessário. Eu acho que é o meu coração que é assim pra ajudar, é a necessidade que eu vejo o pessoal passar. Aqui todos são humildes, as mães trabalham no Aterro Sanitário, saem pra trabalhar e não tem quem tome conta das crianças, é um tomando conta do outro. Os pais também trabalham lá. Então, é uma comunidade muito carente, que precisa de tudo. É no social que eu procuro atuar, como a educação, que eu gosto muito de correr atrás, junto com a Secretaria de Educação, a saúde também, e trazer o de melhor pra nossa comunidade, por que a gente consegue muitas doações. Agora a gente está com o projeto pra fazer o sopão. A gente vai buscar os alimentos no CEASA, que eles lá fazem doações. Eu coletei roupas, sapatos o que as pessoas puderem doar pra distribuir com o povo daqui⁹¹.

A intervenção social de Edna, na Vila dos Palmares, já vem sendo praticada há algum tempo. Devido à amizade que mantém com um delegado de polícia, conseguia que funcionários, por ele enviados, facilitassem a aquisição de documentos para os moradores.

Como a fome é um problema visivelmente presente no bairro, principalmente entre aqueles que trabalham no Aterro Sanitário, nossa entrevistada conseguia que eles se reunissem e, com sua intermediação, fizessem o sopão solidário. A esse respeito nos esclareceu:

Antes eu me envolvi com a sopa e com o trabalho de documentos, como Registro de Nascimento, RG e Carteira Profissional, fora o trabalho de saúde. A gente pedia a um colega que é delegado, pra ele conseguir os amigos dele pra vir fazer esse trabalho aqui. Pra fazer a sopa, lá do Aterro, eles mesmos ajudavam, um dava o arroz, outro dava o macarrão, quando chegava alguma coisa na “oia”⁹², eles traziam também. É um ajudando o outro. Hoje está mais difícil porque nem a “oia” tem mais⁹³.

Embora admitindo que o Candomblé não seja uma religião que aconselhe a prática de atividades filantrópicas, Edna revela que transita com frequência por outras religiões e diz

⁹¹ Entrevista concedida por Edna Francisca de Oliveira, em 01 de outubro de 2008.

⁹² “Oia” é o termo utilizado pelos trabalhadores do Aterro Sanitário, ao se referirem aos alimentos lá despejados por caminhões advindos, principalmente, dos grandes supermercados localizados nas cidades do Recife e Jaboatão dos Guararapes.

⁹³ Entrevista concedida por Edna Francisca de Oliveira, em 01 de outubro de 2008.

ser bem recebida em todas as igrejas do bairro, sem notar, por parte dos adeptos, quaisquer tipos de preconceito e aversão. Afirma que o pertencimento a uma religião é importante para a realização de atividades como aquelas. Acredita que a presença de Deus na vida das pessoas, orientando-lhes as ações, é um contributo fundamental, conforme a seguinte asserção:

Pra se fazer um trabalho como esse que eu faço, o importante é que seja com Deus na frente, porque a gente só consegue as coisas com Deus. Muitas vezes as pessoas usam a parte espírita, umbandista, na maldade, eu acho que é por isso que muitas vezes, muitos sofrem, porque falam em Deus, mas não crêem. Pra gente estar dentro do espiritismo⁹⁴, tem que saber que primeiro está Deus, porque se Deus não der força, nada acontece. Eu acho que só cai uma folha se Deus permitir. Então, se a gente pede ao santo com fé e, se a gente pede primeiramente a Deus, Ele vai nos ajudar e se eles vêem que a gente tá merecendo, eles ajudam⁹⁵.

Segundo Edna, a alegria que proporciona àqueles que se beneficiam das atitudes de alcance social por ela tomadas, é o resultado mais importante, capaz de mantê-la perseverante, mesmo quando as dificuldades se apresentam muito incisivas. Ao final da entrevista, fez questão de pedir para que registrássemos o seu apelo às autoridades que possuem um poder de ação mais eficaz, se assim o quiserem. Transcrevemos, aqui, sua solicitação, embora fuja aos propósitos de nosso trabalho:

Eu queria deixar uma mensagem e, dizer a esses órgãos públicos, ao poder público, que fizessem algo pela Vila dos Palmares, porque ela é abandonada por todos. Gostaria de dizer que eles fizessem algo pela gente e olhassem pelas crianças que existem, pra tirar essas crianças da rua, porque do jeito que está indo, essas crianças vão ser os próximos desordeiros daqui, porque você não vê, não olhou. Se você conversar com esse daqui mesmo⁹⁶, ele fala logo: _ Quando eu crescer, eu vou pegar uma doze e vou matar, vou roubar... Por que não tem projeto nenhum pra essas crianças. Eu gostaria que as autoridades públicas fizessem alguma coisa por essas crianças e esses adolescentes⁹⁷.

O cuidado com a segurança e o futuro dos pequenos moradores não é diferente para Janaína Santana. Professora de formação, dedica-se, porém, atualmente, ao comércio, Janaína tem trinta anos, é membro da Assembléia de Deus, da Vila dos Palmares, igreja em que exerce as funções de Presidente do Grupo das Crianças, Secretária da Escola Dominical e,

⁹⁴ O termo “espiritismo” empregado por Edna, serve para designar as regiões espiritualistas como a Umbanda e o Candomblé. Na nossa compreensão, Espiritismo é a doutrina codificada por Allan Kardec, no século XIX.

⁹⁵ Entrevista concedida por Edna Francisca de Oliveira, em 01 de outubro de 2008.

⁹⁶ A referência foi feita a uma criança que, desde a nossa chegada ao local, aproximou-se e observou de perto o que fazíamos e dizíamos com bastante atenção, sem que os pais sequer por ela procurassem.

⁹⁷ Entrevista concedida por Edna Francisca de Oliveira, em 01 de outubro de 2008.

no período de férias, que pode ser no mês de janeiro ou julho, é também responsável pela EBF⁹⁸.

Em seu relato, Janaína expressa as dificuldades que enfrenta para pôr a EBF em funcionamento. Além do material a ser adquirido para uso durante as aulas, deve ser servido um lanche para as crianças, perfazendo, em média, um total de cem. Para tanto, os organizadores contam com a irrisória quantia de cem reais, doada pelo pastor, sendo aquela a única contribuição financeira. Preocupados com as despesas, os integrantes do grupo organizado por Janaína se esmeram em dedicação para que o evento ocorra a contento, conforme o seguinte esclarecimento:

A dificuldade maior é a falta de dinheiro. Pra se ter uma idéia, no primeiro dia, vêm cinqüenta ou sessenta crianças, no segundo, já estamos com cem e, no terceiro, com cento e cinqüenta. Já pensou ter material e lanche pra essas crianças todas? É porque a mocidade e os adolescentes são muito dispostos, graças a Deus! Sempre que a gente pede pra fazer algo, eles ajudam na hora, se reúnem e estão sempre me ajudando. Eu agradeço muito a eles, por que sem eles eu não ia conseguir. Eles se organizam, têm paciência com as crianças e gostam de ensinar. A gente tem crianças de quatro a cinco anos, de oito a nove, de doze a treze anos, alguns têm até quatorze anos. Mesmo os mais velhos, a gente recebe, não bota pra casa não. Nós só temos o dinheiro que o pastor dá, que são cem reais e a ajuda do trabalho dos adolescentes e da mocidade da igreja. Este ano, como não tinha dinheiro pra tirar cópias do material, eu pedi pra um menino na Igreja, que desenha, pra ele fazer os desenhos que as crianças iam usar. Convoquei as meninas que gostam de desenhar, e elas foram decalcando o que as crianças menores iam pintar. Uma pegava cinco folhas, outra pegava quatro e assim foram fazendo. É um ajudando o outro. Facilidade não tem muita não, mas com ajuda do pessoal da Igreja, a gente tem conseguido⁹⁹.

A escola funciona durante três dias e, como ela afirma, tem a finalidade de salvar vidas. Em seu depoimento, assim detalhou:

O objetivo da EBF é salvar vidas de crianças. A igreja faz um trabalho no templo central, reúne com a gente, escolhe uma história da Bíblia pra falar durante três dias com as crianças. O tema este ano foi José. Durante três dias, eles dão a história, a gente organiza duas professoras no grupo de adolescentes e mocidade, para que se reúnam, estudem a história e as músicas que vão ser cantadas durante os três dias. A forma de avaliação das crianças é a seguinte: os menores de 4 a 10 anos a gente faz desenho e as maiores até 14 anos são avaliadas através de perguntas, pra gente saber se realmente elas aprenderam. Os desenhos e as respostas são guardados e entregues a eles no último dia, quando a gente pergunta se eles querem aceitar Jesus, se eles querem realmente participar da Igreja. Por que o

⁹⁸ Escola Bíblica de Férias.

⁹⁹ Entrevista concedida por Janaína Guimarães de Santana, em 01 de outubro de 2008.

objetivo da gente, da EBF, é também trazer crianças que não são evangélicas à Igreja, pra que elas tenham uma religião. Porque eles estão soltos, não têm nada pra fazer durante as férias... Querem estar no rio, estar sempre soltos, pois, nem escola tem pra ir, então, o objetivo é que elas venham, participem, vejam se querem ou não participar e permanecer na Igreja. A gente pede às crianças da Igreja, para convidar parentes e amigos que ainda não freqüentam, que não são evangélicos¹⁰⁰.

Fica explícito, no relato supramencionado, que o “salvar”, ao qual Janaína faz alusão, é tão somente a tentativa veemente de conversão, preocupação presente na maioria das igrejas de denominação evangélica. Para nós, que tivemos a oportunidade de conviver, durante mais de duas décadas, com os moradores daquele bairro, mesmo que seja esse o único intuito da EBF, cento e cinquenta crianças seguras dos riscos que a rua oferece, tendo direito a um lanche, ainda que muito simples, durante três dias, pode fazer diferença no cotidiano de tantos que, muitas vezes, desmaiam por lhes faltarem as forças, vitimados pelo mal que geralmente julgamos estar tão distante de nós: a fome. Sempre que tomamos ciência de que alguém daquele local abraçou uma religião, seja ela qual for, temos esperança de que ela funcione como um suporte a mais para livrar crianças, adolescentes e jovens, do envolvimento com as drogas. Vejamos a seguinte afirmativa acerca da religião:

O cosmos sagrado, que transcende e inclui o homem na sua ordenação da realidade, fornece o supremo escudo do homem contra o terror da anomia. Achar-se numa relação “correta” com o cosmos sagrado é ser protegido contra o pesadelo das ameaças do caos. Sair dessa “relação” correta é ser abandonado à beira do abismo da incongruência. Não é fora de propósito observar aqui que o vocábulo “caos” deriva de uma palavra grega que quer dizer “voragem” e que “religião” vem de uma palavra latina que significa “ter cuidado”. Pode-se dizer, portanto, que a religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo¹⁰¹.

Não queremos aqui afirmar que o pertencimento religioso seja um antídoto contra todos os males do mundo, nem tampouco, a solução para o problema das drogas e da violência. A experiência, porém, tem comprovado que famílias inteiras no bairro redirecionam seu comportamento quando passam a frequentar uma igreja. Análise semelhante foi expressa pelas palavras de Janaína:

Para mim, além de salvar vidas, é importante tirar as crianças da rua. Pelo menos durante três dias, aquelas cem ou cento e cinquenta crianças estão fazendo alguma atividade e não estão na rua. Eles depois decidem se vão aceitar Jesus nas suas vidas ou não. Eu acho que na Igreja a gente tem mais oportunidade de se dedicar ao próximo. Eu falo das igrejas evangélicas e católicas também. Quando a gente sabe quem é Deus e os ensinamentos de

¹⁰⁰ Entrevista concedida por Janaína Guimarães de Santana, em 01 de outubro de 2008.

¹⁰¹ BERGER, 2004, p. 40 e 41.

Jesus, a gente sabe que tem obrigação de dizer e mostrar isso aos outros. A gente tem que amar o próximo e fazer algo por ele¹⁰².

De acordo com a observação realizada durante todo o período em que convivemos com os moradores de Muribeca dos Guararapes, presenciamos fatos, ouvimos histórias e partilhamos de dramas familiares estarrecedores, que fogem à imaginação de qualquer pessoa, por mais que ela esteja acostumada a situações aberrantes. Abuso sexual, relações incestuosas entre pai e filha, gravidez na adolescência, vidas ceifadas prematuramente devido à chamada queima de arquivo e incontáveis dramas dos que se envolvem com o consumo e tráfico de drogas são alguns dos problemas detectados, embora saibamos que podem ser constatados em qualquer esfera social, porém os noticiários divulgam, quase que unanimemente, apenas aqueles ocorridos nas camadas mais pobres da população. Reiteramos que tais acontecimentos não são exclusivos do Bairro de Muribeca dos Guararapes e que o propósito da nossa pesquisa é evidenciar o que há de positivo nas atividades praticadas por nossos entrevistados, justamente na tentativa de reduzir os problemas que aqui foram postos.

Uma das histórias que mais nos impressionou foi a de uma adolescente, mãe de uma criança de pouco mais de um ano, fruto da relação incestuosa com o seu pai, com quem vive maritalmente. A senhora vitimada pela traição do esposo recebe regularmente a visita da jovem mãe, por acreditar que a culpa é exclusiva do esposo, pai e avô da criança. O que, para muitos, pode parecer monstruoso ocorre com mais frequência do que se possa imaginar em muitos outros locais.

As mortes decorrentes de dívidas ou envolvimento com drogas apresentam, cada vez mais, requintes de monstruosidades cuja descrição não cabe neste trabalho.

Muitas vidas são bruscamente ceifadas, por motivos simples, como desavenças conjugais ou roubo de um objeto insignificante: às vezes, o executor recebe, pelo “serviço” prestado, uma quantia ainda mais irrisória. São atitudes extremamente brutais para faltas, frequentemente pequenas, levando à percepção de que a vida do ser humano, em certas circunstâncias, vale cada vez menos.

Naquela parte da Vila dos Palmares pareceu-nos que a violência é ainda maior, e a vulnerabilidade a que estamos submetidos, mais incisiva. Pela primeira vez, durante o levantamento de dados, conversas, observações e visitas que realizamos para desenvolver esta pesquisa, sentimos receio, apesar de estarmos em companhia da líder comunitária Telma Gomes, de Edna Oliveira, que nos pareceu contar com o respeito dos moradores circunvizinhos, de Jonas Santana, que já havia nos concedido entrevista e de Janaína Santana

¹⁰² Entrevista concedida por Janaína Guimarães de Santana, em 01 de outubro de 2008.

que, ali, também se fazia presente, para uma conversa protelada por praticamente seis meses. Apesar do sobressalto, nossa ida àquele local foi gratificante, por termos conseguido reunir quatro dos nossos entrevistados, que lá estavam para nos facilitar o acesso e que, após algumas trocas de informações, decidiram integrar as forças e contribuições para a realização de uma homenagem às crianças, por ocasião do seu dia, comemorado a doze de outubro. Sentimos, naquele momento, que, casualmente, nossa pesquisa estava sendo o ponto de convergência para aqueles agentes sociais que tomaram para si a responsabilidade de colaborar para minimizar o infortúnio das pessoas do bairro com as quais convivem, e que, pela primeira vez, perceberam ser a união possível e facilitadora para a concretização dos anseios cultivados por cada um deles. No mesmo espaço, interagindo e traçando caminhos sobre a melhor forma para realizar atividades afins, estavam representadas a Igreja Católica, da qual Jonas participa, a Igreja Batista, seguida por Telma, a Assembléia de Deus, freqüentada por Janaína, e o Candomblé, abraçado por Edna, em um encontro registrado e que pode ser constatado na foto abaixo.



Da esquerda para a direita: Telma Gomes, Janaína Guimarães, Edna Oliveira e Jonas Guimarães

Para nós, o momento não era apenas o da exteriorização de anseios e necessidades daqueles atores sociais, mas o encontro de quatro cidadãos comuns, cujas atitudes, nobres e intervencionistas, tentam objetivar outra realidade. A interação entre aquelas pessoas, através

da troca de experiências, poderá produzir uma ação social motivada por convicções e direcionamentos religiosos. Quanto à interação e ação social, afirmou Berger:

Agora torna-se compreensível a proposição de que o mundo socialmente construído é, acima de tudo, uma ordenação da experiência. A socialidade do homem pressupõe o caráter coletivo dessa atividade ordenadora. A ordenação da experiência é própria a toda espécie de interação social. Toda ação social supõe que o sentido individual seja dirigido aos outros e a interação social contínua importa em que os diversos sentidos dos atores se integrem numa ordem de significado comum¹⁰³.

Os exemplos relatados neste capítulo fazem parte do cotidiano de pessoas que partilham dificuldades similares e, embora estejam expostas a situações de risco extremo, são capazes de se entregar ao trabalho social, conscientes de que o caminho para a melhora é tortuoso, difícil, mas que alguém deve iniciá-lo e, por isso, estão dando o primeiro passo.

Encontramos inúmeros moradores da Vila dos Palmares trabalhando e também interferindo, de forma positiva, no Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca. A maneira como convivem, resguardam-se e atuam naquele inóspito local será abordada no capítulo seguinte.

¹⁰³ BERGER, 2004, p. 32.

3 A DIFÍCIL REALIDADE DOS CATADORES DO ATERRO DE RESÍDUOS SÓLIDOS DA MURIBECA

Para iniciarmos este capítulo, julgamos necessário esclarecer a diferença existente entre aterro sanitário, aterro controlado e lixão.

O aterro sanitário é uma técnica de engenharia que apresenta a possibilidade mais adequada para o destino dos resíduos sólidos domiciliares dos municípios. O solo é impermeabilizado com uma combinação de argila e lona plástica, para evitar a infiltração do solo com o chorume, líquido gerado pelos resíduos sólidos em decomposição. O sistema adota técnicas de engenharia para proteção do solo, evitando sua contaminação. Os líquidos produzidos são drenados por tubulações até uma lagoa de tratamento. Os gases liberados são captados, podendo ser utilizados como fonte de energia ou queimados. O local deve ser argiloso, distante, no mínimo, 200 metros de qualquer curso d'água. No entorno, devem ser construídos poços, para que sejam feitos monitoramentos, na tentativa de detectar possíveis vazamentos.

Aterro controlado pode ser considerado a etapa intermediária entre aterro sanitário e lixão. Visa a diminuir os impactos ambientais causados pelos resíduos sólidos urbanos, que são cobertos por uma camada de material inerte ao final de cada jornada de trabalho. Os resíduos sólidos enterrados são dispostos em células que, ao atingirem o estágio de saturação, são seladas com uma camada de terra medindo de 1,0 a 1,5 metros de espessura. Os aterros controlados geralmente são antigos lixões que passaram por um processo de remediação da área do aterro, com o isolamento do entorno na tentativa de diminuir os efeitos do chorume, com a canalização deste último para tratamento, com a remoção dos gases produzidos, com o recobrimento das células expostas, e com a compactação adequada, passando a haver gerenciamento de novos resíduos.

Lixão é a disposição de resíduos sólidos urbanos de forma inadequada, sem cuidado com o meio ambiente, reduzindo-se a um simples depósito a céu aberto, provocando impactos ambientais gravíssimos.

De acordo com a PNSB (Pesquisa Nacional de Saneamento Básico), realizada pelo IBGE, no ano de 2000, observamos que a porcentagem de resíduos sólidos urbanos produzidos no Brasil, relativa ao número de municípios brasileiros, tem o seguinte destino:

59% em lixões, 17% em aterros controlados, 13% em aterros sanitários e 11% passam por tratamento (compostagem, reciclagem e incineração)¹⁰⁴.

O Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, que, desde 1994, funciona como aterro controlado, época em que teve início a recuperação ambiental da área degradada, foi criado no ano de 1985, como lixão, através de uma gestão compartilhada entre as Prefeituras do Recife, Jaboatão dos Guararapes e Moreno, esse último município responsável pela menor quantidade de resíduos sólidos depositados. Desde a época em que ainda era lixão, as questões sociais sempre ficaram a cargo da Prefeitura do Recife, que é responsável por, aproximadamente, 2 mil toneladas de lixo diárias. A Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes nunca se envolveu nas questões sociais ali existentes, embora tenha sido acordada a sua participação naquele sentido.

Os resíduos sólidos ali dispostos são de origem doméstica e comercial, embora, durante muitos anos, o local tenha recebido, clandestinamente, lixo hospitalar, manipulado pelos catadores, sem a menor proteção. Apesar de ser um aterro público, não possui licenciamento ambiental, mesmo estando há 23 anos em funcionamento e com o final do seu tempo de vida útil já determinado para julho de 2009.¹⁰⁵



Entrada principal do Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca

¹⁰⁴ Dados fornecidos em **Coleta e disposição final do lixo**. Disponível em: <www.ambientebrasil.com.br>. Acesso em 15 de outubro de 2008.

¹⁰⁵ Diário de Pernambuco. Recife, 5 de julho de 2008.

Em 2007, devido ao esgotamento do Aterro e sua prenunciada extinção, a Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes passou a deslocar seu lixo, cerca de 500 toneladas diárias, para um terreno vizinho, sob a responsabilidade de uma empresa particular, a S.A. Paulista, que vetou o acesso dos catadores àquele local. Atualmente, os catadores apenas “trabalham” com os resíduos sólidos produzidos pelas cidades de Recife e Moreno.



No entorno do Aterro da Muribeca, algumas áreas já sofreram danos irreversíveis

Em julho de 2008, os três municípios assinaram o TAC (Termo de Ajustamento de Conduta), emitido pelo Ministério Público, comprometendo-se a desativar gradativamente o Aterro da Muribeca, e a desenvolver políticas ambientais compensatórias, devido à utilização indevida do local por mais de duas décadas. As ações serão proporcionais às responsabilidades de cada um dos três municípios envolvidos.

Essas medidas são necessárias porque a previsão é de que o lixo acumulado no aterro continue gerando gases nocivos ao meio ambiente e à camada de ozônio pelos próximos 10 anos. [...] os municípios também terão que iniciar campanha publicitária permanente para divulgar atitudes ambientalmente corretas, como a redução do lixo de casa e a separação de materiais recicláveis¹⁰⁶.

Desde 2006, empresas nacionais e internacionais disputam o terreno onde atualmente funciona o Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, devido à existência de uma riqueza grandiosa, localizada em seu subsolo. Trata-se do gás metano gerado pelos resíduos sólidos em decomposição. Homens e mulheres em condições miseráveis, alimentando-se de

¹⁰⁶ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 16 de julho de 2008.

lixo, pisam, diariamente, em uma verdadeira fortuna, enquanto disputas financeiras são empreendidas, alheias às condições deploráveis em que eles se encontram.

No subsolo do aterro municipal, se acumula o gás metano, considerado hoje uma fortuna natural resultante da decomposição do lixo depositado diariamente no local. Estudos realizados pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) analisaram a quantidade produzida do gás e constataram que o lixo apresenta um grande potencial energético, capaz de trazer benefícios financeiros, ambientais e sociais ao município pernambucano. ‘O Protocolo de Kyoto prevê que a queima do metano pode ser convertida em créditos de carbono (presente em sua molécula), gerando uma receita estimada hoje em 13 milhões de dólares’, explicou o engenheiro civil e mestre em Geotecnia, Felipe Maciel¹⁰⁷.

O que será feito em relação aos catadores que sobrevivem do Aterro? Não existe um projeto nesse sentido. São 3000 pessoas, aproximadamente, trabalhando todos os dias naquele local. Os impactos serão sentidos no Bairro de Muribeca dos Guararapes e adjacências. Os moradores pressentem o aumento da violência, de roubos e assaltos, uma vez que muitas famílias não terão como sobreviver.

O Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca também atrai pessoas de outras localidades. Existem catadores advindos, inclusive, de outros estados do Nordeste. Como exemplo, temos o caso de um catador, que não identificaremos, por nos termos comprometido, antecipadamente, em não fazê-lo, que veio do Rio Grande do Norte. O referido senhor passa três dias na área do descarrego¹⁰⁸, trabalhando praticamente as 24 horas do dia. O dinheiro que consegue com o trabalho compensa as despesas com transporte e manutenção durante o período.

Desde o início da construção do Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, que tínhamos curiosidade em conhecer de perto o dia a dia dos catadores e as condições em que trabalhavam. Ouvíamos histórias que, a princípio, pareciam sair de alguma mente fantasiosa, produtora de filmes de ficção. Casos chegavam ao nosso conhecimento, provocando medo apenas ao ouvi-los. Eram informações sobre mortes frequentes, pessoas que eram “moídas” nos caminhões que transportavam os resíduos, estupros, tráfico de drogas, espancamentos, disputas de gangues rivais e tantas outras. Alguns de nossos alunos foram mortos no local, por envolvimento com drogas ilícitas e roubo. Sempre ouvimos dizer que o acesso às pessoas estranhas era vetado. Apesar de lecionarmos no bairro há mais de duas décadas, ali no Aterro não trabalham somente os moradores de Muribeca dos Guararapes; portanto, especialmente

¹⁰⁷DIÁRIO POPULAR VIA INTERNET. Pelotas, RS. Sábado, 18 de março de 2006. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/18_03_06/p04.html>. Acesso em 10 de setembro de 2008.

¹⁰⁸ Descarrego é o nome dado à área do Aterro em que os resíduos sólidos são despejados.

para os que não podem ser identificados por possuírem pendências com as instâncias judiciárias, nossa presença não era salutar. Porém não nos conformamos com a informação e procuramos uma forma de chegar até o local com segurança. Não pretendíamos ir apenas às instalações onde atuam os funcionários da Prefeitura do Recife que tratam das questões sociais existentes nas bem cuidadas áreas, reservadas à apreciação dos visitantes, nem tampouco à sala de exposição de objetos confeccionados com material reutilizável. Nossa pretensão era chegar à área do descarrego, pisar no “lixo”, como fazem aqueles trabalhadores.

Nossa experiência foi possível após o contato feito com Itamar Ferreira Gomes, motorista de uma microempresa de reciclagem instalada nas proximidades do aterro. Os trabalhadores fizeram questão de posar para foto e de que divulgássemos a importância do trabalho que realizam. Naquele local, o plástico adquirido no aterro é prensado e levado para ser reciclado. Vale aqui ressaltar que o plástico, material não biodegradável, leva em média 100 anos para ser decomposto na natureza.¹⁰⁹



Máquina utilizada para prensar o plástico coletado

¹⁰⁹ Informação adquirida em **Tempo de decomposição de alguns materiais na natureza**. Disponível em: <<http://amavida.org.br/artigos2.php?=6>>. Acesso em 16 de outubro de 2008.

Itamar Gomes é pessoa bem quista dentre os catadores do Aterro da Muribeca. Tendo passado por várias experiências difíceis, que o fizeram repensar as atitudes e posicionamentos, hoje procura, como trabalhador responsável, ser exemplo para os filhos, a quem educa com disciplina e direcionamento religioso. Ele é membro da Igreja Batista de Muribeca dos Guararapes.

O ambiente inóspito é assustador e causa impacto até mesmo para alguém acostumado a conviver com pessoas em situação de degradação humana e miséria, o que fazemos há muitos anos, durante o período em que observamos de perto o cotidiano dos moradores de Muribeca dos Guararapes. O cheiro que os resíduos exalam é, a princípio, insuportável. Pareceu-nos, nos primeiros dez minutos, que não conseguiríamos ali permanecer, porém, ao olharmos aquelas pessoas a nos saudar, convidar a conversar, apertar-nos a mão, sorrindo, mesmo estando em uma situação tão adversa, reprimimos a impressão inicial e nos colocamos em condição equânime. Esboçar qualquer gesto de repulsa àquela situação pareceria uma afronta àqueles seres humanos tão receptivos. Passados os minutos iniciais, o odor não mais incomodou como antes.

O medo que nos acompanhava anteriormente foi abrandado após os contatos iniciais, apesar de ser voz corrente que ali podem ser encontrados, em meio aos trabalhadores comuns, traficantes, ladrões, assassinos etc. Tivemos a informação de que muitos estão ali trabalhando tão somente para pagar ao traficante dívida de droga.

Existem pessoas aqui que chegam a tirar por semana 540 reais, deixam quinhentos na mão do traficante e levam pra casa apenas quarenta, pra dar de comer à família. Pra isso trabalham 24 horas por dia aqui dentro, sob o efeito da droga. Antes era só maconha, agora é craque e cocaína também. Se o inferno existe, é viver aqui dentro trabalhando pra sustentar o vício. Isso é uma vida de miséria. Ver um pai de família viver assim chega a dar uma dor no coração¹¹⁰.

Chegar ao local do descarrego em companhia de um profissional da Prefeitura não é muito aceitável, porém, por intermédio de um trabalhador conhecido, é praticamente um atestado de imunidade. Por duas vezes, ouvimos a expressão: “Se está com Itamar está com Deus”. Itamar foi a nossa senha de acesso.

¹¹⁰ Entrevista concedida por Itamar Clarindo Gomes, em 22 de maio de 2008.



Ao centro, de camisa azul, Itamar Gomes e demais trabalhadores da empresa de reciclagem localizada nas proximidades do Aterro da Muribeca



Tenda dos “papudinhos”, em raro momento de descontração

Ao chegarmos ao Aterro, percebemos que as pessoas se agrupam de acordo com os hábitos cultivados. Assim, existe o grupo dos gays, que antes era perseguido e não aceito pelos demais, o grupo das mulheres destemidas, o grupo dos papudinhos¹¹¹, como eles se autodenominam, e tantos outros que insistiram para ser fotografados, resultando em inúmeras imagens, das quais são exemplo as duas fotos anteriores. A permissão para fotografar é uma prática recente. A proibição decorre do fato de existirem pessoas envolvidas com a polícia que não querem, por razões óbvias, ser identificadas. Muitos correram ao perceber nossa presença, outros, com voz muito firme, proibiram-nos de fotografá-los.

Revoadas de urubus, vermes e nuvens constantes de moscas compõem o cenário em que homens, mulheres e até mesmo crianças, apesar da proibição de menores no local, convivem, trabalham e se alimentam sem o menor cuidado com a higiene. Os drenos de gás instalados nas células aterradas, por ser o local em que o gás em combustão é visível, servem como fogareiros para que o alimento seja preparado. De acordo com Fátima Cintra, doenças como tuberculose e hepatite B ocorrem com frequência.



Dreno de gás em combustão, no Aterro da Muribeca¹¹²

Para um pesquisador que chega pela primeira vez, àquele local, é difícil imaginar como as pessoas conseguem alimentar-se ali mesmo, sem a menor condição de higiene;

¹¹¹ Papudinho é a autodenominação dos catadores que cultivam o vício da bebida.

¹¹² A foto é de autoria do Professor José Fernando Thomé Jucá e da Professora Veruschka Escarião Dessoles Monteiro, extraída do Artigo **Gestão ambiental no processo de recuperação da área do Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca**. Disponível em: http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/i_en/mesa4/4.pdf. Acesso em 16 de outubro de 2008.

porém, para os trabalhadores do Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, saciar a fome é mais importante do que quaisquer outras preocupações.



O catador, com um pacote na mão, caminha para um lanche

Nossa ida àquele local deveu-se, principalmente, à informação de que, dentro do Aterro, existia uma igreja evangélica, o que despertou nosso interesse. Como seria a atuação de um pastor em um local como aquele? Será possível a prática religiosa em meio ao lixo?

Após algumas conversas, constatamos que a igreja não mais existia. O local por eles invadido abriga, atualmente, os resíduos sólidos de Jabotão dos Guararapes. Os fiéis construíram outro templo nas proximidades do Aterro.

Em substituição à congregação que, forçosamente, saiu daquele ambiente, foi organizado, no local do descarrego, um grupo de louvor que congrega pessoas das várias denominações evangélicas lá existentes.

Gente de todas as igrejas evangélicas está ali orando, intercedendo pelas vidas, para que Deus salve, que Deus liberte, para que Deus venha entrar nas vidas com salvação, como ele entrou na minha. Deus tem libertado e tem salvado esse lugar. A gente insiste em fazer isso aqui porque Deus quer que a gente faça, Ele quer que a gente divulgue a sua obra. A gente se reuniu para fazer uma aliança, todos unidos como nós temos feito, para que não haja uma interferência nem pra um lado nem pra outro e isso aí o Senhor tem se agradado¹¹³.

¹¹³ Entrevista concedida por Flávio dos Santos de Melo, em 22 de maio de 2008.



O móvel desprezado vira púlpito para a celebração do louvor no Aterro da Muribeca

Os louvores são realizados ao ar livre, às nove horas das quartas, quintas e sextas-feiras. Fornado com um pano branco, o púlpito improvisado com restos de algum móvel que lá fora jogado, e sobre um plástico que faz as vezes de um tapete, os adeptos de várias denominações evangélicas se reúnem para, em meio ao lixo, louvar a Deus. A cena é indescritível em sua totalidade.

Um jovem de apenas três meses de conversão à Igreja Batista subiu em um pequeno monte de lixo, pois, segundo ele, Deus estava a pedir para que sua voz fosse ouvida com mais clareza e levada a mais pessoas, para que fossem tocadas pelo Espírito Santo. As palavras fluíam da boca daquele rapaz de forma a impressionar até os mais céticos.



Convertido há aproximadamente três meses, dá seu testemunho de vida

Alheios aos comentários impróprios que, por vezes, ocorrem em relação ao culto realizado, constatamos, naquele instante, a possibilidade de transformação daquele local degradante em um espaço sagrado.

O homem religioso só consegue viver numa atmosfera impregnada de sagrado, é preciso que tenhamos em conta uma quantidade de técnicas destinadas a consagrarem-lhe o espaço. [...] o sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade. O desejo do homem religioso de viver *no sagrado* equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – não numa ilusão. Esse comportamento verifica-se em todos os planos da sua existência, mas é evidente no desejo do homem religioso de mover-se unicamente num mundo santificado, quer dizer, num espaço sagrado¹¹⁴.

Hinos eram entoados de maneira fervorosa e inúmeras declarações de agradecimento pelas graças que conseguiam eram direcionadas a Deus, em virtude também da oportunidade de, naquele momento, estarem ali reunidos. Agradecimentos pela vida que levam, pelas pessoas com quem convivem e pelos visitantes que, naquele dia, se faziam presentes, constaram na fala de todos os componentes que, aos poucos, iam aumentando em número e participação.

¹¹⁴ ELIADE, 1992, p. 31 e 32.

No entorno, alguns catadores trabalhavam sem dar importância ao que estava ocorrendo, outros paravam, de longe, a observar, em sinal de respeito ao louvor que aos poucos ia tendo curso, mesmo sem a presença do integrante responsável, que, naquele dia, chegara atrasado ao local. Suor escorrendo-lhe no rosto, vestindo camisa de mangas longas, calçando sapatos sociais e Bíblia sob o braço, o senhor Flávio dos Santos de Melo, 41 anos de idade, catador cadastrado no Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, era o diferencial.

Ao observarmos aquele quadro, nós nos perguntávamos se a cena presenciada seria capaz de provocar alguma transformação nas pessoas que ali vivem e trabalham. Segundo Itamar Gomes, os crimes e a violência diminuíram de forma considerável após a realização dos cultos e louvores, como se as palavras e orações proferidas produzissem efeito positivo, o que constatamos durante a conversa que tivemos com a assistente social Fátima Cintra. Embora demonstrando atitude defensiva em relação aos catadores, admitiu que, de fato, o índice de criminalidade diminuíra no local, após a prática sistemática dos louvores. O poder de persuasão expresso nas palavras dos evangélicos é, de fato, um diferencial naquele ambiente inóspito. Acerca da religião e da linguagem utilizada pelos crentes das várias denominações religiosas, assim afirmou Rubem Alves:

Não, a linguagem religiosa não é um vidro transparente, abrindo-se para um lado de lá onde habitam entidades extramundanas. A religião é um sonho. Mas nos sonhos não nos encontramos nem no vazio, como pensava o empirismo, nem nos céus, como afirmavam os teólogos, “mas na terra, no reino da realidade. O que ocorre é que nos sonhos vemos as coisas reais no esplendor mágico da imaginação e do capricho, em vez da simples luz diurna da realidade e da necessidade”. O mundo do sagrado não é uma realidade do lado de lá, mas a transfiguração daquilo que existe do lado de cá¹¹⁵.

Responsável pela direção do louvor há cerca de sete anos, o senhor Flávio conta que foi resgatado por Deus do meio do lixo, pois antes levava uma vida desregrada. Sua conversão deveu-se aos cultos que eram realizados pelo senhor Herbert, responsável pela igreja que lá existia. De acordo com sua avaliação, os louvores que dirige são responsáveis pela mudança no comportamento de muitos, e a presença deles, naquele local, induz a um autopolicimento, quanto à conduta, que antes não existia. Nesse sentido afirmou:

Muitos que se encontram aqui, muitas vezes dizem que não tem mais jeito para a vida deles, não tem mais solução para sair do estado em que estão, então, eles param e ouvem a palavra do Senhor. No momento em que eles estão parados, ouvindo, o Espírito Santo de Deus vai trabalhando, vai esclarecendo a mente deles e mostrando aquilo que é certo e o que não é. Eu tenho certeza de que eles vão parar num canto, vão olhar e vão dizer que tudo aquilo ali que Deus está a falar através do irmão ou da irmã, como um

¹¹⁵ ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 95.

canal, Deus não quer isso pra vida deles. Tinha canto aí que, outrora, quando eu não era evangélico, eu entrava no meio, jogava e fazia outras coisas mais, mas hoje em dia... Não que a gente seja diferente das outras pessoas e, aí de nós se pensarmos que somos diferentes! A gente é diferente no sentido de que Deus fez a obra. Já não falamos do mesmo jeito, já não vivemos com as mesmas coisas. Então, isso aí também cria neles um evangelismo... Mesmo sem nós pregarmos, mas, quando eles vêm à gente! Às vezes eles querem dizer uma coisa, mas, quando nos vêem não dizem e, quando conseguem dizer, pedem desculpa, pedem perdão. Deus vai e escuta aquela palavra que eles disseram e eles ficam quebrantados quando vêem aquilo, por ver a vida da gente aqui dentro, mesmo nós estando nesse lugar¹¹⁶.

Constatamos, a partir do depoimento do senhor Flávio e dos demais catadores com quem tivemos oportunidade de conversar, a influência que os ensinamentos religiosos exercem sobre a vida de muitos, a ponto de fazê-los modificar as ações e posturas diante do outro, criando uma nova forma de comportamento e interação. A religião atua sobre a sociedade e esta sobre ela, como assim foi definido:

Uma definição sociológica da religião enquanto parte da dinâmica social, influi sobre ela e dela recebe um impacto decisivo. Uma definição sociológica da religião é uma definição da religião como fenômeno social, fenômeno social imerso numa complexa e movimentada rede de relações sociais. Vale dizer, uma definição sociológica da religião que procura recolher e expressar *um aspecto* das religiões: o aspecto de fenômeno social presente em todo fato religioso¹¹⁷.

Percebemos, nesse contexto, que a religião exerce, ali, naquele tão inóspito local, o de congregar e reunir as pessoas, não apenas as de denominações protestantes mas também de outras que não as que participam efetivamente dos louvores. Quanto à dinamização daquele grupo social, a crença em uma força superior faz com que seus componentes interajam e se sintam membros de uma coletividade, dando-lhes sentido de unidade e coesão. Assim, compreendemos que

as crenças religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhes são solidários. Tais crenças não são apenas admitidas, a título individual, por todos os membros dessa coletividade, mas são próprias do grupo e fazem sua unidade. Os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum¹¹⁸.

Nesse sentido avaliamos que a perspectiva sociológica durkheimiana percebe que a função da religião é a de promover a conservação da unidade e a integração entre os membros. Para ele, através da religião, os homens criam regras e estabelecem obrigações

¹¹⁶ Entrevista concedida por Flávio dos Santos de Melo, em 22 de maio de 2008.

¹¹⁷ OTTO, Maduro. **Religião e luta de classes**: quadro teórico para a análise de suas inter-relações na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 41.

¹¹⁸ DURKHEIM, 2003, p. 28.

mútuas que sedimentam as relações sociais. Observando o trabalho e as relações vivenciadas no Aterro da Muribeca, entendemos que, talvez mais do que nas outras áreas pesquisadas naquela, essa unidade e integração são mais necessárias.

Ao ser perguntado se o seu grupo desenvolve trabalho de assistência material ou quaisquer outras atividades de alcance social que beneficiem os demais catadores, respondeu:

A pessoa já entra aqui para reciclar o material, ganha daqui de dentro como nós também ganhamos. Nós trabalhamos aqui e ajudar em quê? Numa visita, uma oração. O material eles já pegam, porque trabalham aqui. Eu trabalho aqui também, foi aqui que Jesus também fez a obra na minha vida. Então, nós fazemos essa obra aqui por isso. Também que isso aqui é um grupo de irmãos, todos, de todas as dominações, todas as congregações: Assembléia, Belém, Presbiteriana, Madureira... Então, a gente se reúne para fazer essa obra e o Deus é o mesmo. Então, nós fazemos essa obra aqui e, isso aí é positivo, é necessário nós fazermos¹¹⁹.



Impecavelmente trajado, se comparado com a forma de vestir dos catadores, o senhor Flávio de Melo é o responsável atual pelos louvores realizados no Aterro da Muribeca

Relatou-nos o senhor Flávio de Melo que muitas pessoas, de outras denominações religiosas, o procuram para aconselhamento e pedidos de oração. De acordo com ele, o pão para a matéria é providenciado por Deus, através do trabalho como catadores, e o alimento do espírito, eles buscam a partir dos ensinamentos bíblicos, e muitos, que em nada creem, sentem por eles respeito e manifestam o desejo de modificar as atitudes que lhes são habituais.

¹¹⁹ Entrevista concedida por Flávio dos Santos de Melo, em 22 de maio de 2008.

A princípio, percebemos que as atitudes e intenções do senhor Flávio expressam a preocupação com a conversão de “ovelhas para o rebanho do senhor”, expressão comum entre os adeptos das religiões protestantes, o que ficou explícito na opinião de Fátima Cintra:

O trabalho dos catadores é muito individualista, a solidariedade religiosa é pouquíssimo vista aqui. Agora, cada um desses tem sua religião fora e nela há solidariedade. Há roubo de materiais, há crimes aí dentro, ainda há tráfico de droga. Então, o preceito religioso é pouco. O trabalho deles é muito individualista. A solidariedade existe entre os pares e os meus pares são da família. O preceito religioso dele é: ajude sua família, o outro que se vires. Mas, todas as sextas-feiras, você sempre vai ver os evangélicos pregando o Evangelho lá na área do descarrego. Eles cantam e os catadores lá, catando! Cerca de uma hora eles ficam lá. Eu acho que os maiores princípios religiosos, independente das religiões (que pode ser a espírita, a protestante, a católica etc.), são a solidariedade e a caridade, e aí em cima não há isso. Há pessoas pregando o Evangelho, mas ali você não vê princípios de solidariedade nem de caridade, ao contrário. Agora, há princípio de solidariedade com pessoas da família, porque o homem traz sempre a mulher dele, ou a companheira traz sempre o companheiro dela, então, um protege o outro¹²⁰.

Em resultados divulgados por institutos de pesquisa, órgãos governamentais encarregados de diagnosticar problemas e intenções do cidadão brasileiro comum e reportagens de diversos meios de comunicação, geralmente consta ser o maior sonho do trabalhador brasileiro, independente de pertencer à classe social baixa ou média, sair do aluguel através da aquisição da casa própria. Ao iniciarmos nossa visita ao Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, constatamos que, para muitas das pessoas que lá se encontram, o desejo maior é ter o mínimo de alimento para sustentar o corpo castigado pelo trabalho exaustivo, devido ao fato de viver, literalmente, no meio do lixo, enfim, é comer para permanecer com vida. Muitas delas “moram” no Aterro. Naquele local, para a maioria dos que são obrigados pelas limitações impostas por políticas econômicas e sociais deficitárias a viver em situações degradantes, o desejo maior é comer decentemente.

Ao analisarmos o depoimento de Fátima Cintra, percebemos um tom de desencanto e, no momento em que ela critica os procedimentos irregulares que ainda existem entre os catadores, ela o faz de forma generalizada, como se os cultos e louvores tivessem, necessariamente, a função imediata de erradicar todos os males. Compreendemos que fazer caridade ou praticar a solidariedade a partir da divisão do que é adquirido, não é uma atitude fácil para quem é obrigado a sobreviver do “lixo”. A partilha dos bens materiais na condição de precariedade em que aqueles homens e mulheres estão é tarefa difícil, uma vez que

¹²⁰Entrevista concedida em 22 de maio de 2008, por Fátima Cintra, assistente social da Prefeitura do Recife, que trabalha com os catadores do Aterro Sanitário da Muribeca.

alimentar-se é princípio básico para se manter vivo. Constatamos que a atenção, as orações e os conselhos direcionados aos que a eles recorrem é uma forma de expressar solidariedade e, por que não dizer, caridade, termo utilizado por nossa entrevistada, pois esses procedimentos, segundo muitos daqueles com quem conversamos durante a visita, têm provocado efeito positivo.

No Dicionário Aurélio, encontramos caridade definida como sendo “O amor que move a vontade à efetiva busca do bem de outrem, beneficência, filantropia, benevolência, complacência, uma das virtudes teologais”¹²¹.

O Espiritismo, para quem a caridade deve ser princípio condutor de todas as atitudes, posicionamentos e pensamentos para com o próximo, assim compreende este preceito:

A verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que dais, nem, mesmo, nas palavras de consolação que lhe aditeis. Não, não é apenas isso o que Deus exige de vós. A caridade sublime, que Jesus ensinou, também consiste na benevolência de que useis sempre e em todas as coisas para com o vosso próximo. Podeis ainda exercitar essa virtude sublime com relação a seres para os quais nenhuma utilidade terão as vossas esmolos, mas que algumas palavras de consolo, de encorajamento, de amor, conduzirão ao Senhor supremo¹²².

Após a análise dos depoimentos, das conversas que mantivemos com muitos catadores e do esclarecimento acerca do significado da caridade, que Fátima Cintra relaciona à solidariedade, concluímos que este preceito encontra-se presente nas atitudes do grupo de evangélicos e de tantos outros que ali se relacionam. Se caridade for entendida apenas como a partilha dos bens materiais, verificamos que muitos assim procedem, quando uma situação mais grave do que a vivida, cotidianamente, se estabelece, o que foi declarado no depoimento da Presidente da Associação dos Moradores de Muribeca dos Guararapes:

Se as pessoas que trabalham no Aterro adoecem, ficam doentes e a família com fome, porque não têm seguro desemprego, não têm ninguém que ajude, eles mesmos se ajudam, pra isso eles são unidos, se um adoecer lá, se for acidente, como o carro que passou por cima de um rapaz, todos os outros quando iam receber dinheiro no sábado, cada um dava cinco, dez reais. Um recolhe e traz na casa do que ficou doente¹²³.

¹²¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 133.

¹²² FRANÇA, Elisabeth de. Caridade para com os criminosos. In: KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 2007. p. 153.

¹²³ Entrevista concedida por Telma Ferreira Gomes, em 24 de abril de 2008.

A informação dada por Telma foi ratificada na declaração da própria assistente social, ao afirmar que “dentro do Aterro, eles têm uma solidariedade quando alguém se acidenta, aí eles fazem cota e se ajudam, se autoajudam”¹²⁴.

Caso a compreensão do que é caridade esteja relacionada apenas à disponibilidade em ouvir e aconselhar, já ficou evidente em comentários anteriores que esta prática também existe. Portanto, solidariedade ou caridade estão presentes, sempre que possível, entre os catadores do Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca.

Uma vez que expusemos nossa compreensão acerca da caridade, é conveniente procedermos de igual forma em relação à solidariedade, valor presente na fala de Fátima Cintra.

Dentro da perspectiva durkheimiana, apenas se consegue compreender com clareza o que é solidariedade através dos seus efeitos sociais. Por ser ela imaterial e de caráter psíquico, apesar de ser um fato social, é dependente do organismo individual, pois sua existência está atrelada a uma constituição física e psíquica. Ela faz surgir entre os homens uma consciência de direitos e deveres unindo-os uns aos outros de forma consistente.

Só pode haver solidariedade em outrem e nós se a imagem desse outrem se une à nossa. Mas quando a união resulta da semelhança das duas imagens, ela consiste numa aglutinação. As duas representações tornam-se solidárias porque, sendo indistintas, no todo ou em parte, se confundem e se tornam uma só coisa, e só são solidárias na medida em que se confundem. Onde é forte, inclina fortemente os homens uns para os outros, coloca-os frequentemente em contato, multiplica as ocasiões que tem de se relacionar. [...] é difícil dizer se é ela que produz esses fenômenos ou, ao contrário, resulta deles; se os homens se aproximam por ser ela enérgica, ou se ela é enérgica porque eles se aproximam uns dos outros. [...] basta constatar que essas duas ordens de fatos estão ligadas e variam ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Quanto mais os membros de uma sociedade são solidários, mais mantêm relações diversas seja uns com os outros, seja com o grupo tomado coletivamente¹²⁵.

Ora, se aquele grupo de louvor está promovendo uma aproximação não apenas entre os protestantes mas também entre os crentes de outras denominações religiosas e estes estão, a partir de então, sendo mais tolerantes uns com os outros, concluímos que a solidariedade ali está presente.

Ao nos despedirmos de Flávio de Melo, por ocasião da nossa visita ao Aterro, deixou-nos aquele senhor, como é costume dos evangélicos de todas as denominações, um trecho da Bíblia para nossa reflexão, que se enquadra nos comentários supracitados. Assim

¹²⁴ Entrevista concedida por Fátima Cintra, em 22 de maio de 2008.

¹²⁵ DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 28 e 31.

diz o texto: “Em todo o tempo ama o amigo e para a hora da angústia nasce o irmão” (Prov. 17,17)¹²⁶.

A maioria dos catadores não tem nível de escolaridade algum, o que limita as chances e expectativas de encontrar um emprego fora do local. Os que frequentam a escola, muitas vezes, não conseguem acompanhar o ritmo dos demais, devido à falta de tempo para uma dedicação sistemática. A falta de esclarecimento e a crueza da situação vivenciada cotidianamente, tornam-nos mais vulneráveis a falsas promessas e oportunismos eleitoreiros, tão comuns nas práticas políticas do país. Muitos candidatos a cargos eletivos se aproveitam da miséria existente naquele local para se autopromoverem; aliás, o Bairro de Muribeca dos Guararapes é um celeiro para a exploração eleitoreira, fato já constatado em capítulos anteriores, mas que julgamos conveniente ainda enfatizar.

A nossa visita ao Aterro da Muribeca atraiu a curiosidade de algumas pessoas do bairro, fazendo, inclusive, com que um morador com pretensões políticas se interessasse em ajudar o grupo de louvor ali organizado.

Ao chegarmos ao local, o senhor Flávio relatou o esforço que estava sendo empreendido para a aquisição do equipamento de som que pretendia utilizar durante os eventos.

Nós oramos a Deus e o Senhor colocou um propósito no nosso coração, pra nós comprarmos uns envelopes e darmos para as pessoas. Inclusive, todas essas pessoas que estão aqui dentro, têm cooperado na obra de Deus. Agora, essa caixa que a gente ia comprar, ia, não, vai comprar, pra fazer essa obra, a gente ainda não conseguiu. Eles cooperaram se a gente disser que não cooperar é falta diante de Deus e também diante dos homens. Hoje nós temos R\$ 217,00 guardados e temos ainda mais alguns envelopes para poder comprar essa caixa de som. Pra essa obra é necessária uma caixa de som. Nós temos uma bateria, uma peça que se chama inversor, e dois microfones. Só falta a caixa de som para fazermos a obra¹²⁷.

Nas palavras do senhor Flávio, percebemos o envolvimento dos catadores, inclusive dos não pertencentes ao grupo de louvor, colaborando em benefício daqueles homens e mulheres, acreditando que, assim, estão agindo em benefício de todos.

A ajuda dos moradores, supracitada, resultou na complementação do equipamento sonoro por eles utilizado. Embora não fosse aquela nossa intenção, justamente por não concordarmos que nossa visita fosse utilizada para promoção de quaisquer pessoas, uma vez que nossa ida ao local possuía finalidade puramente acadêmica, ficamos surpresa ao

¹²⁶ BIBLIA. **Novo Testamento**. Trad. de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana. p. 673.

¹²⁷ Entrevista concedida por Flávio dos Santos de Melo, em 22 de maio de 2008.

saber que, de alguma forma, independente dos interesses envolvidos, o grupo fora beneficiado.

Aqueles homens e mulheres simples, analfabetos em sua maioria, desprovidos dos bens materiais essenciais à sobrevivência digna de qualquer ser humano, estão fazendo e praticando a religião, ao mesmo tempo em que conseguem sensibilizar os que se encontram em situação similar, fazendo-os encontrar, nos ensinamentos religiosos, uma maneira de amenizar a realidade em que se encontram. Constatamos que, no Aterro da Muribeca, embora haja uma diversidade de crenças e hábitos, o grupo de louvor é respeitado e ajudado, por ser composto por pessoas que sofrem os mesmos infortúnios e enfrentam as mesmas dificuldades. Ao se reconhecer no outro, a aceitação e credibilidade nas palavras proferidas atuam de forma mais incisiva. Acerca do homem produtor da religião, comungamos com a afirmação que retrata, em especial, os catadores por nós contactados:

Quem é esse homem que produz a religião? Ele é um corpo que tem de comer, corpo que necessita de roupa e habitação, corpo que se reproduz, corpo que tem de transformar a natureza, trabalhar, para sobreviver. Mas o corpo não existe no ar. Não o encontramos de forma abstrata e universal. Vemos homens indissolavelmente amarrados ao mundo onde se dá sua luta pela sobrevivência, e exibindo em seus corpos as marcas da natureza e as marcas das ferramentas. Os bóias-frias, os pescadores, os que lutam no campo, os que trabalham nas forjas e prensas, os que ensinam crianças e adultos a ler – cada um deles, de maneira específica, traz no corpo as marcas do seu trabalho. Marcas que se traduzem na comida que podem comer, nas enfermidades que podem sofrer, nas diversões a que podem se dar, nos anos que podem viver, e nos pensamentos que podem sonhar – suas religiões e esperanças¹²⁸.

Após uma análise mais profunda dos depoimentos e de uma observação mais minuciosa, concluímos que os louvores, embora inicialmente se apresentem carregados de intenções proselitistas, atuam de forma a minimizar os atos de violência praticados no Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, contribuindo para a mudança de comportamento de muitos catadores, sem que, necessariamente, eles estejam convertidos à fé propagada pelos evangélicos atuantes no local.

Os membros do grupo de louvor não expressaram, em momento algum, que a atividade tenha unicamente interesse na conversão de fiéis. A convicção que possuem é de estar contribuindo para tornar aquele ambiente mais suportável, através do socorro espiritual sistemático e, se o efeito produzido é positivo, que a prática seja intensificada para o bem dos que vivem em um mundo sem perspectivas e esperança de melhora. Para eles, o poder de convencimento se expressa no exemplo de comportamento que assumem e no poder da

¹²⁸ ALVES, 1999, p. 73.

palavra. A linguagem é a estratégia primordial para o desenvolvimento do trabalho realizado pelo grupo de louvor. Sua importância encontra-se fundamentada na seguinte afirmação:

Devido a esta capacidade de transcender o “aqui e agora”, a linguagem estabelece pontes entre diferentes zonas dentro da realidade da vida cotidiana e as integra em uma totalidade dotada de sentido. [...] A linguagem constrói, então, imensos edifícios de representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo. [...] Com a linguagem e por meio dela, vários esquemas motivacionais e interpretativos são interiorizados com valor institucional definido¹²⁹.

O senhor Flávio deixou claro, em seu depoimento, a crença na providência divina, fruto da oração e da fé inabalável que possui. Para ele e para os demais componentes do grupo, a oração firme em direção a Deus é o suficiente para que os problemas sejam superados. Ao entrar em oração, a sintonia com o alto produz o discernimento necessário para administrar, com sabedoria, quaisquer contratempos que se apresentem. Segundo ele, não há dificuldades em realizar o seu trabalho no Aterro da Muribeca. Assim afirmou:

Pra mim não tem nenhuma dificuldade no trabalho aqui. Porque a partir do momento que nós oramos a Deus, Ele toma a frente e nos dá sabedoria e entendimento por misericórdia para falar para o povo que é carente. Ele tem feito assim nas nossas vidas. Tem uns casos de coisas materiais, mas o Senhor proverá. A gente fica alegre, por entrar nesse lugar e Deus convidar a gente para trazer a palavra para o povo que se encontra aqui dentro. Esse é o objetivo de Deus aqui dentro¹³⁰.

Para o senhor Flávio, o pertencimento religioso ajuda a abrir o coração do fiel e a caminhar em direção ao outro. Afirma que se não integrasse o grupo de louvor e não pertencesse à religião da qual hoje faz parte, estaria envolvido em atividades ilícitas, o que é comum no local, onde muitas pessoas, obrigadas pelas circunstâncias, as vivenciam quase que diariamente.

Eu creio que estar em uma religião é importante pela vida, pelo comportamento da pessoa. Aqui, muitas vezes, pelo testemunho de alguém, a pessoa vê, se interessa, olha para a pessoa, vê a pessoa diferente a partir do momento que o Evangelho entrou na vida dela. Eu creio que eles olham e se espelham, dão prioridade para aquela pessoa ali, mesmo estando naquelas condições. A vida do cristão é ser como um espelho, quando a pessoa se levanta de manhã e olha para o espelho, então, alguém olha para a nossa vida e quer ser assim. A Bíblia diz que quem convence o homem e a mulher é o Espírito Santo de Deus. Nós pregamos e o Espírito Santo faz a obra. Hoje eu só me encontro aqui, porque o Espírito Santo Dele fez a obra na minha vida,

¹²⁹ BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 59, 61 e 181.

¹³⁰ Entrevista concedida por Flávio dos Santos de Melo, em 22 de maio de 2008

mesmo eu tendo me afastado três vezes, mas Jesus foi, me trouxe de volta e tem trabalhado¹³¹.

Remetendo-nos aos conceitos de exteriorização, objetivação e interiorização que fundamentam este trabalho dissertativo, detectamos na atividade praticada pelo grupo de louvor do Aterro da Muribeca, a dialética entre os três conceitos. À medida que os ensinamentos religiosos vão sendo exteriorizados, propõem uma nova realidade que está sendo objetivada, uma vez que o índice de violência vem decrescendo, sinal de que outra percepção quanto à importância de um comportamento mais ameno vai sendo interiorizada.

Não se quer dizer que qualquer sistema religioso particular nada mais seja senão o efeito ou “reflexo” dos processos sociais. Pelo contrário. O que se afirma é que a *mesma* atividade humana que produz a sociedade também produz a religião, sendo que a relação entre os dois produtos é sempre dialética. [...] A religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade¹³².

É notória, nos depoimentos concedidos, durante nossa visita ao Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, a importância que a prática sistemática do grupo de louvor tem exercido sobre a vida das pessoas que ali trabalham e convivem diariamente. Constatamos de perto a crueza da realidade vivida por aqueles homens e mulheres e percebemos que, embora a atividade desenvolvida pelo grupo seja tratada com desdém, indiferença e até mesmo menosprezo por parte de alguns catadores e funcionários, encarregados pela administração local, é possível constatar que as mudanças, mesmo que discretas, estão ocorrendo.

Diante do objetivo central da pesquisa realizada, que foi o de analisar as motivações religiosas presentes em pessoas que desenvolvem atividades de promoção humana em Muribeca dos Guararapes, pode parecer que apenas a prática de um louvor, no Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca, seja pouco, em face de todos os problemas e limitações a que aquelas pessoas estão submetidas. Porém deve-se levar em consideração a condição de miséria vivida pela maioria dos frequentadores do local e o fato de não se tratar de uma área residencial, mas, sim, de um ambiente de trabalho. O fato de pessoas se aproximarem na busca de uma convivência mais harmônica e o consenso de que o número de mortes ali cometidas apresentou uma redução, que foi sentida por todos, catadores e funcionários da Prefeitura, encarregados de manter a harmonia entre os frequentadores do Aterro, é, a nosso ver, uma conquista significativa. Para praticar quaisquer atividades, ou práticas sistemáticas de ajuda e solidariedade, é necessário, primeiramente, permanecer vivo.

¹³¹ Entrevista concedida por Flávio dos Santos de Melo, em 22 de maio de 2008.

¹³² BERGER, 2004, p. 41 e 61.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pertencimento religioso, muitas vezes, rotula, estigmatiza e limita a impressão que se tem em relação aos adeptos das mais diversas denominações religiosas. Comumente, olha-se para um desses crentes, enquadrando-os em padrões pré-estabelecidos.

A partir da análise das atividades de promoção humana praticadas por nossos entrevistados, concluímos que os rótulos nada mais são do que comportamentos preconceituosos, consequência, principalmente, do senso comum cultivado durante séculos em nosso país, como fruto do processo colonizador europeu que aqui impôs padrões de comportamento que, apesar do encontro e confronto cultural ocorrido, se sobrepuseram e, em muitos episódios excluíram, principalmente, os não cristãos e por que não dizer, os não católicos.

Convencionou-se relacionar a prática do amor ao próximo aos cristãos, mais especificamente aos católicos, uma vez que devido aos estereótipos estabelecidos, os adeptos das várias denominações protestantes, seriam muito fechados, limitando suas obras aos que comungam da mesma fé.

Aos espíritas, geralmente, atribui-se a prática da caridade, que, quase sempre, sem uma reflexão mais aprofundada, é associada ao assistencialismo, que acomoda e mantém o quadro de problemas estruturais que permeiam a sociedade.

Sabemos que, nesta etapa conclusiva, não cabe uma discussão acerca das proposições supramencionadas, porém foram elas levantadas para ratificar a nossa afirmativa de que os três segmentos religiosos analisados no Bairro de Muribeca dos Guararapes: católico, protestante e candomblecista preocupam-se e reagem da mesma forma, cada um dentro das suas limitações, em relação aos problemas lá detectados. Evidentemente, a criatividade empregada e as pequenas soluções encontradas variam de acordo com cada ator social, a finalidade, porém, é a mesma, qual seja: minorar as carências que, como observamos, não são poucas. Em todos percebemos um comportamento de liderança, associado ao carisma que é muito evidente nas atitudes por eles tomadas, à medida que conseguem, através das posturas assumidas, fazerem-se respeitar e engajar outras pessoas nas obras que realizam.

Apesar de detectarmos, em alguns momentos, por parte dos nossos entrevistados, desejo de reconhecimento dos demais habitantes do bairro, concluímos que aquele não era um comportamento induzido por sentimento egoísta e vaidoso, constatação endossada pela continuidade e aperfeiçoamento das ações que praticam. Mesmo considerando os momentos

de hesitação gerados pelas inúmeras limitações a que estão submetidos, a disponibilidade, a criatividade e o entusiasmo com os quais se dedicam ao trabalho pela melhoria da qualidade de vida dos moradores de Muribeca dos Guararapes são evidentes em todos eles.

Concluimos que o pertencimento religioso é um contributo fundamental na motivação das ações por eles praticadas, fato que foi justificado nos depoimentos de todos, quando fizeram alusão à assistência divina e a importância da orientação religiosa para a prática sistemática das atividades de promoção humana, embora admitamos a existência de outras pessoas que também atuam no bairro, sem demonstrar essa particularidade, que foi a grande proposta deste trabalho dissertativo.

Temos ainda a considerar a singularidade das relações, práticas, condutas, articulação e mecanismos que determinam o convívio no Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca. Diante da inóspita crueza da realidade ali identificada, admitimos que os direcionamentos futuros que serão dados ao local e às pessoas que dali sobrevivem, instigou-nos a um estudo e análise mais aprofundados. Participar do evento religioso naquele local tão adverso e constatar os anseios e fé diante de uma condição de tantas carências, certamente foi um dos momentos de maior reflexão deste trabalho que ora encerramos. Lá, talvez mais do que nos outros locais observados, constatamos a importância que a religião exerce sobre o comportamento das pessoas que creem neste ser transcendente a quem muitos chamam de Deus.

Queremos frisar, neste instante das considerações finais da pesquisa, haver constatado a recorrência de dois fatores como as principais preocupações dos nossos entrevistados e que eles tentam minimizar através de suas ações: a fome e a preocupação com o futuro das crianças e adolescentes.

Lamentavelmente tão perto de nós, a fome ainda compõe, de forma persistente e veemente, o quadro de limitações a que tantas pessoas estão submetidas, o que fica transparecido através da distribuição do sopão e de cestas básicas, da rotina das crianças do Clube de Mães e Creche Lar Esperança, entre outros. O que para muitos pode parecer assistencialismo, compreendemos ser a preocupação essencial, uma vez que a fome precisa ser saciada para que o indivíduo permaneça vivo e possa, a partir de então, buscar meios que minimizem as carências diárias. Vimos que, através do que os crentes das denominações religiosas observadas denominam de alimento espiritual, recebido em suas congregações, estão aquelas pessoas em Muribeca dos Guararapes, buscando, primeiramente, saciar a fome material dos seus iguais, uma vez que, definitivamente, a fome não pode esperar.

Quanto aos problemas relacionados às crianças, adolescentes e jovens, concluímos que os desacertos, muitas vezes evidenciados, são produto de um sistema econômico, político e social que relega à condição inferior ações efetivas que se refiram à educação, à saúde e às políticas públicas que buscam limitar os riscos aos quais os mais jovens estão expostos. É certo que a índole contribui para que problemas como a violência ocorram, porém, se as limitações supramencionadas fossem minimizadas, certamente teriam eles melhor futuro. Afirmamos isso pela experiência que temos no exercício do magistério, a partir do qual, inúmeras vezes, constatamos a carência afetiva que acompanha tantas crianças e adolescentes. Ainda que possa parecer piegas, vemos que, na maioria das vezes, um comportamento arreado significa a reclamação por um afago, um toque, uma mão que acarinhe, atitudes pouco presentes nas relações familiares daqueles estudantes.

Concluímos, ainda, que, apesar de muitas pessoas, em Muribeca dos Guararapes, estarem dedicando grande parte do seu tempo à prática de ações relacionadas à melhoria do bairro e, principalmente, ao bem-estar do próximo, apresentamos, como ponto falho, a falta de engajamento entre os sujeitos da nossa pesquisa. É o reconhecimento do trabalho diante dos demais habitantes do bairro? São os entraves gerados pelos apoios políticos partidários que não facilitam uma interação maior e mais eficaz? Certamente, ao término da pesquisa que nos propusemos fazer, outras questões surgiram para nos continuar instigando.

Finalmente, queremos enfatizar, mais uma vez, o propósito inicial deste trabalho, que buscou, através da análise das ações praticadas a partir do pertencimento religioso, ressaltar as qualidades dos atores sociais observados, evidenciar a importância histórica de Muribeca dos Guararapes para o Município de Jaboatão dos Guararapes, constatando que, mesmo em meio a uma condição de vida permeada por limitações perversas e cerceadoras, como as que foram aqui expostas, existem pessoas que estão procurando, motivadas ou não pela pertença religiosa, através de pequenas, porém, eficazes soluções, proporcionar aos seus pares o mínimo de dignidade a que todo ser humano tem direito.

REFERÊNCIAS

a) Livros e periódicos

ALVES, Rubem. **O que é religião?** 9. ed. São Paulo: Loyola, 2008. 131 p.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** 5. ed. Trad. de José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 2004. 194 p. (Coleção sociologia da religião, n. 2).

_____; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 11. ed. Trad. de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1999. 248 p.

BÍBLIA. **Novo Testamento.** Trad. de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana. 694 p.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social.** Petrópolis: Vozes; KOINONIA, 2003. 260 p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.**

_____. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990.** Estatuto da Criança e do Adolescente.

CABRAL, Newton D. A.. Entre a História e as Ciências da Religião: questões teórico-metodológicas sobre o trabalho com depoimentos orais. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP.** Recife, v. 4, p. 205-217, 2005.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Uma novela chamada Lixão da Muribeca. Recife, quinta-feira, 5 de julho de 2008.

_____. Lixão da Muribeca será fechado em 2009. Recife, quarta-feira, 16 de julho de 2008.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 483 p.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Martins Fontes, 2003. 609 p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** Trad. de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 191 p.

FRANÇA, Elisabeth de. Caridade para com os criminosos. In: KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo.** São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 2007. 365 p.

GOUVEIA, João Ricardo da Silva. **A espacialidade do cotidiano dos alunos de 1º Grau da Muribeca Rua – Jaboatão dos Guararapes.** 1999. 64 p. Monografia (Especialização em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

HOORNAERT, Eduardo (Org.). **História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo.** Primeira época. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

LIBANIO, João Batista. **As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001. 229 p.

- MARCENA, Adriano (Ed.). **Jaboatão histórias e lutas**. 3. ed. Jaboaão dos Guararapes, 2004.
- MATTOS, Patrícia. Formas do desrespeito social. **Mente, cérebro & filosofia** – o século XX. São Paulo: [sn.], [s.d.], n. 08. 58 - 67p.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Trad. de Antônio Felipe Marques. Lisboa: Edições 70, 2001. 199 p.
- MEGALE, Nilza Botelho. **O livro de ouro dos santos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 245 p.
- NASCIMENTO, Dinalva de Melo do. **Metodologia do trabalho científico: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Forense, 2002, 192 p.
- OTTO, Maduro. **Religião e luta de classes: quadro teórico para a análise de suas inter-relações na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria L.de O.; OLIVEIRA, Márcia G. M. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2. ed. rev. e amp. Belo Horizonte: UFMG, 2002. 159 p.
- SILVA, Diego Henrique da.; SILVA, Ricardo Henrique da. Muribeca onde tudo começou. In: BELO, Aduza (Org.). **Antologia do Instituto Histórico de Jaboaão**. Jaboaão dos Guararapes, 2006. 96 p.
- SILVA, Drance Elias da. **Interpretações da religião na modernidade**. Recife: UNICAP, 2007. 26 p.
- TAYLOR, Charles. A política de reconhecimento. In: TAYLOR, Charles; APPIAH, K. Anthony *et al.* **Multiculturalismo**. Lisboa: Piaget, 1998. p. 45-94.
- VALLE, João Edênio dos Reis. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. 149 p.
- WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963. 530 p.
- _____. **Metodologia das ciências sociais**. Parte 2. São Paulo: Cortez, 1973. 453 p.

b) Material eletrônico

- ALVES, Cleide. Autor do primeiro dicionário português viveu na Muribeca. **Jornal do Commercio**. Recife. 27 de agosto de 2000. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/JC/_2000/2708/cd27081.htm>. Acesso em 20 de julho 2008.
- BARBOSA, Virgínia. Bernardo Vieira de Melo. **Fundação Joaquim Nabuco**. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=299&textCode=7375> Acesso em: 20 de julho de 2008.
- BERNARDO Vieira de Melo. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCod>

e=16&pageCode=299&textCode=7375. Acesso em 20 de julho de 2008.

DANNEMANN, Fernando Kitzinger. **Dicionários: Qual foi o primeiro?** Disponível em: <<http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=114058>>. Acesso em 19 de julho de 2008.

DIÁRIO POPULAR VIA INTERNET. **Empresas brigam para explorar o Lixão da Muribeca.** Pelotas, RS, sábado, 18, de março de 2006. Disponível em http://www.diariopopular.com.br/18_03_06/p04.html. Acesso em 10 de setembro de 2008.

MOORE, Henrieta. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos Pagu**, v, 14, 2000. p. 13-44. Disponível em: <<HTTP://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad14/n14a02pdf>>. Acesso em 30 de janeiro de 2008.

TEMPO de decomposição de alguns materiais na natureza. Disponível em: <<http://amavida.org.br/artigos2.php?=6>>. Acesso em 16 de outubro de 2008.

VIDA REAL. **NE TV Primeira Edição.** Recife: Rede Globo, 09 de setembro de 2008. Disponível em: <www.pe360graus.com>. Acesso em 15 de setembro de 2008.

c) Entrevistas

CINTRA, Fátima. Jaboaão dos Guararapes, 22 de maio de 2008. (**Entrevista Inédita**).

CRUZ, Cristiane. Jaboaão dos Guararapes, 04 de maio de 2008. (**Entrevista Inédita**).

GOMES, Itamar Clarindo. Jaboaão dos Guararapes, 22 de maio de 2008. (**Entrevista Inédita**).

GOMES, Neilson Cândido. Jaboaão dos Guararapes, 28 de abril de 2008. (**Entrevista Inédita**).

GOMES, Telma Ferreira. Jaboaão dos Guararapes, 24 de abril de 2008. (**Entrevista Inédita**).

LIMA, Heleno de. Jaboaão dos Guararapes, 15 de maio de 2008. (**Entrevista Inédita**).

MELO, Flávio dos Santos de. Jaboaão dos Guararapes, 22 de maio de 2008. (**Entrevista Inédita**).

NASCIMENTO, Maria Cristina. Jaboaão dos Guararapes, 25 de abril de 2008. (**Entrevista Inédita**).

OLIVEIRA, Edna Francisca de. Jaboaão dos Guararapes, 01 de outubro de 2008. (**Entrevista Inédita**).

SANTANA, Janaína Guimarães de. Jaboaão dos Guararapes, 01 de outubro de 2008. (**Entrevista Inédita**).

SANTANA, Jonas Guimarães de. Jaboaão dos Guararapes, 06 de maio de 2008. (**Entrevista Inédita**).

APÊNDICE

Relação dos entrevistados

CRISTIANE TENÓRIO CRUZ – Nascida a 26 de dezembro de 1974, em São Paulo, reside, atualmente, na Rua da União, nº 15, Vila dos Palmares, Jaboatão dos Guararapes. Exerce a função de agente de saúde, em Muribeca dos Guararapes. Concedeu entrevista no dia 04 de maio de 2008, em sua residência. É adepta do Candomblé.

EDNA FRANCISCA DE OLIVEIRA – Doméstica, concedeu entrevista no dia 01 de outubro de 2008, na residência de sua genitora, na Vila dos Palmares, em Muribeca dos Guararapes. Por não serem solicitados seus dados por ocasião da entrevista, eles não foram conseguidos até a presente data. É adepta do Candomblé.

FÁTIMA CINTRA – Assistente social vinculada à Prefeitura da Cidade do Recife. Concedeu entrevista no dia 22 de maio de 2008, em sua sala, no Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca. Por não serem solicitados à época da entrevista, seus dados não constam nesta etapa do trabalho.

FLÁVIO DOS SANTOS DE MELO – Catador cadastrado no Aterro de Resíduos Sólidos Muribeca, local em que concedeu entrevista, no dia 22 de maio de 2008. Não temos seus dados pessoais, por não terem sido solicitados por ocasião da entrevista. Adepto da Igreja da Igreja Evangélica Ministério de Belém.

HELENO FÉLIX DE LIMA – Escriturário aposentado, concedeu entrevista no dia 15 de maio de 2008, na Escola Humberto Lins Barradas, em Muribeca dos Guararapes. Nascido em Sirinhaém – PE, a 15 de junho de 1925, reside atualmente na Rua Maurino Mendes, em Muribeca dos Guararapes. Membro da Assembléia de Deus.

ITAMAR CLARINDO GOMES – Motorista, nascido em Jaboatão dos Guararapes - PE, a 04 de dezembro de 1973. Residente na Rua dos Namorados s/n, Muribeca dos Guararapes, concedeu entrevista no dia 22 de maio de 2008, no Aterro de Resíduos Sólidos da Muribeca. Membro da Igreja Batista.

JONAS GUIMARÃES DE SANTANA – Nascido no Recife-PE, a 22 de fevereiro de 1985, concedeu entrevista no dia 06 de maio de 2008, na Escola Humberto Lins Barradas, em Muribeca dos Guararapes. Reside na Rua Boa Vista, nº 6, na Vila dos Palmares. Exerce a função de agente de saúde, no Município de Jaboatão dos Guararapes, atuando na Vila dos Palmares. Adepto do catolicismo.

JANAÍNA GUIMARÃES DE SANTANA – Nasceu no Recife-PE, a 20 de agosto de 1979. Residente na Rua Boa Vista, nº 6, na Vila dos Palmares. Concedeu entrevista no dia 01 de outubro de 2008, na residência da senhora Letícia Oliveira, na Vila dos Palmares, em Muribeca dos Guararapes. Professora de formação, atualmente trabalha como comerciante. Integrante da Assembléia de Deus.

MARIA CRISTINA DO NASCIMENTO – Nascida em Jaboatão dos Guararapes, a 24 de novembro de 1953. Residente na Avenida Newton Carneiro, nº 104A Vila dos Palmares. Concedeu entrevista no dia 25 de abril de 2008, no Clube de Mães e Creche Lar Esperança, na Vila dos Palmares, em Muribeca dos Guararapes. Adepta do catolicismo.

NEILSON CÂNDIDO GOMES – Nascido em Jaboatão dos Guararapes, a 19 de agosto de 1971. Residente na Rua da Matriz, nº 118, Muribeca dos Guararapes. Concedeu entrevista no dia 28 de abril de 2008, na Escola Humberto Lins Barradas, em Muribeca dos Guararapes. Adepto do catolicismo.

TELMA FERREIRA GOMES - Nascida em Jaboatão dos Guararapes, a 09 de janeiro de 1974, reside atualmente na Rua do Rosário, nº 365, em Muribeca dos Guararapes. Concedeu entrevista no dia 24 de abril de 2008, no Posto de Saúde de Muribeca dos Guararapes. Atualmente, exerce a função de agente de saúde, do Município de Jaboatão dos Guararapes, atuando na Vila dos Palmares. Integrante da Igreja Batista.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)